

Elise

E SUAS FORMAS
DE AMAR



GABRIELA S.S.



Elise e suas formas de amar

Gabriela de Souza Santos

São Paulo

2021

Copyright © 2021 by Gabriela de
Souza Santos

**Dados Internacionais de Catalogação na
Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Santos, Gabriela de Souza

Elise e suas formas de amar / Gabriela de
Santos. -- 1. ed. -- São Paulo : Ed. do Autor,

ISBN 978-65-00-20726-2

1. Ficção brasileira I. Título.

21-62238

CDD

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura brasileira B869.3

Maria Alice Ferreira - Bibliotecária -
CRB-8/7964

Todos os direitos reservados à
Gabriela de Souza Santos.



Para a minha mãe número um, aquela que
esteve ao meu lado durante todo o
processo e foi a primeira a ler este

romance.

Obrigado, Mãe.



Sumário

[Primeiro capítulo](#)

[Segundo capítulo](#)

[Terceiro capítulo](#)

[Quarto capítulo](#)

[Quinto capítulo](#)

[Sexto capítulo](#)

[Sétimo capítulo](#)

[Oitavo capítulo](#)

[Nono capítulo](#)

[Décimo capítulo](#)

[Décimo primeiro capítulo](#)

[Décimo segundo capítulo](#)

[Décimo terceiro capítulo](#)



Primeiro capítulo

Era uma vez

No início de mais um dia de verão na fazenda de café, as flores coloriam o jardim, e o Sol tentava arduamente entrar no quarto quando Lúcia abriu as cortinas e deixando a luz do Sol tocar o chão, a cama, e finalmente o rosto de Elise, que por sua vez resmungou se espreguiçando.

- Bom dia, senhorita Elise!

- Bom dia, Lúcia - Resmungou

virando-se para o outro lado e escondendo o rosto do Sol.

- Vamos! Está na hora de levantar, seu banho já está pronto. – Lúcia deu a volta na cama e entrou na suíte do quarto.

Lá havia uma banheira cheia com flores amarelas sob a água morna. Elise levantou-se da cama, tirou a camisola no caminho e entrou na banheira, ainda sonolenta. Aconchegou-se e começou a se lavar, enquanto Lúcia voltou ao quarto e arrumou a cama.

- Obrigado, Lúcia – Disse Elise saindo do banheiro enrolada em uma toalha. –

Hoje quero usar aquele vestido azul claro, que você disse que combina com meus olhos, está por aqui? – Perguntou Elise enquanto vasculhava o armário.

- Sim, na direita.

- E você poderia fazer um coque solto no topo da minha cabeça e colocar uma fita amarela. O que acha?

- Vai ficar linda como sempre, senhorita.

Momentos depois, Elise estava pronta descendo as escadas em direção à sala de jantar. Quando chegou, se deparou

com seu pai lendo o jornal em uma ponta da mesa, na outra estava sua mãe tomando chá, e no meio estavam suas duas irmãs, Madalena, a mais nova, e Catarina, a mais velha. Durante o café da manhã, sua mãe mencionou algo sobre Elise precisar achar um pretendente, sobre Madalena ter modos à mesa, e alguma coisa sobre o noivo de Catarina, mas ninguém pareceu se interessar sobre tais assuntos.

- Com sua licença. – Disse Elise, momentos depois se retirando da mesa do café.

- Elise! Mais tarde podemos cavalgar até o lago? – Perguntou Madalena.

- Sim, Mada, antes do chá da tarde. – Madalena assentiu, Elise saiu do cômodo e foi em direção ao jardim.

Ela adorava dias ensolarados, pediu à Lúcia que pegasse seu livro e sua sombrinha e a encontrasse no pessegueiro. Algum tempo depois, Elise estava sentada em baixo da árvore, rodeada por crianças da fazenda, todas prestando muita atenção na história que ela contava.

- Ah sim! É verdade! Ele montou em

seu cavalo e foi o mais rápido possível em direção ao centro da cidade....

- E o que tinha lá? – Perguntou uma menininha de cabelos cacheados.

- É! E o que ele foi fazer lá? – Perguntou um garotinho de olhos grandes e escuros.

- Se me deixarem continuar, suas perguntas terão respostas...- Disse Elise calmamente virando a página do livro.

- Pois bem, continue então... – Resmungou uma das crianças, cruzando os braços.

Enquanto Elise continuava a história, um pêssgo caiu da árvore bem no meio do livro, e as crianças riram da feição brava que ela fez.

- Hora senhor pêssgo já lhe disseram que é muito inapropriado interromper quando alguém está contando uma história? – Falou Elise encarando o pêssgo em sua mão, até que uma das crianças pegou a fruta e mordeu.

- Eu amo pêssgo! – Exclamou ela.

Então Elise teve uma brilhante ideia.

- Não! Elise! Não começa! – Disse

Lúcia reprovando.

Elise tirou os sapatos e começou a escalar a árvore tentando alcançar os frutos. Conforme os pegava, ela jogava para as crianças, que se divertiam diante daquela situação.

- Elise desce! Sua mãe não vai gostar disso! Depois eu que levo a bronca! Desce Elise! – Pedia Lúcia muito aflita torcendo as mãos no avental.

Neste momento uma carroça entrou pela portaria da fazenda, e parou há poucos metros do pessegueiro. O pai de Elise, que estava do outro lado do

jardim, e o gerente da fazenda, se aproximaram da carroça.

- Elise! Seu pai está vindo! Desce! –
Falou Lúcia desesperada.

Elise finalmente desceu, quando chegou ao chão, as crianças começaram abraçar suas pernas e oferecer os pêssegos, que agora estavam por toda parte. Elise mordeu a fruta e desviou o olhar das crianças, para procurar por seu pai, já que Lúcia disse que ele se aproximava. Mas o viu parado há alguns metros de distância conversando com outro senhor, que parecia ser o dono da

carroça parado. O senhor foi para trás da carroça e voltou com alguns garotos, que pareciam doentes, alguns até tinham machucados, e todos estavam unidos por uma corda de sisal que prendia suas mãos. Elise saiu da sombra da árvore e se tornou visível para eles, as crianças a seguiram, sujas de suco de pêsego. Os garotos a olharam e logo em seguida desviaram o olhar, como se tivessem medo, talvez vergonha.

Foi então que Elise sorriu ao ter outra ideia, quando percebeu que seu pai e o tal senhor conversavam sem prestar

atenção nos garotos. Ela se abaixou e pediu para que as crianças, que estavam cheias de pêssegos suculentos em seus bolsos e aventais, fossem até os garotos e oferecessem as frutas. As crianças saíram correndo sem hesitar, e Elise ficou se divertindo ao ver a cena, todos os meninos aceitaram e começaram a comer, pareciam famintos, a menininha de cabelo cacheado até colocou um pêssego no bolso de cada um.

Um dos garotos aproximou o pêssego da boca, e o mordeu, o suco escorreu pelo seu queixo e ele sorriu como se

fosse divertido sentir aquilo. Foi então que Elise paralisou, perdeu o ar, sentiu o coração bater mais forte, a barriga ficou estranha e sentiu suas bochechas corarem, ela se virou de costas ficando de frente com Lúcia que também olhava em direção aos meninos.

~~~~~  
- Vamos senhorita! Para dentro! Vamos para dentro! – Disse Lúcia ao ver a expressão de Elise.

Nossa! Nossa! Nossa!

Era tudo que eu conseguia pensar

quando vi aquela cena, Lúcia achou melhor me esconder no quarto até as bochechas voltarem a cor normal, ela queria ficar comigo, mas insisti pra ela ir e ficar de olho no que estava se passando lá em baixo.

Nossa!

O que se passou.... O que se passou? Enlouqueci acho! Só pode ser!

Não consigo esquecer aquela cena, e nem sei por quê. É uma bobeira! Nem o conheço! Não sei quem é! E além do mais como uma mordida em um pêssego pode causar paralisia em outra pessoa

que não é aquela que mordeu o pêssego em primeira instância? Não sei! Mas causou! Isso é verdade! Devo ter enlouquecido então! Deveras! Isto explicaria tudo! Mas se enlouqueceria como a tia Maria... e isso não quero para mim, não! Claro que não!

E o nome dele? Qual será?

Não sei! Mas eu queria ser aquele pêssego!

Oh céus consciência! Calada! Minhas bochechas voltaram a se rosar assim! Mas até que eu concordo com essa afirmação... se bem pensando



que...aquele sorriso...eu preciso daquele sorriso pra mim..

Para mim?

~~~~~  
Está bem! Agora é loucura comprovada!

- Quem está louca? – Perguntou Madalena abrindo a porta do quarto de Elise.

- Eu mesma claramente! – Disse Elise se jogando de costas na cama.

- Você não está louca Elise, pare de bobagens! Está suja, é verdade..., mas acho que louca é muito para se dizer. –

Falou Madalena ao se jogar na cama e apoiar a cabeça nas mãos.

- E o que você sabe de loucura Mada?

– Disse Elise virando a cabeça e olhando para a irmã.

- Ora essa! Sei tudo e mais um pouco!

– Bufou ela.

- Aí Mada.... – Suspirou Elise.

- Aí Elise... – Disse Mada a imitando.

– Podemos ir andar a cavalo agora?

- Não... te disse antes da hora do chá! –

Resmungou Elise.

- Acontece que podemos andar agora e

depois... – Sussurrou Mada.

- Não.... – Disse Elise.

Mas foi aí que Elise teve outra de suas ideias.



Se eu for andar a cavalo posso acabar cruzando com ele e talvez consiga descobrir seu nome e se... e se ele vai ficar aqui...

- Quer saber, Mada? Tens razão! Desça e peça para o José arrumar os cavalos. – Disse Elise.

Madalena saltou da cama e saiu em disparada, quase derrubando Lúcia ao

cruzar com ela na escada.

- Elise! – Disse Lúcia ao entrar no quarto e fechar a porta. – Descobri tudo! O senhor que estava aqui veio oferecer nova mão de obra para seu pai, os vendeu, pois eram seus escravos desde pequenos, mas a fazenda desse senhor está falida e ele precisava do dinheiro, seu pai comprou todos, mas como sabe ele é contra a escravidão, então ofereceu trabalho no cafezal. – Falou Lúcia calmamente.

- E então? – Perguntou Elise ansiosa.

- Todos aceitaram, menos um. –

Concluiu Lúcia.

- Qual Lúcia? Qual? – Perguntou Elise agoniada.

- Não sei o nome deles, Elise! Está me deixando aflita! – Disse Lúcia saindo da frente de Elise e indo ajeitar a cama.

- E se for ele Lúcia? Logo o que me chamou atenção! Agora sou eu que estou aflita! – Disse Elise andando de um lado para o outro.

- Ele quem? – Respondeu afofando os travesseiros.

- O do sorriso! O que me fez paralisar!

– Exclamou ela aflita.

- Pare com essa bobagem!

- Estou falando sério, e se foi ele que foi embora? Preciso saber... para onde os levaram? – Falou Elise com feição calculista.

- Para a enfermaria para serem analisados, em questão de doenças, e machucado, e... – Dizia Lúcia enquanto Elise já se dirigia à porta. – Elise! Está agindo como doida! Seu vestido está sujo! Não pode sair assim! Elise! – Ela não lhe deu ouvidos e girou a maçaneta da porta. – Você sabe que não pode se

apaixonar por um funcionário, Elise.

Então ela se deteve e virou-se para Lúcia.

- Por que não? – Disse ela confrontando a amiga.

- Por que você é uma moça da alta classe, filha de um fazendeiro, não deve se casar com alguém a baixo de sua classe, quem dirá com um funcionário, ainda mais sendo um negro!

- E o que tem isso? O coração não sabe nada de deveres Lúcia, ele escolhe quem quer, e você sabe que quando eu

quero algo... - Ela girou a maçaneta, mas se deteve antes de sair do quarto. — Além do mais, acho a cor dele muito bonita, assim como a sua Lúcia.

Elise desceu as escadas e foi ao encontro de sua irmã Madalena. Montadas em seus respectivos cavalos elas começaram a andar em direção ao cafezal.

- Antes de andarmos no campo, vamos à enfermaria. — Anunciou Elise.

- Para que? Você se machucou?

- Não, só quero ver uma coisa.

- Está bem.



Confesso que não sabia ao certo o que esperava encontrar assim que entrasse na enfermaria, mas é verdade que queria encontra-lo, isso com certeza. Estava torcendo para que tivesse ficado, e que não fosse ele aquele que foi embora.

Quando entrei, me deparei com seis garotos sentados nas cadeiras de espera, todos me olharam e eu estreitei os olhos, um parecia tão doente que achei que dava para ver seus ossos, o do lado dele tinha o cabelo raspado, o outro tinha

uma cicatriz perto do olho esquerdo, os dois seguintes estavam com feridas abertas, uma na barriga e outra no braço, e o da última cadeira tinha o lábio cortado. Ele não estava ali. Percebi que estava encarando-os e eles pareciam intimidados, então parei de estreitar os olhos e relaxei os braços. Na verdade, nem tinha percebido que tinha colocado as mãos na cintura. E então o da primeira cadeira se levantou.

- A senhorita quer se sentar? – Indagou ele.

- Não, não. Obrigado.

Respirei fundo. Ele não estava ali. Ele quem foi embora. E agora? Eu nunca mais veria aquele sorriso novamente? Minha garganta secou. Será? Nunca mais? Não podia ser! Eu fui do céu ao inferno em tão pouco tempo! Não era justo!

A porta do consultório se abriu chamando minha atenção para a enfermeira que saía de lá, Beatriz, uma das minhas amigas portuguesas, a família dela se mudou com a minha para o Brasil, um ano atrás, meu pai prometeu ao pai dela que aqui ele teria emprego

garantido até o fim da vida, a família dela trabalha para a minha desde que éramos crianças. Beatriz se interessava por medicina, como seu pai, que é o médico de nossa família. E... e então o mundo congelou, mais uma vez. Ele saiu do consultório atrás dela, rindo e conversando. Sim, ELE, o meu ELE. Rindo e....e conversando. Ah como ele é lindo, e aquele sorriso. Meu coração acelerou, minha boca secou, e fiquei imaginando por onde andava toda água do mundo e por que o verão parecia quente demais.

- Elise! Que saudade minha amiga! Faz tempo que não aparece aqui! – Disse Beatriz se aproximando, me envolvendo em um abraço e me despertando de meus devaneios.

- Sim, sim! Quanto tempo! Acho que uma semana! – Ela estava me sufocando naquele abraço, acho que estava ficando vermelha de falta de ar, e ELE começou a rir de mim. Finalmente me desfiz do abraço.

- Sim! Desde que ralou o joelho subindo em árvores! – Disse ela, virando de frente para os garotos

sentados, que observavam toda aquela cena acontecer. – Agora, é a sua vez! - Disse apontado para o garoto sentado na quarta cadeira. Ele se levantou e entrou no consultório, e ela o seguiu, enquanto o tal ELE segurava a porta para os dois passarem. E acabei notando que quando ela passou, ela sorriu pra ele e ele retribuiu o sorriso.

- Então quer dizer que você sai distribuindo sorrisos por aí? – Perguntei a ele com um tom de voz intimidador assim que ele fechou a porta, e nem eu mesma sei de onde isso surgiu.

- Às vezes sim, quando estou feliz... – disse ele dando um passo em minha direção. E acabando com o ar do mundo, pois me pareceu que não havia mais oxigênio a minha volta.

- E o que te faz se sentir tão feliz assim? – Perguntei cruzando os braços.

- Hoje minha vida mudou, sou livre! Livre! De escravo para funcionário em apenas uma hora! E ainda conheci a moça mais bonita do mundo! Tudo no mesmo dia! Se isso não é motivo para sorrir não sei o que é! – Disse ele terminando com um belo sorriso.

- Ah... – Suspirar foi tudo que consegui! Droga! Devo ter batido forte com a cabeça em algum lugar! Calma! Respira, Elise! Está parecendo uma boba!

- O que? – Ele parecia confuso.

Espera ai! Ele disse que conheceu a moça mais bonita do mundo hoje! Como assim? Quem é essa? Agora devo estar com cara de desesperada, fica fria! Fica fria! Pergunta quem é, como quem não quer nem saber na verdade! Olhe para suas unhas, finja tédio ao perguntar e talvez até boceje.

- Hm, e quem é essa garota que você disse? – Falei, olhando para minhas unhas e bocejando, acho que o convenci do tédio.

- Desculpe, mas não acho que isso seja assunto seu, além do mais não nos conhecemos ainda... Chamo-me Nathan! Prazer! – Disse ele estendendo a mão.

- Nossa que grosseiro! – Quem ele pensa que é para me responder assim?

- Também achei grosseiro da sua parte querer saber da minha vida amorosa. – Disse ele recolhendo a mão de volta e sentando-se na cadeira de espera que

estava livre. Que abusado! Meu rosto voltou a enrubescer!

- Eu não quero saber da sua vida amorosa! Ora essa! Estava apenas sendo educada e fingindo me interessar no que você dizia! – Virei às costas em direção a saída, até que uma voz me deteve.

- Senhorita! Espere! Você deixou cair! – Era o garoto do lábio cortado, ele estava com a minha fita amarela, que deve ter caído do meu cabelo. Estendi a mão e peguei a fita.

- Obrigado! – Disse enquanto tentava arrumar a fita no meu cabelo, mas não

obtive sucesso.

- Deixa que eu te ajudo. – Disse ele tirando a fita da minha mão e amarrando com um laço em meu cabelo que já estava preso em um coque alto. Devo ter ficado com as bochechas vermelhas quando ele fez isso, porque ele sorriu, um sorriso de canto de boca.

- O que você acha que está fazendo, Sebastian? – Disse Nathan puxando o garoto pelo ombro.

- Ajudando uma garota bonita Nathan, não está vendo? – Disse ele sorrindo pra mim.

- Ela não é pro seu bico, Sebastian! – Disse Nathan entrando no meio.

- Nem para o seu! – Disse Sebastian com a cara fechada.

- Bom, sou eu quem decido quem é pro meu bico afinal rapazes! – Falei sorrindo para eles. – Prazer em te conhecer Sebastian, sou Elise, a filha do Senhor Francisco, o dono da fazenda. – Falei fazendo uma referência.

- Prazer, senhorita! Estou a sua disposição para o que precisar a hora que precisar. – Disse Sebastian empurrando Nathan, segurando minha

mão e a beijando.

- Certo, certo, Romeu! Já disse que ela não é pro seu bico! Se afaste! – Falou Nathan entrando no meio novamente.

- Nathan, querido, quem decide as coisas por aqui sou eu e não você...- Falei o desafiando. De onde foi que surgiu toda essa coragem afinal? Nem eu sei.

- Ah é mesmo? Gostaria de saber como a senhorita conseguiu me irritar tanto em tão pouco tempo que a conheço! – Disse Nathan aproximando o rosto do meu e me fazendo perder todo o ar que antes

parecia existir.

- Ah, ela é assim mesmo! Carinha de anjinha e por dentro uma pimentinha! – Disse Beatriz se aproximando de mim, colocando as mãos em meus ombros e me virando em direção a saída. – Vamos amiga, você está fazendo muita bagunça por aqui. – Falou ela me levando até o lado de fora da enfermaria. Afinal de contas quando foi que ela saiu do consultório? Eu nem mesmo a vi chegando e...

- Beatriz! Eu estava no meio de uma conversa! Você não deveria interromper

quando as pessoas estão conversando! –
Falei me desvencilhando dela.

- E você não deveria estar causando
tanto na enfermaria. – Disse ela
levantando as sobrancelhas.

- Elise! Você demorou um século! –
Falou Mada vindo em minha direção.

- Céus! Mada! Você está imunda!

- Tive que ir brincar! Você estava
demorando muito! – Resmungou ela.

- Teremos que voltar para casa para
você se trocar...- Falei subindo em meu
cavalo.

- Até mais meninas! – Disse Beatriz.

Muitas horas depois...



Nada de mais aconteceu depois disto, voltamos para casa, almoçamos, li um livro e pratiquei bordado com minhas irmãs enquanto tomávamos o chá da tarde, depois banho, jantar e agora cama. Já tentei dormir, mas tudo em que consigo pensar é em Nathan, e às vezes em Sebastian, é verdade. Acho que quando alguém se mostra interessado o seu coração meio que cria uma pasta de “pretendentes”. Falando nisso minha

mãe voltou a dizer que o filho do dono da fazenda de canaviais quer me conhecer e que virá para o almoço, na quarta. Daqui três dias. Sei que já tenho dezoito anos e que já deveria estar casada, mas não me interessa por nenhum dos pretendentes que aparecem, na verdade não me interessava por ninguém tão forte quanto por Nathan e seu sorriso idiota. E também aquele pêssimo bobo que tinha que ir em direção a boca dele! E ele é tão bonito, e alto, extrovertido e ELE! Não o pêssimo, o Nathan, é claro! Acho que

deve ter uns 23, talvez 25 anos...

No dia seguinte, Elise acordou sem saber como havia ido dormir. Lúcia abria as cortinas e o Sol entrava no quarto, Elise detestava quando Lúcia fazia isso, mas não havia forma melhor de tirar ela de sua cama, se não mostrando que lá fora fazia Sol. E é importante notar que Elise amava o Sol, com todas suas forças. O começo do dia foi muito parecido com o dia anterior, e logo Elise estava sentada embaixo do pessegueiro, em frente à casa,

novamente rodeada pelas crianças da fazenda. Usando um vestido verde claro, ela continuava contando a história do dia anterior, e tudo parecia igual, com exceção das duas garotinhas que estavam montando uma coroa de flores brancas em seu cabelo, agora solto, e também o fato de estar planejando uma desculpa boa o suficiente para procurar por Nathan.

- E então ele beijou a mocinha e a envolveu em seus braços! – Contou Elise.

- Beijou? – Disse um garotinho

indignado.

- Ah o amor – Suspirou a garotinha de cabelos cacheados.

- Hum, e depois? Ele bateu no pirata? – Perguntou um garotinho esguio.

- Amanhã vocês iram saber, por hoje é só, estou cansada! – Disse Elise com ironia se jogando para trás e recostando na árvore com as costas da mão direita sob a testa.

- Ah não! – Reclamaram todos em uníssono, fazendo Lúcia rir.

As crianças foram pra cima de Elise

tentando fazê-la acordar de seu sono fingido.

- Senhorita Elise! Termine a história! Senhorita Elise! – Imploravam eles fazendo Elise parar de atuar e finalmente começar a rir.

Até que uma sombra cobriu seu rosto, afastando o Sol. Elise abriu os olhos, estreitando-os, e tirando a mão da frente para ver quem era.

- Eu quero ouvir o final da história!

Era ele, Nathan, com o Sol brilhando atrás de si, como sempre com aquela

cara de abusado e petulante.

- Pois não irá! – Disse Elise se levantando subitamente, e por isso ficando um pouco tonta e pendendo para o lado, fazendo com que Nathan a segurasse com um reflexo.

- E por que não? – Ele perguntou, muito perto do ouvido dela, fazendo com que suas pernas parecerem gelatinas.

- Porque você precisa saber o começo para depois saber o fim! – Disse ela finalmente de pé, ajeitando o vestido.

- Então leia para mim! – Sugeriu ele.

- Ah! Vejo que vocês já estão se conhecendo! – Exclamou Francisco, dando um susto nos dois.

- Oi, pai. – Respondeu ela timidamente.

- Querida, Nathan será...será tipo...o seu guarda-costas. – Anunciou Francisco explicando com as mãos.

- O que? Eu não preciso de um guarda-costas! Já basta a Lúcia como minha Babá.

- Lúcia é sua dama de companhia, não seja tola. Os negócios vão bem, a

fazenda está crescendo, é comum que alguns fazendeiros fiquem com inveja, ficarei mais tranquilo sabendo que há alguém olhando você, quando eu não estou.

- E por que ele? – Disse ela cruzando os braços.

- Porque ele é novo aqui, ainda não tem um posto, e já que temos funcionários novos, cada uma de vocês, suas irmãs e sua mãe, terá seu próprio guarda-costas. Não se preocupe, ele só entrará na casa principal se alguém da nossa família pedir, ou autorizar, assim não precisa se

preocupar com sua privacidade. O turno dele começa quando você acorda, até o jantar. Depois ele vai para a casa dele que divide com os outros meninos, na vila onde os funcionários moram.

- Mas e se... – Tentou concluir Elise, mas viu Nathan sorrir pelo ombro do pai, e se perdeu em suas palavras.

- Elise tenho outras coisas para resolver, aproveite o dia. – Disse seu pai se afastando ao ir em direção ao seu cavalo, onde o gerente da fazenda esperava-o, montado em seu respectivo animal.

Ela seguiu o pai com os olhos, frustrada, até ele se afastar, e então olhou para frente e lá estava Nathan parado, olhando-a.

- O que está fazendo? – Perguntou Elise.

- Te olhando! – Respondeu ele.

- Por que? – Perguntou ela bruscamente.

- É parte do meu trabalho. – Disse ele sorrindo, fazendo-a bufar e sair andando em direção à casa principal.

~~~~~  
Ela entrou na casa por saber que ele não

iria entrar, subiu as escadas e foi para a varanda de seu quarto, Lúcia a seguiu e parou logo atrás dela, quando Elise debruçou os braços no apoio da varanda.

Tá! Eu. Estou. Muito. Irritada.

Preciso me acalmar, sentir o Sol me tocar está ajudando, só preciso respirar fundo. E o que Beatriz me disse daquela vez? Ah sim, racionalizar a raiva. Então... Por que eu estou irritada? Porque o Nathan vai ser meu guarda-costas! E por que isso é tão ruim? Não

estávamos afim dele? Sim, é verdade, mas ele me irrita tanto! Talvez me irrite exatamente por isso! Porque estou caidinha por ele! É isso! Se eu manipular os meus sentimentos, tentar achar defeitos nele, talvez isso passe, e vou me tornar irreverente, assim como fui com todos os outros meninos com os quais fui obrigada a passar o tempo.

Durante o resto do dia fiquei dentro de casa tentando evitar ele ao máximo, para que pudesse me concentrar em parar de acha-lo tão... tão atraente eu acho. Mas foi difícil já que para isso acabava me

concentrando nele e lembrando daquele incidente com o pêssego, aquele pêssego idiota! Foi mais complicado ainda para pegar no sono, ventou muito durante a noite e eu não gostava do barulho que o vento fazia ao bater nas janelas da varanda, e foi ficando pior conforme eu desejava que Nathan estivesse por perto.



## **Segundo capítulo**

### *O pretendente*

É quarta-feira! E isso é importante porque nas quartas Lúcia trocava a roupa de cama do quarto de Elise, e limpava todo o resto, isso a deixava ocupada por pelo menos uma hora, e Elise sempre aproveitava esse tempo para se livrar dela. E era exatamente isso que Elise estava fazendo quando se espreitou pela porta do quarto e desceu correndo as escadas, passando bruscamente por seu pai que segurava

uma xícara de café.

- Elise! – exclamou ele. – Sem correr!  
Elise! – E ela continuou correndo porta  
a fora, sem dar-lhe ouvidos.

- Eu deveria...? - Indagou o rapaz em  
sua varanda principal.

~~~~~  
- Não Nathan, ela não vai longe. – Disse
seu Francisco virando-se para dentro da
casa e sumindo da visão do rapaz.

O dia estava lindo e nesses dias, nas
quartas, só tem um lugar para ir, o lago.
Lá é um lugar lindo no meio das árvores,

fica há dois quilômetros da casa principal, tem flores ao redor da borda e pequenos peixinhos, é um tanto fundo, mas não o suficiente para cobrir minha cabeça. Assim que cheguei, tirei o vestido, testei a temperatura da água com o dedo do pé e estava agradável, então entrei aos poucos e logo já tinha mergulhado, nadei por um bom tempo, até que ouvi o que parecia ser um galho quebrando, me virei, mas não vi nada, comecei a nadar novamente, e foi então que ouvi um choro. Parei e sai do lago, tentando entender da onde vinha aquele

barulho tão esganiçado. Depois de andar um pouco entre as árvores, o som foi ficando mais forte, e vinha do chão, até que percebi um monte de folhas se mexer, me aproximei e com certeza era algo peludo. Com medo fui tirando as folhas e lá estava, um filhotinho de cachorro. Era todo preto com exceção da parte de baixo do focinho que era branco como a neve. Tentei pega-lo no colo e ele fez um som mais agudo ainda, e então vi que era a pata, estava machucada, e foi nesse momento que ouvi Lúcia gritando perto do lago.

-Elise! Onde você está? Precisamos ir!
Elise! – Gritou Lúcia segurando o vestido da jovem.

- Aqui! – Disse ela aparecendo entre as árvores.

- Que isso? – Lúcia apontou para o que ela tinha no colo.

- É um... – Elise não conseguiu terminar a frase, já que Lúcia pegou-a pelo braço e começou a arrasta-la.

- Não quero saber! Você está uma imundice! E logo o pretendente chegará e imagine o que sua mãe fará comigo se

você estiver assim! Não quero nem pensar! Vamos! Rápido! – Lúcia falava enquanto puxava Elise pela trilha de volta para a casa principal.

- Lúcia! Lúcia! – Insistiu Elise puxando o braço de volta. – Para! – E Lúcia parou virando-se para ela.

- O que foi agora Elise? – Perguntou colocando as mãos na cintura com um semblante de quem iria perder a cabeça.

- Como você quer que eu volte só vestindo as roupas de baixo? –Falou Elise com os olhos arregalados, e por um momento Lúcia ficou sem resposta,

então as duas caíram na gargalhada.

- Imagina só! Se Nathan te vê assim! – Disse Lúcia tentando recuperar o fôlego enquanto ria.

- Pare de bobagens, Lúcia. – Retrucou Elise parando de rir e ficando séria.

- Ora Elise, vamos logo, coloca o vestido. – Falou Lúcia tentando enfiar o vestido pela cabeça de Elise.

- Com calma! O cachorro! – Disse Elise fazendo malabarismos para colocar o vestido e segurar o filhote ao mesmo tempo.

Um tempo depois...

Elise estava na banheira enquanto Lúcia separava as roupas que ela iria vestir, colocando-as em cima da cama.

- Não sei por que minha mãe continua insistindo com essa coisa de arranjar pretendentes para mim, ao invés de me deixar fazer isso sozinha nos bailes.

- Acho que é porque da última vez você fez uma grande cena durante o baile.

- Não fiz uma cena! Aquele garoto tentou abrir meu vestido durante a

dança! Você queria que eu ficasse quieta? No que ele estava pensando?

- Acho que sei exatamente no que ele estava pensando. – Disse Lúcia rindo.

- A questão é que ela sempre escolhe os mais chatos, os mais feios e metidos. – Bufou Elise enquanto se lavava.

- É verdade! Lembra do último? – Falou Lúcia gargalhando ao lembrar, fazendo Elise rir também.

- Não me lembre daquela tragédia! Ele tirou meleca do nariz enquanto falava comigo! Que nojo! E minha mãe atrás

dele dizendo “Sorria Elise” sem fazer som algum! E eu sorrindo com vontade de vomitar. – Relembrou ela entre risadas.

Uma hora depois, Elise estava pronta, impecável, em seu vestido rosa claro com pequenas flores amarelas, e uma fita rosa no topo de um coque perfeitamente alinhado pelos dedos de Lúcia. Ela esperava na sala de estar, junto com suas duas irmãs e sua mãe, enquanto os empregados arrumavam tudo para o almoço. Joana, sua amiga da lavanderia prometerá cuidar do

cachorro encontrado, e depois de dar-lhe um belo banho, leva-lo para Beatriz cuidar da pata machucada e Elise esperava ansiosa para saber se o bichinho estava bem afinal.

- Elise! – Exclamou sua mãe chamando-lhe atenção e tirando-a de seu devaneio.

- O que foi?

- Sua irmã lhe perguntou se está animada para conhecer o rapaz.

- Na verdade não, me fale um pouco sobre ele, quem sabe isso me anime. –

Falou Elise sabendo que era aquilo que sua mãe queria ouvir.

- A família dele é muito influente, como já disse o pai dele é dono da fazenda de canaviais, e a mãe dele também é muito influente na alta sociedade aqui no Brasil, eles têm dois filhos até então, Joaquim e Luís.

- Não, eu perguntei sobre ele, não sobre a família dele. – Bufou Elise.

- Ele se chama Luís, é um rapaz de vinte e dois anos, já viajou muito com seu pai e hoje o ajuda na administração da fazenda.

- E então? Quando vamos marcar o casamento? – Perguntou Catarina em um tom de tédio.

- Que? Casamento? – Elise de repente se sentiu sufocada, o ar naquela sala parecia muito espesso e quente.

- Sim, o casamento, não é esse o propósito? – Disse Catarina.

- Sim, claro que sim, mas Elise irá escolher entre os candidatos. – Disse a mãe delas.

- Ah sim! Do mesmo jeito que vossa senhoria me deu o direito de escolha,

certo? – Retrucou Catarina, fazendo Elise se levantar e sair da sala impaciente.

- Elise! – Chamou a mãe tentando impedi-la. – Volte aqui!

- Preciso de ar fresco. – Respondeu ela indo em direção a varanda principal.

A mãe ameaçou levantar para ir atrás dela, mas Catarina a deteve pedindo para dar espaço a irmã. Assim que saiu da casa, Elise deu de cara com Nathan.



Droga! Esqueci que ele provavelmente estaria aqui! Logo agora que já tinha

conseguido ficar sem pensar nele por algumas horas!

- Olá, senhorita – Falou ele com um sorriso sarcástico no rosto.

- Olá. – Respondi de mau humor, sentando em uma das cadeiras brancas que ficavam na varanda.

- O que foi? – Perguntou ele sentando-se também.

- O que foi o que?

- O que está te deixando assim? – Perguntou ele virando o corpo na minha direção.

- Assim como?

- Você sabe... assim – Disse ele apontando para mim.

- Vou conhecer um pretendente no almoço de hoje.

- Ah.

- O que foi?

- O que foi o que?



Quando Elise ia responder, os portões da frente da fazenda se abriram, chamando a atenção de todos. Ambos se levantaram e algumas pessoas saíram de dentro da casa para ocupar a varanda

junto a eles, Lúcia parou do seu lado direito, ficando entre ela e Nathan, e sua mãe parou ao seu lado esquerdo seguida de suas irmãs.

- Sorria. – Disse a mãe, e ela tentou, não sabe se foi um sorriso bonito, mas com certeza foi um forçado.

A carruagem parou, e de lá saiu uma mulher um pouco mais nova que sua mãe, um homem de cabelos pretos com fios grisalhos, e em seguida um garoto novo.

- Ai meu Deus! – Disse Lúcia apertando a mão de Elise.

E o sorriso forçado se desfez. O garoto era lindo, aquele tipo de beleza incontestável, do tipo que se há algo para se afirmar era que sem dúvidas ele era lindo, e isso não dava para negar. Tinha cabelos pretos, bem escuros, como os que o pai parecia ter tido algum dia, e olhos verdes com tons de mel, parecendo uma mistura da mãe e do pai. Ele tinha a pele clara, mas não tão clara, era levemente bronzeado pelo sol, e com toda certeza tinha um físico incrível, do tipo que se dá para ter certeza mesmo com ele coberto de roupas.

- Deve ser um metido. – Sussurrou Elise para Lúcia.

Depois de algumas horas, Elise teve que admitir para si mesma que estava errada, ele não era um metido, pelo contrário, era aquele tipo de pessoa que dá prazer em conversar.

- E foi assim que eu descobri que minha mãe detesta amoras. – Concluiu Luís, fazendo Elise cair na gargalhada.

Sim, uma gargalhada genuína, e sim, Elise estava rindo com um dos pretendentes que a mãe dela havia arrumado, e quando a mãe notou isso ela

também sorriu, orgulhosa de si mesma.

- Eu amo amoras! – Disse Elise quando recuperou o fôlego.

- Eu também! – Exclamou Luís. – E acho que também gosto da sua risada... – Disse ele sorrindo, e colocando uma mecha rebelde que havia desvencilhado do coque para trás da orelha de Elise.

- Para com isso! – Falou ela dando um empurrãozinho no ombro dele.

- É sério, é fofa e engraçada! – Disse ele, fazendo-a sorrir.

- Vamos dar uma volta? – Sugeriu ela.

- Claro, vamos. – Disse ele colocando a taça de vinho branco na mesa do almoço.

Eles se levantaram e foram se afastando do grupo, indo em direção ao jardim que ficava na parte de trás da casa.

- Eu não queria ficar lá com a minha mãe analisando cada movimento que eu faço em sua direção. – Falou Elise.

- Ah eu imagino como é, meu pai estava fazendo a mesma coisa, me disse umas vinte vezes para ser simpático, no caminho pra cá.

- SÉRIO? – Respondeu ela rindo.

- Sim!

- Ah então é por isso que você tem sido tão simpático! Logo vi que era mentira! – Disse Elise sorrindo.

- Não seja boba. – Falou ele empurrando-a de leve com o ombro em tom de brincadeira. – Eu sou simpático mesmo, é da minha natureza, sabe?

- Hm sei, logo vi que bonito assim só podia ser metido! – Disse ela em voz alta sem perceber.

- Que? Então você me acha bonito? –

Falou ele sorrindo.

- Que? – Perguntou ela convencida de que ele tinha lido seus pensamentos.

- Sim! Você disse! Em alto e bom tom! Que me acha bonito! – Disse ele tirando sarro dela.

- Não! Eu não disse! – Falou ela cruzando os braços na defensiva.

- Ah você disse sim! E só pra constar, eu também te acho bonita. – Disse ele olhando para o horizonte.

- Ah é mesmo? – Perguntou ela sorrindo.

- É sim! E engraçada, e divertida e charmosa. – E foi aí que ela enrubesceu

- Você ficou vermelha! – Disse ele rindo.

- Não fiquei! – Retrucou ela sabendo que na verdade tinha ficado sim. Então ele deslizou a mão até a dela, entrelaçando seus dedos enquanto caminhavam, o que a fez sorrir, e sentir o coração acelerar.

- Então, onde você está me levando? – Perguntou ele, fazendo-a despertar de seus pensamentos.

- Para o jardim de trás, fica logo ali. –

Disse ela apontando para o lado direito da parte de trás da casa principal.

Quando finalmente chegaram ao jardim ela apresentou todas as flores para ele.

- Aquilo é uma estufa? – Perguntou ele apontando mais à frente.

- Sim, você quer ver?

- Sim!

- É aqui que ficam todas as flores que são mais delicadas. – Explicou ela adentrando o local.

- Eu sei, temos uma estufa na minha casa também. – Disse ele parando de

tocar uma das flores e virando-se para Elise. - Eu só queria ficar em algum lugar mais privado com você.

- Para quê? – Perguntou ela com as bochechas vermelhas, o coração quase saindo pela boca, conforme ele se aproximava.

- Para que pudesse ficar mais perto de você e fazer coisas que não quero fazer na frente de outras pessoas. – Disse ele levando as costas da mão até a bochecha dela, e à acariciando de leve, fazendo-a perder o ar. – Avise se quiser que eu pare. – Falou ele ao tocar os lábios dela

com a ponta dos dedos.

E foi aí que Elise pulou de susto com o estrondo da porta se abrindo.

- O que está acontecendo aqui? Você está bem Elise?

- Mais que merda foi essa? – Disse Luís irritado, agora um pouco afastado de Elise, que olhava para a porta sem entender nada.

~~~~~  
- Elise? – Repetiu ele.

~~~~~  
Sim aquele ELE, o qual tinha esquecido por alguns instantes. Mas que agora

havia tomado toda a minha atenção de volta para si.

- Sim, estou bem. – Disse Elise por fim.

- Quem é esse? – Perguntou Luís sem entender o que se passava.

- Este é o Nathan, meu guarda-costas. – Explicou ela sem desviar o olhar de Nathan, que a encarava com as sobrancelhas franzidas.

- Prazer, senhor. – Disse ele dirigindo o olhar para Luís, tirando a tensão do rosto, e estendendo a mão.

Elise ouviu Luís respirar fundo atrás de si, o viu passar para sua frente e apertar a mão de Nathan.

- Ah, agora tudo está explicado, mas não precisa mais interromper quando Elise estiver comigo, não apresento perigo a ela! – O olhar de Nathan foi de Luís para Elise e depois voltou para o de Luís, parecendo hesitar. – Entendido?

- Sim. – Disse ele por fim.

- E da próxima vez não hesite em me responder. – Disse Luís dando um passo para trás e passando o braço pelos ombros de Elise.

- Vamos Elise, seu pai estava te procurando. – Disse Nathan dando espaço para Elise passar na sua frente, e assim ela o fez.

Quando voltaram a se juntar ao grupo, ela e Luís foram separados, a mãe dela a puxou para a mesa das mulheres, e o pai dele o puxou para a mesa dos homens, onde diferentes assuntos eram discutidos.

- Como sabe, Giovanna, a mãe de Luís, é uma mulher muito influente em nossa sociedade. – Disse a mãe de Elise, enquanto a jovem se sentava.

- Ah sim, isso foi comentado. – E foi aí que a mãe dela pisou em seu pé por baixo da mesa, Elise sabia que estava se comportando mal, mas para ela de nada importava ser influente daquele jeito na sociedade.

- Me diga, Elise, o que você gosta de fazer para passar o tempo? – Perguntou Giovanna, e a garota respondeu tudo conforme a mãe a havia obrigado ensaiar. Era a mesma conversa furada com todas as mães de todos os pretendentes. E quando Elise acabou de descrever seus hobbies, Madalena

complementou:

- E subir em árvores! – Disse a garotinha sorrindo e enfiando um bolinho na boca.

- Madalena! – Disse a mãe dela, chamando sua atenção.

- Subir em árvores? – Indagou Giovanna incrédula.

- Sim, às vezes. – Respondeu Elise.

- Mas isso é um hábito que tem que parar e já foi conversado, certo Elise? – Disse sua mãe repreendendo-a.

- Sim, certo. – Concordou ela.

Dona Eleonor, mãe de Elise, entrou em

uma conversa com Giovanna, enquanto isso a jovem reparou que Luís sempre que podia virava para olhar pra ela, e quando seus olhares se encontravam ele sorria, a fazendo sorrir de volta e a deixando com vergonha.

- E então? Bonito e metido? – Sussurrou Catarina perto do ouvido de Elise, tirando-a de todo aquele clima de olhares com Luís.

- Não, bonito e simpático, por incrível que pareça! – Respondeu ela em tom de sussurro.

- Verdade? Então já podemos começar

a preparar o casamento? – E foi assim que Catarina tirou o sorriso do rosto de Elise.

- Não fale bobagens. – Respondeu ela em tom brusco.

A verdade é que Elise não gostava de casamentos, tudo isso porque uma vez, quando muito nova, se apaixonou por um garotinho, ele também parecia adora-la, porém um certo dia quando ela estava planejando tudo em sua caixinha de casamento... Isso mesmo, Elise quando criança tinha uma caixinha onde colocava tudo que queria ter em seu

casamento, até mesmo havia roubado um broche de sua mãe e guardado lá para usar no grande dia, e foi então que colhendo flores para colocar na tal caixinha, Elise viu o garotinho dando um beijo na bochecha de outra menininha, ela foi até lá e disse em alto e bom tom “Você não é mais meu namorado”, e ele respondeu que nunca havia sido.

Pode parecer bobeira, mas os maiores traumas acontecem na infância e depois disto, Elise não pensava mais em casamentos e se corrigia sempre que começava a fantasiar algo do tipo.

Desde então, ela não se interessava muito por ninguém e quando começava a gostar de um rapaz logo dava um jeito de achar algum defeito nele, para que assim não chegasse a fantasiar.

E enfim, três horas depois, chegou o momento de se despedir. Desde a estufa, ela e Luís não tiveram muito tempo a sós para conversar, toda a conversa que tiveram foi indiretamente e sobre o que o grupo estava falando. Quando ele e sua família estavam para ir embora, o rapaz pegou em sua mão.

- Foi um prazer te conhecer, Elise! A

senhorita gostaria de me acompanhar ao baile, sábado à noite?

- Adoraria. – Disse ela, e ele a soltou sorrindo, se afastou e entrou na carruagem.

Elise o assistiu ir embora, e neste momento percebeu a noite chegando em um clima agradável, nem frio nem quente, era seu tipo preferido de noite. Ela entrou em casa, tomou banho, se vestiu e desceu para jantar com sua família.

Durante o jantar, seus pais comentavam como a família de Luís era adorável, e

claro, influente. E por fim seu pai lhe dirigiu a palavra.

- Elise, seria muito interessante para os negócios uma aliança entre nossas famílias, poderíamos virar uma das famílias mais ricas da região! Finalmente você me deixaria orgulhoso!

— E foi então que ela fez uma careta, como quem não gostou do que havia ouvido. Mas ela não retrucou, apenas desviou o olhar para a sopa em sua frente concordando com a cabeça.

Elise sabia que não valia a pena retrucar, tantas outras vezes já havia

retrucado tais comentários, o que acabava em briga e ela saía mais machucada emocionalmente do que estava a princípio. Então o que ela fez foi apenas terminar a sopa enquanto os outros conversavam, e quando acabou se levantou e pediu licença ao empurrar a cadeira.

- Não vai comer a sobremesa? – Perguntou Eleonor.

- Não. – Respondeu Elise, que logo em seguida se virou e se dirigiu para a saída da sala de jantar.

- Mas ela adora sobremesa...- Elise

ouviu sua mãe dizer enquanto saía.

Elise foi para seu quarto, sem dúvidas seu lugar favorito da casa, seu refúgio. Fazia algumas horas que estava deitada na cama pensando em tudo que havia acontecido durante o dia e como tudo aquilo havia deixado ela confusa. Luís era lindo, simpático e havia tirado seu fôlego quando quase a beijou, ao menos parecia que era isso que ele iria fazer, e na verdade, Elise não sabia dizer se ela queria que ele a beijasse, tinha acabado de conhece-lo afinal. E para ser sincera, ela nem mesmo devia ter ficado a sós

com ele na estufa, já que era totalmente
inapropriado para
sua posição.

Eu gostei dele, pela primeira vez eu
gostei de um pretendente, mas ainda é
muito cedo para dizer, nos demos bem é
verdade, mas não sei, foi diferente do
que senti por Nathan. Pensando nele... o
que fui aquilo na estufa? Ele entrou tão
depressa, parecia preocupado, e ficou
me encarando com as sobrancelhas
franzidas...No que será que ele estava

pensando? No que será que ele está
pensando agora?



Terceiro capítulo

O roubo

Ela acabou caindo no sono, e acordou com um cheiro de maçã invadindo o quarto, em um pulo saiu da cama e foi até a cozinha, sim era cheiro de torta de maçã. Em dias que a cozinheira estava inspirada ela fazia torta de maçã para o jantar, e Elise adorava quando isso acontecia. A cozinheira estava de costas lavando a louça e cantarolando uma música que a jovem não conhecia, enquanto a torta esfriava na mesa da

cozinha, espalhando seu perfume pela casa. A jovem se aproximou da mesa fazendo o menor ruído possível, sorrateiramente chegou perto da torta, respirou fundo trazendo aquele aroma pra dentro de si, o próximo passo era tirar um pedaço da torta e sair correndo, e só de imaginar o gosto, já chegava a salivar.

- Elise! – Falou Lúcia fazendo-a tomar um baita susto e pular se afastando da mesa, até a cozinheira se assustou, e quando percebeu o que estava acontecendo passou a olhar feio para

Elise. - Eu estava te procurando, sabe que não pode descer de camisola! Vamos antes que sua mãe te veja assim!

– Disse puxando Elise pelo braço, fazendo a garota bufar.

Ao saírem da cozinha acabaram indo de encontro com Joana, que soltou um gritinho de susto, fazendo Elise e Lúcia pararem bruscamente.

- Meu Deus, Joana! Cuidado por onde anda! – Disse Lúcia.

- Desculpe. – Respondeu a garota. – Aqui está, Elise, o problema na pata era um espinho, Beatriz tirou, limpou e

enfaixou, ela disse para você ir trocar a faixa todos os dias, por três dias. – Falou Joana estendendo o filhote na direção de Elise, que por sua vez se desvencilhou da mão de Lúcia em seu braço, e pegou o cachorro no colo com cuidado.

- Obrigado, Joana! – Disse Elise acariciando a cabeça do animalzinho. Joana assentiu e saiu em direção a lavanderia.

- Qual nome eu dou pra ele? – Perguntou Elise para Lúcia enquanto elas subiam as escadas.

- Tem que ser algo que tenha haver com ele.

- Bom, acho que vou observar ele pra saber mais sobre sua personalidade e assim dar um nome que lhe represente bem. Concluiu ela entrando em seu quarto, e se deparando com Madalena sentada em sua cama, com seus cabelos castanhos arrumados em uma trança, os olhos claros brilharam de entusiasmo e ela saltou da cama.

- Isso é o que eu estou pensando? – Perguntou ela correndo em direção à Elise.

- Sim, é. – Respondeu a irmã sorrindo.

- Ai meu Deus! Ele é tão fofinho! É ele, não é? – Disse a garotinha acariciando o filhote.

- Sim, é ele. Me ajude a pensar em um nome! – Falou Elise indo se sentar na cama sendo seguida por Madalena que fez o mesmo.

- Venha, Elise, o banho está pronto. – Disse Lúcia, fazendo com que a jovem passasse o cachorro para o colo de Madalena, e fosse em direção ao banheiro.

- Hm... que tal flocos? – Disse a irmã

mais nova.

- Não, sorvete de flocos é branco com pontinhos pretos e ele está mais para o contrário disso. – Respondeu Elise enquanto se lavava.

- Então... e se fosse jabuticaba?

- É um nome muito grande. – Disse Lúcia arrumando o vestido que Elise iria usar.

- Depois eu penso nisso Mada. – Falou Elise saindo da banheira.

Algumas horas depois, Elise encontrava-se em baixo do pessegueiro, sentada em um lençol, com o filhote em

seu colo, e um livro em suas mãos. Lúcia estava sentada há alguns metros dela, fazendo uma trança em uma garotinha da fazenda. Elise lia um romance que roubará da biblioteca particular de sua mãe, a história era um tanto intrigante e picante, por isso não podia contar para as crianças. E ela estava chegando em uma dessas cenas picantes quando uma sombra cobriu as letras gravadas no livro.

- Como um livro pode te fazer sorrir e enrubescer assim?

- Nathan. – Concluiu ela ao erguer a

cabeça, ele sorriu e se sentou em sua frente.

- E quem é esse? – Perguntou ele apontando para o cachorro.

- Não tem nome ainda. – Respondeu ela, voltando o seu olhar para o livro, por que na mente dela, quanto menos olhasse pra ele menos se apaixonaria, o que é claro, não era cientificamente comprovado. E assim que ela voltou os olhos para o livro, não conseguiu focar nas palavras que lá existiam.

- E sobre o que é esse livro? – Perguntou ele enquanto brincava com

uma folha do pessegueiro, o que pareceu chamar a atenção do filhote que agora seguia a folha com os olhos.

- É um romance. – Respondeu ela sem tirar os olhos do livro.

- E o que te deixou vermelha? O mocinho segurou a mão da mocinha? – Perguntou ele tirando sarro.

- Não seja tolo, isso seria muito escandaloso. – Disse ela ironizando, fazendo com que ele sorrisse.

- Então o que está deixando suas bochechas vermelhas, senhorita Elise?

- Por que te interessa tanto?

- Porque tudo sobre você é do meu interesse. – Respondeu ele desviando o olhar do cachorro e encontrando os olhos dela, fazendo-a parar de respirar. – Bem, é o meu trabalho. – Concluiu ele, desviando o olhar de volta para o cachorro, que dessa vez tentou se levantar para pegar a folha parada entre os dedos do garoto, mancando, ele se aproximou de Nathan, que com cuidado ia puxando a folha para perto de si, fazendo o filhote ir até seu colo. – Ele gostou de mim!

- Hm. – Elise não esboçou reação,

somente voltou a folhear o livro.

- Posso ler quando você acabar? –

Perguntou ele.

- E você lá sabe ler?

- Sei, minha mãe me ensinou.

- E quem ensinou ela? – Perguntou

Elise curiosa.

- Meu pai. – Respondeu ele acariciando o filhote em seu colo.

- Hm... e com quem ele aprendeu?

- Não sei, não conheci ele. – Neste momento Nathan observava o cachorro tentando morder seu dedo.

- Ah, sinto muito. – Lamentou ela.

- Se não é sua culpa não tem porque sentir. Anda, me deixa ver o que tem aí!

– Falou ele ao se curvar para frente e tirar o livro das mãos dela.

- Não! – Disse ela desesperada tentando tirar o livro dele. – Solta! – Exclamou ao quase pegar o livro. – Me devolve agora mesmo! – Disse ela quase caindo em cima dele, mas ele a segurou com o braço livre, e ela recuou sentando de volta no lugar em que estava antes.

- Calma, eu só quero ler uma página! – Falou ele em sua defesa. – Posso?

- Não! – Respondeu ela bufando e

cruzando os braços em frente ao corpo.

- Hm, que pena Vossa Alteza, vou ler mesmo assim! – Disse ele sorrindo e abrindo o livro na frente de seus olhos. – Vamos lá, “Então ele a beijou nos lábios, depois no pescoço e foi descendo pelo seu corpo até que...” – Nathan arregalou os olhos, e parou de ler, de repente se sentiu desconfortável e lhe ocorreu tomar um banho gelado. Ao olhar para Elise, percebeu que ela enrubescera e arregalara os olhos, e isso o fez sorrir.

- Por que está sorrindo? – Perguntou

ela com vergonha.

- Esse livro é de romance mesmo hein!

— Exclamou ele levantando as sobrancelhas.

- Quietos. — Falou ela tirando o livro das mãos dele em um ato súbito.

- Olha como você fala comigo, senhorita Elise. - Disse ele em um tom sério, fazendo com que ela se calasse e se debruçasse na árvore voltando a ler algumas páginas a frente.

- Que tal pintado? - Sugeriu Nathan.

- Que? — Disse Elise saindo de seus pensamentos.

- Pintado. O nome do cachorro.

- Por que pintado? – Perguntou ela sem entender.

- Por que o pelo dele é todo preto, com exceção da parte de baixo do focinho que é branca e bem no meio tem uma pinta preta. – Respondeu ele. – É tão perfeito que parece que foi pintado.

- Que pinta? Deixa-me ver! – Falou ela se aproximando.

- Aqui. – Respondeu ele virando o cachorro de barriga para cima delicadamente, para que não o acordasse.

- Caramba é verdade! – Exclamou ela.
- Pintado, então! Está decidido!
- Perfeito. – Concluiu ele, olhando para o filhote, e ela voltou a se sentar, e quando o fez, suspirou alto. – O que foi? – perguntou ele.
- Nada.
- Me fala.
- Não posso, e também não quero.
- Tudo bem, então não te conto o meu segredo também.
- Que segredo? – Ela perguntou curiosa, o fazendo sorrir.
- Só conto se me contar o seu. –

Ofereceu ele.

A verdade é que Elise havia suspirado porque estava tentando arduamente não se apaixonar por ele, mas por hora tudo que conseguiu foi falhar, e isso a fez suspirar de frustração. Portanto, ela não podia contar-lhe o porquê do suspiro, por outro lado, queria muito saber o segredo dele. Mentir, sim, mentir seria a solução, inventar um motivo para ter suspirado, mas ela era uma péssima mentirosa, e nem gostava muito disso, porque na verdade, mentir as vezes te prejudica muito. Então o que ela

costumava fazer nestas situações era distrair a atenção, coisa que era muito boa no caso.

- Combinado! Mas você começa. Disse ela cedendo.

- Está bem, lembra quando nos conhecemos e eu estava super feliz? – Perguntou ele.

- Sim, porque tinha conhecido a menina mais linda do mundo. Me lembro bem. – Respondeu ela.

- Isso, não conta pra ninguém, mas eu tenho gostado cada vez mais dela e já até cheguei a sentir ciúmes. – Confessou

ele.

- E quem é ela afinal? – Perguntou ela curiosa.



- Ah isso é um segredo para se trocar por uns dez segredos! E eu já contei o meu! Sua vez agora!

Quem é essa fulana afinal? Se antes eu já não ia contar o porquê do meu suspiro imagine agora, com ele se declarando por outra bem aqui na minha frente! Agora que não falo mesmo! Lista de prioridades: Descobrir quem é essa garota.

Mas Elise, a gente não estava tentando esquecer o Nathan, ou melhor, os nossos sentimentos por ele? Então porque vamos nos interessar por quem ele se interessa sendo que não devíamos nem estar interessadas nele em primeiro lugar?

~~~~~  
Quieta consciência!

- Elise? – Disse Nathan encarando a garota a sua frente.

- Oi, ah sim, o segredo é que tem torta de maçã lá na cozinha, e suspirei porque eu queria muito um pedaço, mas não

posso comer.

- E por que não? – Indagou ele.

- Por que só podemos comer sobremesa no jantar. Isso quer dizer que preciso esperar muito tempo.

- Nossa, mas será só daqui muitas horas! – Exclamou ele indignado.

- Exatamente, por isso suspirei de frustração. – Confessou ela.

- Poxa que pena pra você. – Disse ele realmente parecendo sentir muito. – Eu entendo, porque também adoro torta, apesar de só ter comido duas vezes. – Concluiu ele cabisbaixo, olhando para o

filhote dormindo tranquilamente em seu colo.

- Só duas vezes? – Perguntou ela indignada.

- Sim, uma no meu aniversário de dez anos e outra vez no ano novo. Ambas foram pedaços roubados. – Sorriu ele ao se lembrar.

- Isso sim é uma pena...Tive uma ideia! Porque não roubamos a torta? – Perguntou Elise animada.

- Não podemos! – Disse ele olhando entusiasmado para ela.

- Na verdade, podemos né...- Falou



Elise dando de ombros, e ao perceber o olhar incerto dele, ela disse – Não se preocupe, eu assumo a culpa se formos pegos!

- Está bem, mas temos que ter cuidado, e um plano também. – Disse ele cedendo e ao mesmo tempo adorando aquela ideia.

- Isso é muito fácil! Eu entro pela porta da frente, e você vai até a porta dos fundos com o pintado no colo, eu espero você bater na porta e a cozinheira ir te atender, então eu entro na cozinha e pego a torta! – Disse Elise baixinho.

- E como você vai sair de lá com a torta?

- Eu vou ir até a janela da sala de jantar e vou te entregar a torta lá, depois saio de casa pela porta principal e te encontro no coreto, nos fundos.

- Gostei, mas e a Lúcia? – perguntou ele apontando para a garota sentada há alguns metros, olhando para eles a cada dois minutos.

- Lúcia jamais concordaria com isso, então vou pedir para ela ir até a cidade comprar fitas coloridas. – Respondeu Elise.

Depois dela já ter dispensado Lúcia, Elise entrou em casa e ficou parada ao lado da parede da cozinha, esperando ouvir a voz de Nathan.

- Oi, a senhora sabe me dizer onde está Elise? – Perguntou Nathan, após a porta ser aberta revelando a mulher que lá estava, e essa foi a deixa para Elise entrar na cozinha sorrateiramente, e assim ela o fez, procurando pela torta.

- Não sei, querido, por que? – Respondeu a cozinheira, se apoiando no batente da porta enquanto secava as mãos em um pano de prato.

- Ela deixou o cachorro comigo, disse que ia trocar o vestido, mas já faz muito tempo que ela não voltou. – Disse ele, parecendo muito convincente.

- Ah, senhorita Elise é assim mesmo! Ela não se preocupa muito com regras, mas fique calmo, é inofensiva. – Disse a cozinheira quando Elise avistou a torta na prateleira.

- É mesmo? Eu deveria prestar mais atenção nela talvez? A senhora que já está aqui mais tempo poderia me dar um conselho? – Perguntou Nathan parecendo inseguro, e então ele viu

Elise saindo da cozinha com a torta na mão e fazendo um sinal para que ele fosse para a janela.

- Ah sim, tenho muitos... Você deveria tomar cuida...

- Está bem, vou tomar cuidado, obrigado! – Disse Nathan a interrompendo e saindo de sua vista apressado.

- Pega! – Disse Elise colocando a torta na mão livre de Nathan, já que a outra se ocupava segurando o filhote.

Ela entregou a sobremesa para ele e fechou a janela, virou-se e foi em

direção a porta, mas quando passou pela cozinha a mulher que tinha feito o doce à abordou.

- Senhorita Elise! – Exclamou ela fazendo a garota parar de costas e se virar para ela.

- Oi. – Foi tudo que Elise pensou em dizer.

- Oi, aquele rapaz bonito estava procurando pela senhorita. – Disse ela.

- Que rapaz? – Perguntou Elise se fazendo de desentendida.

- Aquele que seu pai colocou de guarda-costas para a senhorita. –

Concluiu ela.

- Ah sim, já estou indo encontra-lo!  
Esses homens! Não entendem o tempo  
que leva para trocar o vestido! –  
Exclamou Elise, fazendo a cozinheira rir  
e concordar com ela.

- É verdade, senhorita, tens razão!

- Até mais! – Falou Elise saindo pela  
porta da frente.

Quando ela entrou no coreto avistou  
Nathan sentado no chão, com as costas e  
a cabeça apoiadas em uma das paredes,  
a torta estava no meio das pernas dele  
que estavam abertas com os joelhos

dobrados para cima, os braços apoiados nos joelhos e as mãos entrelaçadas, Pintado por sua vez estava dormindo no chão ao lado direito de Nathan. Por um instante, Elise ficou parada ao entrar e perceber que estava sozinha com o garoto.

- Vem! Não fica parada aí! Vão te ver!  
— Disse ele fazendo um gesto para que ela se aproximasse.

Elise se sentou do lado dele apoiando-se na parede também.

- Achei que tinham te descoberto! — disse Nathan.



- Não.

- O que foi Elise?

- Nada! Vamos comer! – Disse ela entusiasmada.

Nathan cruzou as pernas se virando levemente para ela e trazendo a torta para o meio deles.

- Como vamos cortar? – Perguntou ela.

- Esquecemos de roubar a faca!

- E agora?

Nathan pegou a torta e foi tentando tirar um pedaço com a mão, até que conseguiu e sorriu satisfeito oferecendo o pedaço para Elise.

- Obrigado senhor, é muito cavalheirismo da sua parte. – Falou ela ironicamente ao aceitar a torta.

- De nada, Vossa Alteza. – Retrucou ele.

Em seguida, Nathan tirou um pedaço da torta para ele, quando foi morder o seu pedaço olhou para Elise e ela já tinha devorado o dela, ele riu e comeu o pedaço que estava segurando. Ela por sua vez, pegou outro pedaço e foram assim até chegarem aos últimos. Elise pegou um pedaço muito suculento, a calda da torta escorria por seus dedos

pingando no chão, quando ela mordeu, o líquido escorreu pelo seu colo, entrando dentro do vestido, ela riu por que lembrou do dia do pêssego e achou a coincidência engraçada, Nathan olhou pra ela sem entender e logo deixou seus olhos se guiarem pela calda que escorria pelo queixo dela, por um minuto ele ficou quieto.

- Ei! Para de olhar pros meus peitos! – Disse Elise com a boca cheia de torta. Nathan desviou o olhar pra ela e riu das bochechas cheias de comida.

- Você parece um esquilo! – Falou ele

entre o riso.

- Não pareço não! – Falou ela de boca cheia engolindo o pedaço de torta, quando percebeu que realmente estava parecendo um esquilo e caiu na gargalhada, fazendo-o rir mais ainda.

- Além de parecer uma esquila, está toda suja de torta! O que sua mãe pensaria disso? – Disse ele provocando-a.

- Com certeza desaprovava, ainda mais na presença de um homem. – Falou ela lambendo os dedos e Nathan a imitou fazendo o mesmo com os seus.

- Temos que nos limpar e nos livrarmos da prova! – Disse ele apontando para o prato da torta.

Elise pensou e pensou até que teve uma ideia para solucionar o problema.

- Podíamos nos lavar no lago e escondemos o prato por lá! – Concluiu ela como se fosse uma ideia brilhante.

- Não é uma boa ideia Elise, se formos pegos juntos se banhando no lago seus pais vão querer me matar, e você irá virar uma mulher desonrada e nunca mais poderá se casar.

- Está bem, vamos agora? – Respondeu

ela animada e fingindo se levantar.

- É sério, Elise! – Falou ele irritado se levantando, pegando o prato e saindo do coreto.

- Aonde você vai? – Perguntou ela pegando Pintado em seus braços e o seguindo.

- Vou esconder o prato aqui. – Concluiu ele encaixando o prato dentro de uma árvore com um buraco grande, não muito longe do coreto. – Você consegue ver de onde está? – Perguntou ele encarando-a

- Não, não consigo.

- Então está perfeito. – Falou ele

saindo de perto da árvore. – Eu vou me limpar na lavanderia, você pode fazer isso no seu quarto.

~~~~~  
- Está bem. – Concordou ela.

~~~~~  
Ele parecia tão divertido e de repente virou um chato, fiquei confusa, não sei se errei de algum modo, gostaria de me desculpar, mas não sei do que sou culpada afinal.





## **Quarto capítulo**

### *Entre os pés de café*

Quinta-feira durante a tarde, Elise, suas irmãs e sua mãe receberam a visita de uma das melhores costureiras de São Paulo, no começo da temporada Eleonor encomendou vestidos novos para as filhas, principalmente para Elise que estava sendo debutante novamente.

- Os vestidos chegaram! – Disse Eleonor animada.

Vestidos era realmente uma coisa que animava Elise, ela adorava as cores,

como eles modelavam seu corpo e como se sentia bem usando eles.

- Estes são os de Madalena. – Falou a costureira colocando três caixas sob a mesinha de centro da sala de chá de Eleonor.

Madalena, por outro lado, não se interessava muito por vestidos, mas nada animava mais a menina do que andar a cavalo, coisa que ela só podia fazer acompanhada de um adulto, para a infelicidade dela. Portanto, Madalena não se aproximou para ver os vestidos novos, continuou olhando a paisagem da

fazenda, sentada em uma poltrona perto de uma das janelas.

- Estes são os de Catarina. – Declarou a moça colocando-os sob o sofá.

Catarina se aproximou para abrir as caixas e ver os vestidos.

- São tão recatados! – Exclamou ela depois de ver o último vestido.

- Você está noiva querida, tem que se comportar como tal. – Disse Eleonor, fazendo Catarina suspirar de frustração e se sentar no sofá.

- E finalmente os de Elise. – Concluiu a costureira colocando cinco caixas ao

lado dos pés de Elise que estava sentada no sofá de frente para sua irmã mais velha.

Elise abriu as caixas e ficou fascinada com os vestidos, entre todos o seu preferido foi o em azul escuro, feito para ser usado durante a noite em um baile, a cor era muito bonita, e carregava pequenas pedras que pareciam potinhos de luz por todo ele, fazendo com que parecesse um céu estrelado. Como as noites são mais frias também havia uma echarpe de seda com plumas azuis nas pontas, no mesmo

tecido do vestido. Depois de apreciar todos os vestidos e seus respectivos detalhes, Elise os levou para o seu quarto onde encontrou com Lúcia que começou a arruma-los no armário, foi então que Elise decidiu sair para caminhar ao invés de ficar para o chá da tarde com a costureira, claro que ela tomou esta decisão sem a consciência de sua mãe sobre tal ideia. Sorrateiramente ela saiu do quarto, passou pela sala de chá e saiu pela porta no final do corredor, parando bruscamente de frente com Nathan.

- Olá senhorita. – Disse ele com um sorriso no rosto.

- Nossa senhora! Às vezes me esqueço de que você vai estar aqui fora me esperando como um cão de guarda! – Falou Elise se ajeitando e iniciando sua caminhada.

- Estou mais para um humano de guarda.

Elise não o respondeu, somente continuou a andar.

- Aonde vamos? – Perguntou Nathan alegremente ao seu lado.

- O que foi? Uma hora está de bom

humor e na outra não? – Perguntou ela cruzando os braços.

- Geralmente as pessoas são assim, uma hora estão alegres, em outras ficam tristes, de repente estressadas e por aí vai. E é normal que as pessoas de fora não compreendam o que se passa já que muitas vezes nós mesmos não entendemos nossos sentimentos e emoções. – Concluiu ele calmamente.

- Você pode até ter razão, mas eu não gosto do fato de você a ter.

- O fato é que você não precisa gostar, só aceitar, sem lutar.

- Não sou muito de aceitar sem lutar, vivo em uma guerra constante com meus próprios sentimentos.

- E por que?

- Bem, por que as vezes sinto coisas que não gostaria de sentir e então começo uma guerra dentro de mim.

- Elise, os sentimentos são para serem sentidos, se você bater o pé na escada de nada vai adiantar gritar com a escada, a dor será a mesma, tudo que há para se fazer é sentar e sentir a dor, uma hora ela irá passar e você poderá sair pulando alegremente por aí de novo.



- É fácil falar, mas duvido você se machucar e não se chatear com isso.

- Posso até me chatear, mas com certeza não vou gritar com a escada. – Concluiu ele a fazendo sorrir.

- Aí, fica quieto, não quero conversar. – Falou Elise andando mais rápido para ficar na frente dele, frustrada com seus próprios sentimentos.

Nathan não acelerou, continuou no mesmo ritmo, pois percebeu que estavam indo em direção a plantação de café, sem entender muito o porquê de estarem indo para lá, ele abriu a boca

para perguntar a ela, mas lembrou-se do que ela acabará de dizer e desistiu de questionar. Elise finalmente desacelerou quando chegaram mais perto da vila dos funcionários que ficava antes da plantação.

- Olá, senhorita Elise! – Falaram as crianças que estavam sentadas nos degraus de uma das casas.

- Olá. – Respondeu ela acenando e sorrindo.

- Venham para dentro crianças! – Chamou uma das mães. – Olá, senhorita Elise! – Falou a senhora

cumprimentando a jovem ao sorrir.

- Olá. – Respondeu ela retribuindo o sorriso.

Elise continuou a caminhar cumprimentando todos até que chegaram na plantação. Ela começou a andar para dentro da plantação, e ao perceber que Nathan se distraía admirando a natureza a sua volta, ela desviou para o lado entrando em outro caminho da plantação o fazendo a perder de vista.

- Elise! Onde você está? – Gritou ele.

Ela começou a rir e andar mais rápido para despista-lo. Ela conhecia aquele

lugar muito bem, passou a infância brincando entre os pés de café.

- Para de fazer brincadeiras, Elise!  
Não tem graça!

Ela ria e corria se sentindo livre como a um bom tempo não se sentia, rodopiava ao vento conforme seus cabelos se soltavam do penteado em que Lúcia havia trabalhado naquela manhã. Com os rodopios ela foi ficando tonta e acabou se sentando no chão de barro, rindo da forma como sua mãe desaprovava aquilo e Madalena adoraria.

- Elise, por favor! Para com isso! –  
Suplicou Nathan tentando encontrá-la.

Até que ele a ouviu rir e desviou para a direita, ele a achou sentada a poucos metros de distância com seu vestido branco sujo de terra, quando ela o viu, arregalou os olhos, cobriu a boca com as mãos na tentativa de parar o riso, se levantou rapidamente e se pôs a correr novamente.

- Ah! Elise! Volta aqui! Para de correr!  
– Gritou ele correndo atrás dela.

- Não vou parar! Vai embora!

- Para de criancice! Volta aqui!

Elise virou o rosto por um momento para tentar ver a que distância Nathan estava dela, ele estava quase a alcançando e isso a deixou nervosa, por conta da falta de atenção, ela acabou tropeçando na barra de seu vestido, o que a fez cair no chão, Nathan que vinha logo atrás dela, tentou desacelerar, mas estava muito perto e acabou caindo em cima de Elise, foi um tombo feio de se ver, ainda bem que ninguém estava lá para assistir afinal.

- Ai! – Gritou Elise. – Sai! Sai agora! – Gritou ela tentando empurrar ele.

- Calma! – Retrucou ele se movendo para o lado.

Elise respirava fundo tentando recobrar o ar aos pulmões, Nathan deitou ao seu lado com as costas no chão, olhou para ela e arregalou os olhos, levantou-se apoiando-se no antebraço direito para conseguir ver melhor o rosto de Elise que estava vermelho como um pimentão.

- Fique parada! – Ordenou ele.

Nathan aproximou a mão sobre o rosto dela e afastou alguns cachos de cabelo do rosto da jovem, que continuou

concentrada em sua própria respiração.

- Aqui dói? – Perguntou ele com feição preocupada.

- Ai! – Resmungou ela fazendo careta.

- Você fez um corte perto do cabelo, temos que ir para a enfermaria!

- Não posso agora, estou com sono. – Falou ela resmungando.

- Você não pode dormir agora! – Disse ele levantando-se e tentando levanta-la consigo.

- Como você consegue ser tão bonito e tão chato ao mesmo tempo? – Resmungou ela.



- O que? – Perguntou ele a pegando no colo.

- E forte! Chega a ser ridículo! – Resmungou Elise posando a cabeça no ombro dele.

- Não dorme! Conversa comigo! O que mais? – Disse ele enquanto caminhava em direção a enfermaria.

- Aquele pêssego idiota! – Reclamou ela.

- Que pêssego?

- Como pode um...um pêssego fazer tudo is..isso? – Falou ela bocejando.

- Isso o que?

- Fazer alguém se apai...apaixonar!

- Você está apaixonada por um pêssego? – Perguntou ele sem entender nada, fazendo-a rir.

- Isso não faz o menor sentido, senhor pêssego...- Resmungou ela caindo no sono.

- Você não está falando coisa com coisa, Elise! Já estamos chegando! Não dorme! – Alertou ele, mas ela já havia dormido.

~~~~~  
Quando chegaram na enfermaria, Nathan deitou Elise na maca do escritório do médico, que por sua vez fez seu trabalho

e o resultado foi um curativo no corte da garota.

~~~~~  
Hm... eu adoro dormir na minha cama, é tão confortável! Que cheiro é esse? Parece cheiro de hospital.... Que voz é essa? Nathan? O que ele está fazendo no meu quarto? Não estou entendendo nada... ai minha cabeça! O que é isso?

- Calma Elise... encosta, relaxa, já está tudo bem, você bateu a cabeça e fez um corte pequeno na testa, mas o doutor já fez um curativo. – Explicou ele tocando

o ombro dela delicadamente.

- Como eu fiz isso? – Perguntou ela mais para si mesma do que para ele, e foi então que Elise se lembrou de estar correndo e cair.

- Ela está bem? – Perguntou Lúcia adentrando o consultório desesperadamente.

- Sim, está. – Respondeu ele sem desviar os olhos de Elise.

- Você é um irresponsável! Como pode deixar isso acontecer! Olha que desastre! Ela tem um baile para ir daqui a um dia e olha o estado dela! Um corte

na testa e completamente imunda, sem contar o cotovelo ralado!

- Silêncio Lúcia, minha cabeça está doendo. – Resmungou Elise. – Não é culpa dele.

- Você como sempre só pensando em você, Elise! Agora quem vai levar a bronca por isso sou eu!

- Lúcia, silêncio! – Esbravejou Nathan olhando para a empregada de canto de olho.

Lúcia bufou e se sentou na cadeira cruzando os braços.

- Está bem, mas precisamos voltar para

casa antes de anoitecer!

- De acordo. – Respondeu Nathan.

Depois de algumas horas, Elise convenceu o doutor que era como um tio para ela, a não contar para seus pais sobre o ocorrido já que tudo já havia se resolvido, ele concordou depois de muita insistência da parte da jovem. Lúcia, Elise e Nathan caminharam de volta para a casa principal, Lúcia deu um jeito de arrumar o cabelo de Elise de modo que não aparecesse o curativo e tudo acabou passando despercebido.



# Quinto capítulo

## *O baile*

Durante a sexta-feira nada fora do normal aconteceu, e o sábado à noite logo chegou. A família de Elise esperava ansiosamente por ela na ponta da escada, alguns minutos depois quando o pai dela já estava impaciente e já havia tentado voltar para seu escritório pelo menos duas vezes, finalmente, Elise saiu de seu quarto parecendo uma daquelas bonecas impecáveis de caixinha de música. Seu



cabelo estava preso em um coque com algumas mechas curtas de cachos soltos na frente, o coque estava enfeitado com uma fita de cetim azul escura que formava um laço na parte de trás da cabeça da jovem, a cor da fita contrastava com o tom loiro do cabelo de Elise. O vestido caia perfeitamente sobre seu corpo, em um tom azul escuro ele começava em um decote reto, com espartilho, mangas curtas e bufantes, percorrendo até os tornozelos com a saia feita em tecido leve e esvoaçante, carregado de pedraria formando

pequenos pontos de luz por todo o vestido. Nos braços, Elise carregava a echarpe de seda, do mesmo tom do vestido, com plumas nas pontas.

- Está belíssima, querida! – Disse seu pai, admirando-a por um instante e logo em seguida fugindo para o escritório.

- Está perfeita! Como eu imaginei! – Falou Eleonor. – Perfeita!

Elise sorriu e começou a descer as escadas, Lúcia vinha atrás dela, quando ambas pararam ao ouvir o som dos portões se abrindo.

- Anda, Elise! Anda! – Clamou Lúcia.

- Estou indo! Estou indo!

Ao abrir a porta, Elise olhou para o horizonte e avistou a carruagem com o brasão da família de Luís se aproximando. A verdade é que Elise gostava dos bailes, dos vestidos e das danças, até mesmo gostava de todo o romance envolvido, só não gostava quando os pais olhavam para ela como uma oportunidade de fazer negócios e lucrar através de casamentos arranjados.

- Anda, garoto! Vai ficar aí olhando? Saia da frente! – Ordenou Eleonor para Nathan que desde que viu Elise passar

pela porta estava parado sem reação alguma.

- Desculpe, senhora. – Respondeu ele se movendo para a lateral da escada da varanda.

O cocheiro de Luís abriu a porta da carruagem e o pretendente de Elise saiu vestindo um terno preto impecável.

- Oh céus... – Suspirou Lúcia atrás de Elise.

- Você está maravilhosa devo dizer. – Disse Luís fazendo uma reverência na direção da debutante.

- Obrigado. Você também está

gracioso. – Respondeu ela retribuindo a reverência.

- Boa noite, senhora Eleonor e senhor Francisco. – Cumprimentou o rapaz em frente a carruagem.

Elise se virou para olhar procurando por seu pai, e o achou parado no batente da porta com um de seus charutos entre os dedos.

- Boa noite. - Responderam eles.

Elise desceu as escadas e parou um pouco à frente de Luís, que sorriu para ela e ela retribuiu o sorriso.

- Ah! Vocês já estão apaixonados! Olha

isso Francisco! Estão apaixonados! – Disse Eleonor entusiasmada fazendo com que Elise e Luís rissem daquela situação.

- Traga minha filha de volta as nove horas, engraçadinho. – Ordenou Francisco colocando o charuto na boca e voltando para dentro da casa.

- Sim, senhor. – Respondeu Luís ao mesmo tempo que ofereceu a mão para Elise subir na carruagem.

Eles entraram e Nathan se sentou com o cocheiro, do lado de fora, que por sua vez partiu em direção ao baile.

Elise estava ansiosa para chegar a festa, e essa ansiedade a deixava levemente adormecida em relação ao presente.

~~~~~  
O salão de festas estava lindamente decorado em tons de branco e bege, com lustres, e flores brancas por toda parte. Encontrei amigas que não via há muito tempo, comi e me diverti como a meses não fazia, me senti leve e feliz. Luís a poucos passos de mim, exageradamente bonito, ele sorria e se divertia entre seus amigos.

~~~~~

Uma de minhas amigas contava sobre um de seus últimos encontros quando ouvi meu nome ser chamado logo atrás da minha orelha, o que me assustou e arrepiou ao mesmo tempo, quando me virei e me dei conta de quem se tratava, não pude impedir o sorriso que se plantou em meus lábios.

- Luís! Assim você me mata do coração!

- Imagina! Preciso dele batendo dentro do seu peito, se não como você poderia aceitar dançar comigo se estivesse



morta? – Disse ele retribuindo o sorriso e Elise pode ouvir suas amigas rindo atrás de si.

- Verdade! Vamos então. – Respondeu ela colocando sua mão sobre a dele.

E neste momento caro(a) leitor(a) te recomendo a música “Tenerife sea - Ed Sheeran”, pois foi a música que começou a tocar quando o casal adentrou o salão de dança.

Eles valsaram, Luís a rodopiou, dois passos para cá e mais dois para lá, assim eles iam dançando entre diversos outros casais rodando pelo salão.

- Ele não tira os olhos de você. –  
Concluiu Luís ao rodá-la.

- Quem? – Perguntou ela ao posar a  
mão sobre o ombro dele e encontrar  
seus olhos.

- Seu guarda-costas.

- É o trabalho dele. – Respondeu ela e  
sorriu ao lembrar de quando Nathan lhe  
deu a mesma resposta.

- Qual é a graça?

- Acho que você está com ciúmes. –  
Respondeu Elise com um sorriso.

- Com ciúmes? De um empregado? –  
Perguntou ele confuso e ela deu de

ombros. – Só estava pensando em como vou conseguir ter um momento a sós com você sendo que ele não desvia o olhar por um segundo.

- Acho que você vai ter que ser criativo.

- Gostei do desafio. – Respondeu ele sorrindo e a fazendo girar.

A dança acabou, todos bateram palmas, e Elise se juntou novamente à suas amigas após Luís comentar que ia pegar algo para beber.

- Com licença, te pago duas moedas se for até aquele moço e dizer que a

braguilha da calça dele está aberta. – Disse Luís para uma mulher que encontrou perto da mesa de bebidas, a moça riu da brincadeira e aceitou o desafio.

Luís foi até Elise no mesmo tempo em que a dama de companhia se dirigia a Nathan. Quando Luís chegou perto de Elise, ele se debruçou até estar perto da orelha da jovem.

- Vamos! É a nossa deixa! – Sussurrou ele segurando a mão dela e a puxando para a sombra de uma das pilastras. – Por aqui! – Disse ele a puxando em

direção ao corredor externo.

- Aonde vamos? – Perguntou Elise achando tudo aquilo muito divertido.

- Ao jardim! – Respondeu ele sem largar a mão dela.

Quando chegaram ao jardim de trás da propriedade, eles se sentaram em um banco branco e respiraram fundo. Elise caiu na gargalhada depois que Luís explicou como distraiu Nathan para tirá-la do salão.

- Você é maluco! – Disse ela rindo.

- Devo ser, Elise, devo ser! – Respondeu ele rindo também. – Tenho

tanto para te mostrar, Elise! Para te ensinar!

- Hm, por acaso você é professor? – Perguntou ela se divertindo.

- Não sou, mas aposto que você não sabe muitas coisas que eu sei.

- E eu que você também não sabe muitas coisas que eu sei!

- Como o que? – Perguntou ele intrigado.

- Como bordar, por exemplo. – Disse ela rindo.

- Isso é verdade! Bordar eu não sei! – Confessou ele sorrindo - Mas sei beijar,

quer que eu te ensine? - Perguntou ele se aproximando dela e a enlaçando pela cintura, a trazendo mais para perto de si.

Elise ficou sem fôlego, de repente parecia que era incapaz de responder a aquela pergunta, a respiração de Luís estava sob a boca dela e Elise pareceu esquecer de como se faz para respirar.

- Diga que sim Elise. – Sussurrou ele.

- S... sim.

~~~~~  
Ele a beijou e Elise reagiu fechando os olhos calmamente.



As luzes se apagaram e o cheiro dele me invadiu, foi tão depressa e tão lento ao mesmo tempo, bom e esquisito, do tipo que não sei como me sentir, será que eu devia abraçá-lo? Ou passar os braços sob seus ombros?

- Elise?

A jovem ouviu seu nome sendo chamado de um lugar distante, atordoada ela abriu os olhos e tomou um susto ao ver Nathan chamando por ela da varanda da casa onde o baile acontecia, aos poucos algumas pessoas se juntaram a

ele, ao perceber o alvoroço, Luís segurou a mão de Elise e a levou até a escada lateral que levava até a casa, onde estava escuro por conta da sombra das árvores.

- Desculpe, Elise, não esperava que ninguém nos visse. – Disse ele nervoso segurando as duas mãos dela entre as suas. – Droga!

- Luís? – Chamou ela angustiada com um nó na garganta.

Com os olhos cheios de lágrimas, ela sabia o que aquilo significava, e se sentiu como um cachorrinho abandonado

no meio do asfalto em uma noite de inverno, sozinha e inconsolável.

- Não se preocupe, as coisas não vão ficar assim, você não será arruinada! – Falou ele desesperado. - Amanhã cedo pedirei sua mão ao seu pai! – Declarou com os olhos nos dela.

Elise estava como os olhos arregalados tentando entender o que acabará de se passar.

- O que? – Perguntou ela piscando fortemente na tentativa de acordar daquele pesadelo.

- Amanhã de manhã...- Disse Luís

tentando explicar o que acabará de dizer, quando Nathan apareceu ao lado deles.

- O que você estava pensando? Você a desonrou! – Esbravejou Nathan puxando Elise pelo braço para perto dele.

- Mais que petulância a de vocês com essa mania de ficar me puxando de um lado para o outro! Me deixem em paz! Vocês estregaram tudo! – Esbravejou Elise se soltando da mão de Nathan e correndo escadas a cima.

Durante todo o caminho de volta, Luís se desculpava, mas tudo que Elise

conseguia fazer era assistir as passagens tomadas pela escuridão se moverem conforme os cavalos corriam. A jovem saiu da carruagem e entrou na casa o mais rápido possível. Ela adentrou passando pelo pai, que a esperava na entrada, em prantos, subiu as escadas correndo para seu quarto, e antes de fechar a porta ela ouviu o pai gritando com os garotos que do lado de fora haviam ficado.

- Mas que diabos vocês aprontaram com a minha filha? – Esbravejou Francisco saindo na varanda.



Nathan explicou o ocorrido e Luís pediu desculpas e explicou que voltaria na manhã seguinte para conversarem.

Como eu posso ter tanta má sorte? Como logo no meu primeiro beijo eu posso ter me sentenciado a prisão? Por causa de um mísero beijo idiota agora vou estar atada a um homem para o resto de minha vida! Tantos anos me esforçando tanto para não fazer besteira e por causa de um beijo idiota...não acredito que me deixei levar pelo entusiasmo da noite e por



isso nunca mais terei minha liberdade!
Não é justo!

Elise passou um bom tempo chorando, e de tanto soluçar estava quase caindo no sono, até que ouviu um barulho na varanda e abriu os olhos sonolenta. Uma pedra voou até a varanda e bateu no chão fazendo o barulho que a acordou, em seguida outra pedra fez o mesmo, Elise se levantou e caminhou até a varanda, se aproximou do parapeito e avistou Nathan pronto para atirar outra pedra.

- Ei! Cuidado! – Disse ela o fazendo olhar pra cima.

- Você consegue descer? – Perguntou ele.

- Consigo. – Respondeu ela não entendendo muito o porquê daquela pergunta.

- Então desce!

- Para que?

- Anda, desce!

Elise tinha aprendido a descer e subir pela varanda na primeira semana que se mudou, era um de seus jeitos de escapar de Lúcia para ir ao lago, ela só não

entendia o porquê Nathan queria que ela descesse a àquela hora da noite, não parecia apropriado, mas como Elise não se impostava com as regras e já estava sentenciada a pior coisa que ela poderia imaginar, ela não hesitou muito e desceu pela árvore no canto da varanda. Ao colocar os pés no chão ela suspirou fundo, arrumou as mechas de cabelo para trás da orelha, e ajeitou a camisola.

- Pronto! – Exclamou ela. – O que foi?

- Vamos! – Disse ele dando as costas para ela e indo em direção a estufa.

Elise pensou em questiona-lo, mas ela

sinceramente não se importava muito para onde estava indo, sabia que Nathan não lhe oferecia mal algum e também estava exausta de mais para fazer perguntas, ela apenas o seguiu. Quando entraram na estufa, haviam algumas velas acesas, Nathan puxou uma das poltronas da mesa de chá para que Elise se sentasse e ele se sentou na outra, ficando de frente para ela.

- Elise. – Chamou ele, e ela encontrou os olhos escuros dele. – Me desculpe por gritar daquele jeito na varanda, eu tentei impedir o que já estava feito e

acabei selando seu destino. Eu sinto muito e o que eu puder fazer eu farei para me redimir com você.

- Não foi sua culpa, eu não devia ter me deixado levar pelo entusiasmo do baile. – Respondeu ela desviando o olhar para o chão, ele percebendo sua tristeza, levou a mão ao rosto dela virando-o para ele novamente até seus olhos se encontrarem.

- Elise, eu gritei porque não consegui segurar o meu ciúme, eu tentei o tempo todo, e achei que iria conseguir me conter até o final da noite, mas quando te

vi nos braços dele... eu gritei na tentativa de que o que eu segurava no peito fosse liberto, impedindo que a dor se espalhasse dentro de mim, infelizmente eu fui egoísta, e assim eu levei dor para você. Eu peço o seu perdão, Elise, pois esta nunca foi a minha intenção. – Concluiu ele, mas Elise não respondeu, ela continuava com os olhos nos dele, o dando espaço para se expressar.

- Elise, desde o primeiro dia em que te vi, rodeada de crianças, eu desejei que todas fossem nossos filhos, sei que é

loucura e por isso eu sorri naquele dia, porque é um sonho maravilhoso e inalcançável. Você é a tal mulher mais linda que eu já conheci, por você que eu declarei estar me apaixonando, era você o tempo todo Elise, e a sua inocência em não perceber isso fazia com que eu me encantasse cada vez mais por você. — Confessou ele se debruçando na direção dela. - Eu sei que é loucura, que nos conhecemos a tão pouco tempo, e que é algo impossível, mas é o que eu sinto por você. Eu não podia deixar você ir dormir sem que eu te contasse o que

sinto. Por não caber mais em meu peito, eu explodi hoje e acabei te machucando, por isso achei que seria melhor te contar tudo de uma vez. – Declarou Nathan.

Elise ficou em silêncio por aproximadamente vinte segundos, então ela respirou fundo, abriu a boca para dizer algo, mas a fechou novamente, respirou fundo de novo, e cruzou os braços por fim.

- Você está falando sério ou está brincando comigo? – Perguntou ela seriamente.

- Eu não brincaria com uma coisa

dessas, Elise. – Afirmou ele.

- Pois bem, tenho tentado me afastar de você. – Confessou ela.

- Eu percebi.

- Tenho tentado me distrair ao máximo para não pensar em você, mas quando te vejo, me irrita por não conseguir me desfazer dos meus sentimentos por você.

– Confessou ela.

- Elise...- Disse ele colocando uma das mãos sobre os joelhos dela, ela pegou sua mão entre as dela sem desviar os olhos dos dele.

- Nathan, desde o primeiro dia em que

te vi eu te desejei, você entrou em meus pensamentos, e lutou para ficar mesmo eu tentando tantas vezes te expulsar. Esperava que com o tempo conseguisse tirar a tal da “garota mais bonita que você já conheceu” da sua mente e trouxesse toda sua atenção para mim. Mas ao mesmo tempo eu não queria isso, não sou boa em lidar com sentimentos e por isso tentei me afastar de você.

- Ah, Elise, eu também te desejo! –
Exclamou ele levando uma das mãos ao rosto dela e passando o dedão pelo

lábio inferior da jovem, mas ela afastou a mão dele com uma das suas, voltando-as para seu joelho.

- Mas agora, Nathan, nem mesmo viver uma fantasia nós podemos, meu destino foi selado ao de Luís, eu me casarei, e irei embora. – Lamentou ela desviando o olhar para o chão.

- Eu vou com você! – Elise o olhou confusa parecendo que ele havia batido com a cabeça. – É sério! Eu sou seu guarda-costas, podemos convencer seu pai de que sou necessário ao seu lado, assim como podemos convencer Luís do

mesmo.

- Você acha? – Perguntou ela pensando na possibilidade.

- Sim! Pode dar certo! Assim, não precisamos nos afastar, podemos deixar as coisas acontecerem com o tempo.

- Até que pode ser uma boa ideia. – Disse ela pensativa.

- É uma boa ideia, Elise! – Exclamou ele com entusiasmo fazendo com que ela começasse a acreditar.

- Pode ser uma boa ideia...- Falou ela sorrindo.

- Não é porque você vai se casar que

sua vida vai acabar, e eu estarei lá para garantir que isso não aconteça, vou estar com você a todo momento, em todo lugar. – Elise esboçou um sorriso mais largo achando engraçado o entusiasmo de Nathan. – Simples assim, você se casará e eu estarei lá com você enfrentando tudo.

- Não sei, Nathan. – Disse Elise ao se lembrar daquele episódio durante sua infância, ela se levantou devagar querendo se afastar de Nathan e de todas as suas juras de amor.

- Elise! – Chamou ele segurando a mão

dela, mas ela se recusou a olhar. –
Dança comigo?

- Dançar? – Ela voltou os olhos
confusa para ele.

- Sim! Você sabe dançar! Eu sei que
sabe!

- Essa não é a questão...você quer
dançar aqui? Agora? Mas nem mesmo
temos música!

- Não precisamos nos preocupar com o
tempo, Elise, nem com o local, nem
mesmo com a música! Venha vou te
mostrar! – Ele se levantou e a puxou
pela cintura, colando o corpo ao dela, e

com a outra mão segurou a mão dela.

Elise não muito convencida se deixou levar posando uma de suas mãos sob o ombro do jovem.

- Encoste a cabeça no meu ombro. – Disse ele, ela o fez, e começaram a valsar lentamente. – Feche os olhos Elise, respire fundo, somos só eu e você agora, ninguém pode te tirar dos meus braços.

- Eu estou com medo, Nathan, com medo do que está por vir. – Confessou ela baixinho.

- Escute a música, Elise. Escute a

música.

~~~~~  
Neste momento recomendo que ouça a música “Perfect (Violin version) de Ed Sheeran”.

~~~~~  
Aos poucos, conforme eu sentia o cheiro dele e cada parte do meu corpo relaxava, eu comecei a ouvir... um violino tocava bem baixinho, conforme dançávamos, o som foi aumentando, a melodia se tornou mais tocante, mais intensa, mas nós não aceleramos, continuávamos valsando ao nosso ritmo. A música me fez estar presente naquele

momento, e assim minhas inseguranças sobre o futuro ficaram para mais tarde, em outro momento, pois naquele eu estava completamente entregue. Nathan respirou fundo perto do meu pescoço e uma onda passou pelo meu corpo fazendo parecer que ventava dentro do meu estômago, ali ele depositou um beijo fazendo meu corpo estremecer, depois outro e outro se aproximando da minha orelha, uma onda de calor tomou posse de mim.

- Elise? – Sussurrou chamando por ela.

- Sim? – Respondeu ela baixinho.

- Quero te mostrar uma coisa. –
Confessou ele.

- O que é? – Perguntou ela com medo
da resposta.

- Não precisa temer, se você não gostar
de algo que eu fizer é só me pedir para
parar e eu paro, está bem?

- Está bem? Mas o que é? – Perguntou
ela ainda deitada no ombro dele.

- Não é o tipo de coisa que se
descreve, Elise, é o tipo de coisa que se
faz. Mas não se preocupe, com base nos
livros que você lê escondido, você vai

saber do que se trata.

- Nathan. – Chamou ela levantando a cabeça do ombro dele, que calmamente a encarou.

- Deite no meu ombro, Elise, vamos continuar a dançar, feche os olhos e sinta a música. – Disse ele e ela voltou para a posição anterior, eles continuaram a bailar lentamente enquanto Nathan depositava diversos beijos ao longo do pescoço de Elise que se arrepiava a cada vez que a boca dele encostava em sua pele.

Elise suspirou quando Nathan desceu

os beijos até o ombro dela, levou a mão da cintura até a nuca a puxando levemente para trás, fazendo com que ela se debruçasse abrindo espaço para a luz iluminar o colo. Nathan depositou mais beijos por ali, cada vez mais demorados, ele respirava profundamente com o corpo colado ao dela enquanto dançavam naquela valsa torturante. Ele a beijou conforme o busto dela subia e descia por conta da respiração ofegante, Elise arfou e mordeu o lábio.

- Nathan. – Ele levantou a cabeça para olha-la. – Continue. – Ordenou ela com

a cabeça apoiada na mão dele.

Lentamente enquanto dançavam foram se abaixando sem se descolarem um do outro, até que Nathan se sentou no chão trazendo-a junto de si em seu colo. As costas de Elise estavam apoiadas no antebraço dele enquanto a mão dele a segurava pela cintura, as pontas dos cachos loiros de Elise roçavam a pele do braço dele, e os olhos de Nathan não desgrudavam dos dela. Assim, a mão livre dele se aproximou lentamente do laço da camisola, que quando foi desfeito levou com ele a sustentação da

peça, escorrendo por cima dos seios dela. Nathan afastou o tecido lentamente e levou a mão até a nuca dela, trazendo a boca de Elise para perto da sua, comprimindo a boca dela na dele, invadindo o interior dos lábios da jovem, e ela retribuiu o beijo apaixonadamente agarrando o

rosto dele com as mãos espalmadas.

Foi como fogos de artifícios! Eu virei o pêssigo! Finalmente! E finalmente eu sei como aquele pêssigo se sentiu!

Maravilhosamente bem! Que é como me sinto neste exato momento, que beijo bom.... nossa senhora...

Quando as bocas se afastaram, Elise esboçou um sorriso, e Nathan fez o mesmo.

- Agora, Elise, eu vou te beijar assim, desse mesmo jeito, por cada centímetro do seu corpo. – Elise enrubesceu e a vergonha tomou sua feição. – Não precisa ter vergonha alguma, você é linda e eu desejo fazer isso desde o dia que te vi pela primeira vez. – Disse ele

fazendo-a sorrir.

Nathan passou o braço livre por de baixo das pernas de Elise levantando-a e tirando-a de seu colo, deitando-a no tapete da estufa, ele se debruçou sobre ela com cuidado, beijando o colo e descendo lentamente até envolver um dos seios com sua boca fazendo Elise gemer de prazer. Em seguida, envolveu o outro seio fazendo com que a jovem tivesse a mesma reação anterior, depois ele desceu beijando a barriga dela conforme empurrava a camisola para baixo devagar. Beijando cada centímetro

de pele que ia se descobrindo conforme a camisola escorregava para baixo, quando ele chegou ao quadril dela, Elise tremeu involuntariamente de prazer.

- Levante o quadril, Elise. – Pediu ele agarrando as laterais da camisola e da roupa de baixo dela, Elise se ergueu e ele puxou as peças para baixo, tirando-as delicadamente pelos pés dela.

Após colocar as peças de roupa de lado, Nathan voltou sua atenção para Elise, deslizando a ponta de seus dedos sobre a pele das pernas dela.

– Isso, Elise, continue com os olhos

fechados, ouça a música tocar. – Disse ele acariciando-a. – Abra as pernas para mim, Elise. – Devagar ela o obedeceu.

Ele se pôs entre as pernas dela e se agachou beijando o joelho da perna direita, em seguida ele foi abaixando conforme ia beijando a parte interna da coxa, devagar ele se deitou de barriga para baixo conforme chegou perto da virilha. Ele a beijou em seu ponto mais íntimo e ela gemeu em resposta.

- O seu cheiro me deixa louco, Elise. O seu gosto me enlouquece. – Confessou ele entre um dos beijos.

Os beijos se cessaram, ele posou as mãos sobre o quadril dela apertando-a levemente, e começou a devora-la com paixão. Elise passou a rebolar incontrolavelmente, ela gemia e pediu misericórdia as estrelas, mas Nathan não era piedoso, ele continuou a tortura-la, ela agarrou o cabelo dele, se oferecendo para ele, implorando por mais.

- Nathan! – Disse ela entre os gemidos, ele levantou o olhar para ver a expressão dela que era de puro prazer. – Por favor, continua! – Implorou ela.

E ele continuou, ela passou a rebolar

mais rápido e ele continuou, e continuou até que ela gemeu arquejando e tremendo o corpo todo, só então eles juntos diminuíram o ritmo até pararem. Elise levou a mão a testa suspirando, Nathan se deitou ao lado dela e percebeu como as bochechas dela estavam coradas, isso o fez sorrir e suspirar.

- Pode abrir os olhos, Elise.

Ela abriu e virou a cabeça na direção dele, ainda respirando com dificuldade.

- Gostou da nossa dança, senhorita? – Perguntou ele afastando um cacho do

rosto dela.

- Ah música era linda, sem dúvidas! –
Declarou ela sorrindo, e o fazendo rir.

- O que achou do que eu te mostrei? –
Perguntou ele.

- Acho que com certeza o pêssego
ficaria morrendo de inveja de mim
agora.

- O que? – Perguntou ele confuso.

- Lembra do dia em que você me viu
pela primeira vez e as crianças levaram
pêssegos até vocês? – Perguntou ela
virando o corpo para o lado dele.

- Lembro. – Disse ele fazendo o

mesmo.

- Você pegou o pêssego, mordeu, e o caldo escorreu pelo seu queixo, você sorriu, e desde aquele dia tudo que eu mais queria era ser aquele pêssego idiota. – Explicou ela sorrindo.

- Ah, isso explica muita coisa, dona Elise! – Disse ele rindo. – Bom agora você provou muito mais do que o pêssego teve a oportunidade de provar.

Elise riu achando o comentário dele engraçado, hesitante ela levou as pontas dos dedos ao peito dele, no espaço aberto da camisa de linho branco, que

ele estava vestindo, Nathan arfou suspirando e lentamente fechando os olhos. Elise se sentindo mais segura, posou a mão sobre a pele dele e começou a acariciá-lo.

- Eu posso fazer com você o que você fez comigo? – Indagou ela, fazendo ele abrir os olhos confuso e encara-la.

- Você sabe fazer?

- Não, estou perguntando se é possível.

- Ah. – Disse ele ao relaxar o corpo novamente. – É possível, Elise, mas garotas da sua classe não costumam fazer isso. – Explicou ele.

- Você me ensina?

- Posso te ensinar, mas não hoje, por hoje você já aprendeu muito, precisa de tempo para assimilar as coisas.

- Mas eu quero fazer você se sentir como eu me senti! – Suplicou ela.

- Vamos ter tempo, Elise. – Disse ele puxando-a para que ela deitasse no peito dele. – Você sabe o que nós acabamos de fazer, não é? – Perguntou ele acariciando o cabelo dela.

- Sim, mas gosto de pensar que estávamos dançando.

- Bom, quero que você saiba que é

assim que tem que se sentir sempre que dançar, talvez até melhor.

- Melhor? – Perguntou ela levantando a cabeça para encontrar os olhos dele.

- Sim, Elise. Talvez. Quem sabe? – Disse ele e ela posou a cabeça de volta no peito de Nathan.

Ali eles ficaram por mais uma hora, conversando e rindo, Elise queria ficar ali para sempre, congelar o tempo, assim como apostou que Nathan queria fazer o mesmo, mas o tempo não para e a vida continua, as pessoas gostem ou não. Elise voltou para o seu quarto do

mesmo jeito que desceu para o jardim,
Nathan foi para sua casa na vila,
caminhando com um sorriso no rosto, do
mesmo jeito que Elise foi dormir.



Sexto capítulo

Um mês

Na manhã seguinte, Lúcia adentrou o quarto de Elise tagarelando animadíssima sobre o casamento eminente, como de costume ela abriu as cortinas deixando o sol entrar, Elise a ouviu, mas não abriu os olhos, ela não queria acordar, não queria começar aquele dia, tudo que ela desejava era continuar dançando com Nathan em seus sonhos, mas Lúcia puxou os lençóis a descobrindo, fazendo a garota resmungar

desaprovando o ato.

- Pelo amor, Lúcia! Me deixe em paz! – Disse Elise puxando um de seus travesseiros para cobrir seu rosto.

- Vamos! Levante-se! Precisamos te arrumar! Logo ele vai chegar e você precisa estar apresentável. – Falou Lúcia puxando um dos pés de Elise na tentativa de tirar a garota da cama.

Quando finalmente Lúcia conseguiu o que queria, Elise estava em frente a porta de seu quarto, pronta para sair com um vestido azul de flores brancas, e com o cabelo alinhado em uma trança

com uma fita branca na ponta. Pintado, que já havia sido liberado de usar o curativo na pata e estava completamente recuperado, parou ao lado de Elise e olhou para ela que o percebeu e o pegou em seu colo, mais na intenção de confortar a si mesma do que ao cachorro, e começou a descer as escadas.

- Vamos lá, Pintado, não vai ser tão ruim... – Disse ela tentando consolar a si mesma.

Elise se dirigiu ao escritório de seu pai como Lúcia a havia orientado, ao

adentrar a sala percebeu a presença de Luís, sentado na cadeira de frente para a mesa de Francisco, Eleonor também estava presente, porém não estava sentada, e sim de pé olhando pela janela do escritório para a paisagem da fazenda.

- Bom, então está tudo resolvido. – Disse Francisco sorrindo para o rapaz a sua frente e lhe estendendo a mão, o jovem a apertou e foi neste momento que Elise parou de andar.

– Elise, querida! – Falou seu pai, fazendo com que Luís e Eleonor

virassem o rosto para ver a jovem. - Não precisa se preocupar! Luís é um bom garoto e veio pedir sua mão em casamento, já acertamos tudo. – Elise não expressou reação alguma, apenas continuou parada.

- Querida, ouça que notícia maravilhosa! Você está noiva meu bem! – Disse a mãe dela se aproximando e a envolvendo em um abraço, que ela não retribuiu.

- Você vai sufocar o Pintado. – Foi tudo que Elise disse e Eleonor se afastou segurando os ombros da jovem.

- Estou tão animada! Vamos começar os preparativos hoje mesmo! Só temos um mês para arrumar tudo! – Elise arregalou os olhos assustada. – Calma, querida, tudo estará perfeito! Não precisa se preocupar! – Falou Eleonor acariciando o rosto de sua filha com as costas da mão.

- Elise. – Disse Luís se levantando e indo na direção dela, fazendo ela dar meia volta e sair da sala apressada. – Elise! – Chamou ele apressando o passo.

- Isso, converse com ela querido! –

Falou Eleonor quando o rapaz passou por ela. – Ah Francisco isso me deixa tão feliz! Duas de nossas filhas vão se casar em breve! Que maravilha! – Disse Eleonor contentemente saindo do escritório.

- Elise! Espera! – Pediu Luís já no final do corredor quando Elise colocou a mão na maçaneta da porta principal, pronta para sair da casa, na tentativa respirar ar puro.

- O que foi? – Perguntou ela se virando para ele. – Ficarei do seu lado para o resto de minha vida, não pode me deixar

aproveitar este último mês de liberdade em paz? – Esbravejou ela.

- Ora, Elise, minha intenção não era que nos casássemos assim tão de pressa, primeiro que minha intenção nem mesmo era me casar com você, eu queria ter te cortejado, te levado em encontros, ter te conhecido melhor. – Confessou ele segurando seu chapéu com as duas mãos em frente ao corpo.

- Teria sido mais apropriado.

- Então vamos fingir que não temos um casamento marcado, vamos aproveitar este mês para ir em encontros, para nos

conhecermos melhor e....

- E gastar todo o tempo de liberdade que me resta, com você? Não, obrigado! Te vejo no dia de casamento! Mas antes disso não desejo te ver mais um instante se quer! – Respondeu ela virando-se para porta, finalmente a abrindo, e saindo para a varanda da casa.

- Como queira, Elise. – Respondeu Luís com um tom áspero na voz ao passar por ela e entrar em sua carruagem.

- Você está bem? – Perguntou Nathan que estava sentado em uma das cadeiras

da varanda.

- Vou me casar em um mês. –

Respondeu Elise acompanhando, com os olhos, a carruagem ir embora.

- Não, eu estava me dirigindo ao Pintado! – Disse Nathan se levantando e se aproximando da garota com o animal no colo.

- Como você está, meu caro amigo? – Perguntou ele acariciando a cabeça do filhote, Elise o encarou séria e começou a descer as escadas.

- Então vamos curtir este último mês como se fosse o último de nossas vidas!

– Exclamou Nathan indo atrás de Elise.

- Nathan...

- Nada disso! Vamos! Não podemos perder tempo!

E eles não perderam, aproveitaram cada segundo daqueles dias, enquanto Eleonor e Giovana cuidavam de todos os detalhes do casamento, e Luís não sabemos por onde andava, Nathan e Elise se divertiam. Eleonor nem mesmo reprimia a filha por estar o tempo todo correndo e com o vestido sujo, estava ocupada de mais organizando o casamento de duas filhas ao mesmo

tempo. Catarina também estava muito ocupada cuidando dos detalhes de seu próprio casamento, Francisco vivia ocupado cuidando da fazenda e dos negócios, enquanto Madalena sempre que podia estava andando de cavalo com Nathan e Elise, Lúcia por sua vez estava ficando louca se dividindo entre cuidar de Elise e dos preparos do casamento, dando assistência a Eleonor na maior parte do tempo, já que Elise não queria saber de nada sobre o tal casório.

- Vem! Pula! – Falou Nathan para Elise

que estava em cima de uma árvore se preparando para pular no lago.

Ela pulou espirrando água para todo lado fazendo Nathan rir.

- Foi muito elegante! – Ironizou ele.

- Ah, muito obrigado, milorde! – Disse ela sorrindo e passando seus braços pelo pescoço dele, que por sua vez envolveu a cintura dela em um abraço.

Os dias passavam de pressa, houveram muitos roubos de tortas, muitos sorrisos e saltos no lago. Foram diversas noites na estufa onde eles dançaram muitas e muitas vezes.

- Ah que saco! – Esbravejou Elise correndo para dentro do coreto alisando o vestido.

Nathan ria daquela cena assistindo tudo do jardim.

- Do que você está rindo? – Disse ela torcendo o vestindo molhado.

- Vem! Dança comigo! Vem! – Pediu ele estendendo a mão para ela.

- Está chovendo!

- Vem, Elise! Dança comigo!

Ela tentou resistir, mas acabou cedendo, e durante alguns minutos eles dançaram sob a chuva e a luz do sol,

eles dançaram juntos sobre a grama molhada formando lama sob seus pés, giravam afastando e unindo seus corpos, eles riam um do outro e do fato de como se sentiam bobos naquele momento. Elise e Nathan não levavam aqueles momentos a sério, sempre faziam piadas sobre seus clichês. Mas é verdade que também haviam momentos mais sérios e menos prazerosos do que aqueles, como por exemplo, quando Elise voltava de uma das provas de seu vestido de noiva e se enfiava em seu quarto por pelo menos uma hora, até que se cansava de

ver pedrinhas voando e caindo no chão da varanda, então finalmente descia até o jardim. Nestes momentos ela costumava dar respostas curtas e ser grosseira, e Nathan sempre respirava fundo, tinha paciência e tentava animá-la até estarem fazendo algo bobo novamente. Apesar de Nathan ter muita paciência quando se tratava de Elise, ele tinha um gênio forte e isso o fez perder a cabeça uma vez em que ele já estava há uma hora tentando convencê-la a fazer algo divertido.

- Podíamos brincar de se esconder!

Você se esconde e eu te procuro, se eu te achar você perde! – Sugeriu ele enquanto ela acariciava Pintado em seu colo.

- Eu sei brincar de pique-esconde. – Respondeu ela sem desviar os olhos do cachorro.

- Então vamos!

- Não.

Nathan se enfureceu e se levantou bruscamente virando de costas e andando para longe de Elise que estava sentada em baixo do pessegueiro.

- Onde você vai? – Perguntou ela, mas

não obteve resposta. – Nathan?

A verdade é que Elise era egocêntrica, e mesmo estando chateada o bastante para brincar, nada a chatearia mais naquele momento do que perder a atenção de Nathan, por isso ela se levantou colocando Pintado no chão e foi atrás do garoto.

- O que houve? – Perguntou ela caminhando ao lado dele.

- Perdi a paciência.

- Você tem que entender que eu estou chateada, Nathan, hoje ao provar o vestido pela última vez, eu me lembrei

do que me espera daqui uma semana, me lembrei que meu destino está selado e me senti impotente por não poder fazer nada sobre isso. – Confessou ela olhando para seus pés.

- Poderíamos fugir. – Sugeriu ele.

- Não, se eu fugisse jamais veria minha família, meus amigos e todos aqueles que amo novamente.

- Então, você poderia encarar o seu pai, dizer que não quer se casar...

- Você não o conhece Nathan, eu já vi essa história se repetir antes com Catarina e não valeu a pena. Ainda tenho

sorte, que diferente dela, vou me casar com um homem novo, cujo a idade não se diferencia em mais de cinco anos da minha. – Respondeu ela.

- Então não sei, Elise.

- A questão aqui, não é achar uma solução Nathan, é somente aceitar a sentença, mas isso não me impede de ficar chateada.

- Eu também estou chateado, Elise. Você acha que não me chateia saber que em poucos dias você será a esposa de outro homem? Que eu jamais terei a chance de te chamar de minha?

- Eu sei, mas não é porque vou dar a minha mão que entregarei o meu coração, o meu coração é seu Nathan, apesar de não podermos assinar um contrato para provar.

- Está dizendo que você é minha? – Perguntou ele parando bruscamente e olhando para ela com um sorriso nos lábios.

- Não, eu só posso ser minha, Nathan. Só eu mesma posso me possuir, já que não sou um objeto e somente meu corpo pode carregar minha alma, minha essência, por outro lado meu coração,

meu amor, está com você. – Explicou ela levando a mão ao rosto dele. – Entendeu?

- Entendi, bom sendo assim, meu coração também está com você. – Disse ele segurando a mão dela.

- Então, você me procura? – Perguntou ela sorrindo e saiu correndo na frente dele o fazendo rir, Pintado a seguiu saltitando pela grama com suas orelhas ao vento.

Nathan não demorou muito para achá-la. Ela estava escondida na lavanderia, que ficava deserta naquele período da

tarde. Elise estava dentro do armário de vassouras, e Nathan só a encontrou porque a ouviu rir quando ele derrubou uma pilha de panos dobrados sob a mesa. Nathan abriu uma das portas do armário e entrou, sobrando pouco espaço para as vassouras, Elise tomou um susto e deu risada de si mesma.

- Vire-se. – Ordenou ele encarando-a.

- Porque? – Disse ela tampando o riso com as mãos.

- Vire-se. – Repetiu ele apontando para o outro lado.

Ela se virou ficando de costas para ele,

que a puxou trazendo o corpo dela de encontro com o dele.

- Vamos dançar. – Sussurrou ele no ouvido dela.

- Mas aqui está muito apertado para isso.

- Não precisamos de mais espaço. – Disse ele colocando a mão entre as pernas dela. – Aqui. – Falou ele pressionando. – Já tem espaço o suficiente.

Ela suspirou e ele puxou a saia dela com a mão livre.

- Segure. – Ordenou ele referindo-se a

saia, ela por sua vez agarrou o tecido em cima da barriga com os dois braços e deitou o pescoço para trás no ombro dele. – Muito bem, agora abra as pernas um pouquinho. – Disse ele e ela o obedeceu sem questionar.

Nathan enfiou a mão dentro da roupa íntima de Elise, que ficou nas pontas dos pés. Ele deslizou os dedos até a virilha dela e começou a massageá-la devagar. Elise passou a rebolar involuntariamente e por consequência acabava roçando seu corpo no do jovem atrás de si.

- Isso, Elise, dança comigo. –

Sussurrou ele no ouvido dela a fazendo gemer. – Silêncio. – Disse ele tampando a boca dela com sua mão livre. – Sinta, em silêncio. – Pediu ele tirando a mão da boca dela e passando o braço envolta do corpo da jovem para sustenta-la.

Nathan deslizou um de seus dedos para dentro dela e Elise se contorceu encostada no corpo dele, Nathan continuou aumentando e diminuindo a frequência com que colocava e tirava. Elise rebolava no mesmo ritmo com que ele a tocava, até que ela arfou, pediu por misericórdia e ele não parou, pelo

contrário, ele aumentou o ritmo a fazendo tomar a mesma atitude. Elise suava e suspirava, parecia desesperada, até que gemeu o mais baixo que pode e relaxou cada músculo de seu corpo, se deixando sustentar apenas pelo braço de Nathan, que a segurava envolvendo as costelas dela em um abraço. Ele sorriu satisfeito.

- Agora você me procura! – Sussurrou ele no ouvido dela tirando as mãos do corpo de Elise, abrindo a porta e saindo da lavanderia.

~~~~~  
Assim eles passavam os dias, e Elise

torcia para que quando aquele mês acabasse tudo começasse mais uma vez, criando um ciclo infinito no espaço-tempo.

Eu me apaixonei por Nathan desde o primeiro dia em que o vi, tudo culpa daquele pêssgo, que agora até gosto, devo admitir. No início, eu tentei lutar contra meus sentimentos, mas ele entrou sem pedir licença, aos poucos baixou minha guarda, me convidou a segurar sua mão e me ensinou a dançar, a aproveitar a vida com o momento que

tínhamos, me ensinou a não se preocupar com o futuro, porque o presente é muito precioso para ser desperdiçado.

~~~~~  
Durante as noites que olhávamos as estrelas, eu comparava em minha mente os olhos dele ao céu, escuro e brilhoso, onde cheguei a me perder e a me reencontrar diversas vezes nos dias que passamos juntos. A pele dele contrasta com a minha, assim como a altura, sendo que o topo da minha cabeça bate no ombro dele. Nathan tem os lábios carnudos, o nariz é largo e os olhos são maiores que os meus, as sobrancelhas

são grossas, e o cabelo é bem curto e crespo. Ele tem um rosto muito bonito, do tipo de causar inveja e arrasar corações. Só espero que.... não arrase o meu.

- No que você está pensando? – Perguntou Nathan para Elise, que estava deitada em seu peito enquanto ele acariciava o cabelo dela.

- Em corações. – Respondeu ela.

- São realmente interessantes. – Disse ele e um silêncio se instalou por alguns segundos. – Você está pronta?

- Para que? – Perguntou Elise calmamente.

- Para o casamento amanhã.

A verdade é que Elise já havia esquecido de que o casamento era no dia seguinte, mesmo depois de diversas pessoas terem lhe lembrado disso durante o dia todo.

- Não. – Respondeu ela.

- Lembre-se que eu vou estar lá com você.

- Eu sei, mas você não vai estar comigo na noite de núpcias. – Disse ela tristonha. – O bom é que você já me

ensinou tudo que eu deveria saber sobre isso. – Falou Elise levantando os olhos para ver a expressão de Nathan.

- Quase tudo.

- Como assim quase tudo? – Perguntou ela confusa se levantando e sentando de pernas cruzadas de frente para ele.

- Falta a parte principal. – Explicou ele. – Que é como se fazem os bebês.

- Então, você precisa me ensinar! Agora mesmo! Não quero que ele tenha que me ensinar! – Falou Elise desesperada.

Nathan se sentou de pernas cruzadas de

frente para ela e segurou suas mãos.

- Calma, Elise! Acontece que isso eu não posso te ensinar. – Disse ele calmamente.

- E porque não?

- Porque se eu fizer isso vou te violar, ele vai descobrir durante a noite de núpcias, muito provavelmente não vai gostar de não ser o seu primeiro, pode acabar com o casamento, você vai sair humilhada na frente da sociedade, e isso nós não queremos que aconteça.

- Mas você é o meu primeiro!

- Não, Elise, o primeiro que realmente

vai fazer amor com você será o Luís, quando for seu marido, é uma coisa que só os maridos tem a permissão de fazer, entende?

- Eu entendo, mas o que será feito afinal?

Nathan a explicou tudo detalhadamente e os olhos de Elise se arregalavam a cada palavra que ele dizia, ela soltou as mãos dele, levantou e passou a caminhar de um lado para o outro com uma mão na cintura e a outra na cabeça.

- Mas eu não tenho intimidade alguma com ele!

- Não precisa ter. Ele provavelmente já sabe como se faz, ele vai ir até você, e enquanto ele estiver fazendo você pode fechar os olhos e ir para um lugar bom até ele acabar, vamos torcer para que seja rápido. – Disse Nathan a seguindo com os olhos.

- Mas...mas... e agora Nathan? – Perguntou ela o encarando com ar de desespero.

- Não precisa se preocupar, você já sabe muito mais que muitas das meninas que se casam hoje em dia. E ainda tem a sorte de ele ser novo e não um marido

que tem idade para ser seu vô, como acontece com muitas.

Elise bufou e continuou a andar de um lado para o outro.

- Você quer dançar, Elise? – Perguntou ele a encarando conforme ela se movimentasse.

- Só de pensar já me deixa enjoada!

- Dançar comigo?

- Não! Com ele!

- Mas com ele você não vai dançar! Só vai ficar lá parada como uma estátua! – Disse ele com raiva.

- Por que você não me falou antes? Por

que não me contou como seria? – Esbravejou ela.

- Porque eu achei que você soubesse! – Falou Nathan furioso, voltando a se deitar.

- Pois eu não sabia!

- Agora eu sei! Anda! Venha se deitar, ficar andando até cavar um buraco no chão não vai mudar o fato de o casamento ser amanhã. – Disse ele de modo grosseiro.

- Será que não pode ter casamento sem noite de núpcias? – Perguntou ela sem parar de andar de um lado para o outro.

- Não, o casamento tem que ser consumado! – Esbravejou ele à beira de perder a paciência, respirando fundo ele andou até ela e segurou os ombros da garota. – Elise, se acalme! Respira fundo! Vamos! Comigo! Um...dois...três...quatro... isso com calma! Não será tão ruim assim, e vai ser rápido, não é motivo para se desesperar, agora venha! Sente-se comigo. – Disse ele segurando a mão dela e sentando-se com ela no lençol sob a grama.

- Eu estou com medo, Nathan. –

Confessou ela. – E isso por acaso dói?

- Dizem que dói um pouco sim, mas é rápido. – Disse ele tentando consolá-la.

- Ah, mas eu não quero sentir dor! – Resmungou Elise.

- Acredite, se eu pudesse fazer com que você não passasse por isso eu faria, mas como não há nada para se fazer a respeito, vamos apenas ficar felizes pelo fato de Luís não ser bem mais velho que você, por ele ter muito dinheiro para te dar uma vida confortável, e também por seu pai ter me pedido para ir com você e continuar sendo seu segurança. – Falou

Nathan calmamente se deitando.

- O que? Ele pediu? – Perguntou Elise se jogando em cima dele.

- Sim! – Respondeu ele sorrindo.



Sétimo capítulo

O casamento

O dia do casamento de Elise chegou, antes mesmo do casório de sua irmã Catarina, que teve de ser adiado, porque o noivo dela partiu em uma viagem de negócios.

Todos corriam de um lado para o outro, e Elise se via perdida em meio ao caos daquele lugar. O evento estava para ser realizado na propriedade dos pais do noivo, depois da festa, Elise e Luís

iriam para a casa de campo da família dele passar a lua de mel.

Elise se olhava no espelho enquanto Lúcia colocava uma tiara de brilhantes na cabeça dela, ajeitando o cabelo da noiva em um coque impecável, ao fundo Eleonor tagarelava sobre como tudo estava bonito e perfeito. Quando Lúcia acabou, Eleonor a pediu para que ela se retirasse e assim ela o fez. A mãe de Elise pegou uma pequena caixa que estava na cômoda ao lado do espelho, e a abriu ao lado de Elise, que continuava encarando o seu próprio reflexo.

- Elise, querida, eu me casei usando este colar de diamantes que meu pai me deu no dia do meu casamento. – Declarou Eleonor colocando a joia envolta do pescoço da filha. – E hoje é a sua vez de usá-lo.

- Obrigado, mãe. – Disse Elise levando a mão até o colar sem desviar os olhos do reflexo no espelho.

- Di nada, querida. – Falou Eleonor contemplando a filha com os olhos cheios de lágrimas.

- Senhora Eleonor? – Chamou uma das empregadas colocando a cabeça para o

lado de dentro da sala onde mãe e filha estavam.

- Sim?

- A senhora Giovana requisitou a sua presença no jardim. – Informou a moça.

- Ah sim! – Respondeu ela. - Já volto querida! Você está linda! – Disse Eleonor ao dar um beijo na cabeça de sua filha. – Já está chegando a horaaa... – Cantorolou ela saindo do quarto.

Alguns minutos se passaram e Elise continuou sozinha, em silêncio, encarando a si mesma no espelho, até que alguém bateu na porta e ela se

assustou virando-se para ver quem era.

- Pode entrar. – Respondeu Elise e a porta se abriu.

- Sou eu. – Disse Nathan ao adentrar o quarto e fechar a porta atrás de si.

Por um momento, Nathan ficou paralisado, olhando para Elise que por sua vez deu um sorriso meio torto ao se levantar e fazer uma reverência.

- Milorde. – Disse ela.

- Nossa senhora! Você está muito linda! Oh céus! Está maravilhosa! – Disse ele animado se aproximando dela que sorriu ao achar engraçado a reação dele. –

Nossa, Elise! Minha nossa! – Falou ele pegando na mão dela e a rodopiando. – Você está incrível!

- Obrigado. – Disse ela quando parou de girar. – Você também está lindo de terno.

- Obrigado, mas vou te confessar que estou morrendo de calor com isto.

- Eu posso imaginar.

- Está bem, chega de jogar conversa fora. Eu te trouxe um presente para quando você usar se lembrar que eu sempre estarei com você e que eu te amo. – Declarou Nathan tirando uma

caixinha preta do bolso da calça.

- Você o que? – Perguntou Elise com uma das sobrancelhas levantada.

- Eu te trouxe um presente.

- Não, o que você disse depois disso?

- Ah sim, que é para que você se lembre que eu sempre estarei com você.

- Nathan! Depois disso! – Falou ela rindo.

- Que eu te amo, Elise! Eu te amo! – Confessou ele abrindo os braços.

- Eu também te amo seu bobo! – Disse ela ao segurar o rosto dele com as duas mãos e o beijar.

- Elise! – Exclamou ele a afastando. – Não podemos fazer isso aqui! Podemos ser pegos! – O sorriso de Elise se desmanchou, e ela recobrou a postura alisando o vestido e se mantendo séria.

– Olha, eu te trouxe um presente! – Falou ele abrindo a caixinha na frente dela, revelando um colar dourado.

- É um pêssego? – Perguntou ela animada pegando o colar em sua mão. – Um pêssego dourado? É lindo!

O colar reluzia na mão de Elise, a corrente era tão fina que quase sumia entre os dedos dela, na ponta havia um

pingente dourado e detalhado em forma de pêssago, que era praticamente do tamanho da unha dela. Elise deu um sorriso largo ao ver o pingente, e depois ao encarar os olhos brilhantes e ansiosos de Nathan.

- Você gostou? – Perguntou ele.

- Eu amei! – Exclamou ela animada. – É lindo! Mas como você....

- Eu juntei todos os meus salários desde que cheguei à fazenda, e consegui pedir para o ferreiro fazer na semana passada. – Esclareceu ele.

- É perfeito! Obrigado, Nathan! – Falou

ela levando o pingente em direção ao coração.

- Por nada, assim vou poder estar com você na noite de núpcias e você não precisará se sentir sozinha. – Declarou ele a fazendo sorrir.

Nathan era sempre muito doce com Elise, apesar de terem brigado algumas vezes, de terem gritado um com outro quando ela tentava se afastar dele, ele sempre tentava ser o mais paciente e amoroso possível ao lado dela, mesmo tendo um gênio forte e sendo explosivo com outras pessoas. Como na semana

passada, quando ele socou o queixo de Sebastian por tê-lo ouvido comentar que conseguia imaginar a bunda de Elise através do vestido que ela usava.

Mesmo assim, com Elise ele era diferente, e queria que ela se sentisse segura e amada mesmo quando não estivesse com ele e isso andava deixando-o preocupado em relação a noite de núpcias, como ele não queria passar essa insegurança para ela, presenteou-a com o colar na tentativa de fazê-la se sentir mais segura. E Elise por sua vez adorou o presente. Alguém bateu

na porta do quarto chamando a atenção dos dois. Nathan deu dois passos para trás para ficar a uma distância aceitável de Elise.

- Pode entrar. – Respondeu a jovem.

- Olá, querida. – Disse Francisco ao adentrar a sala. – Olá, Nathan, não sabia que você estava aqui.

- Eu vim parabenizar a noiva e ver se ela estava bem, sem perigo eminente por aqui, senhor Francisco. – Esclareceu ele.

- Ah sim, obrigado Nathan, pode se retirar agora.

Nathan saiu do quarto cruzando com Madalena que passou correndo pela porta.

- Elise! – Exclamou a irmã mais nova ao adentrar o quarto e parar na frente da noiva.

- Sem correr, Madalena! – Disse Francisco repreendendo-a.

- Oh céus, Elise! Você está deslumbrante! Nem mesmo parece a minha irmã! – Exclamou a menina fazendo com que Elise achasse graça.

- Você está realmente linda, querida. – Afirmou Francisco ao estender o braço

para Elise. – Vamos? O casamento irá começar!

- Você parece uma princesa! –
Exclamou Madalena entusiasmada ainda parada no mesmo lugar.

- Vamos, Mada. – Disse Elise segurando no braço de seu pai.

Ao sair no jardim e começar a caminhar até o altar, Elise avistou seu noivo claramente bêbado, mal conseguindo ficar em pé, Giovanna o encarava com uma feição de reprovação, o pai dele sorria, do outro lado a mãe de Elise sorria para ela, ao

lado de Catarina. Madalena caminhava na frente da noiva, espalhando pétalas de flores brancas até o altar, quando acabou, ela se posicionou ao lado de sua mãe. Elise avistou Nathan em pé ao lado dos empregados, a sua direita estava Pintado, sentado, como o cachorro obediente que ele com certeza não era, do outro lado estava Lúcia chorando com um lenço em sua mão.

A cerimônia foi rápida, e durante toda ela Elise usou exatamente o oposto do que Nathan a havia ensinado, ela focou no futuro, e se manteve adormecida no

presente. A jovem apenas abriu a boca para dizer sim, e depois ficou parada quando o noivo a beijou e todos comemoraram.

Durante a festa, depois da cerimônia, Elise cumprimentou muitas pessoas que foram parabeniza-la pelo casamento, e algumas mulheres inconvenientes que lhe desejavam uma gravidez breve e uma casa cheia de filhos, outras até mesmo lhe passavam receitas caseiras para fertilidade sem ela ao menos ter pedido. Elise já estava ficando tonta com aquela história toda, então decidiu

pegar uma bebida para se refrescar e foi aí que Madalena puxou o vestido dela chamando-lhe a atenção.

- Toma! – Disse Madalena entregando um pêssago, da mesa de frutas, na mão de Elise, que ficou confusa por um momento. – O Nathan me obrigou! – Confessou a menina fazendo com que Elise sorrisse.

Elise procurou por ele, enquanto sua irmã mais nova se afastava dela indo em direção as outras crianças, ela o achou encarando-a. Quando seus olhares se cruzaram ele piscou para ela, fazendo-a

rir e corar, como uma luz que se acendia ela voltou para o presente.

- Querida! Não coma pêssegos! Vai manchar seu vestido! – Disse Giovana tirando a fruta da mão de Elise, colocando-a na mesa e enlaçando o braço ao dela. – Venha! Vou te apresentar minhas amigas. – Disse a sogra, levando Elise em direção a um grupo de mulheres, fazendo com que a jovem se adormece-se em relação ao presente novamente.

Depois da festa, Elise se despediu de sua família, de seus amigos, de Nathan,

e também de Pintado. Ela adentrou a carruagem chorando com o coração partido, pois não queria deixar aqueles que ela amava. Elise detestava se despedir exatamente porque não gostava da sensação de deixar aqueles com os quais ela mais se importava. Com um nó na garganta as lágrimas escorriam pelo rosto dela, enquanto ela observava a carruagem se afastar de todos aqueles que ela não queria deixar.

Luís ia sentado na frente dela, do outro lado da carruagem, sem emitir um som sequer, ele também olhava pela janela,

após alguns segundos Luís adormeceu e Elise continuou sem mover um músculo sequer. Depois de algumas horas e da jovem já estar entediada, eles finalmente chegaram à casa de campo.

Os empregados os esperavam na porta da casa, cada um deles se apresentou para Elise, que cumprimentou a todos e foi para seu quarto, onde uma dama de companhia a ajudou á arrumar suas coisas, preparar o banho e a trocar de roupa. Ela colocou uma camisola e o colar que Nathan a havia dado. Após tudo estar em ordem, a dama de

companhia se despediu e saiu do quarto, deixando Elise sozinha. Logo a jovem caiu no sono, sem perceber, estava tão cansada do casamento e da viagem que não conseguiu se conter.

Luís bateu duas vezes na porta em que separava o quarto dele do dela, mas Elise não respondeu, então ele decidiu entrar para ver se ela estava no quarto afinal.

- Elise? – Chamou ele ao adentrar o local, fazendo ela acordar assustada.

- Oi! – Exclamou ela sentando-se abruptamente na ponta da cama ao

perceber que tinha caído no sono.

- Clama, sou eu. – Disse ele se aproximando e parando na frente dela ao se apoiar na penteadeira com as mãos cruzadas em frente ao corpo relaxado.

- Sim, eu sei. – Respondeu ela agarrando a beira da cama com as mãos.

- Bom...eu tomei banho. – Disse ele dando de ombros.

- Que bom para você, Luís. – Respondeu ela. – Eu também tomei. – Completou Elise quando percebeu que havia sido muito grosseira.

- Ah, ótimo. – Disse ele, depois

ficando em silêncio por alguns segundos. – Escuta, Elise, desde o dia em que eu fui embora da sua casa depois de assinar o contrato de casamento eu tenho me sentido péssimo, não queria me casar com alguém que não gostaria de se casar comigo, nunca pensei que isso poderia ser um problema, já que sou jovem, bonito, rico e nunca encontrei problemas com as mulheres, muito menos queria que minha esposa se sentisse forçada a se casar comigo. – Confessou ele.

- Pois bem, não foi como nenhum de

nós dois imaginou.

- Sim, não foi. Eu tentei desfazer o meu erro em ter te beijado naquela noite, tentei achar outro jeito sem ser o casamento, mas qualquer um deles acabaria com a sua reputação e meus pais não me permitiram nem mesmo cogitar algo do tipo. – Suspirou ele. – Mas agora estamos casados! E podemos escolher ter um casamento infeliz, separados, ser frios um com o outro, só ter relações para ter filhos e manter as aparências nas festas. Ou, podemos realmente tentar, podemos tentar nos

apaixonar, ter um casamento feliz. Podemos até ter encontros e nos conhecer cada vez mais, podemos descobrir coisas juntos e nos divertimos de verdade, o que você me diz? Eu estou disposto a tentar, e você?

Elise soltou as mãos da cama e contorceu o tecido de sua camisola, Nathan sorrindo foi a imagem que apareceu em sua memória fazendo seu coração doer, ela queria tudo aquilo com ele, mas não podia desistir de tentar ter um bom futuro. Ela queria ser feliz, queria ter ao menos um bom

relacionamento com Luís, já que agora estava fadada a passar o resto de sua vida ao lado dele.

- Está bem, eu posso tentar. – Disse ela.

- Mesmo? – Perguntou ele animado se aproximando dela.

- Sim. – Falou ela olhando para seus pés tocando o chão.

- Isso é maravilhoso, Elise! – Falou ele pegando nas mãos dela, a fazendo se levantar. – Hoje temos que consumir o casamento, é a lei, mas não precisamos ter pressa. E depois de hoje, iremos nos

dedicar a nos conhecer melhor, a passar bons momentos juntos, você verá Elise, nós seremos felizes afinal.

- Espero que sim. – Confessou ela inclinando a cabeça para trás para olhar nos olhos esverdeados dele.

- Bom, o que você sabe sobre consumir um casamento? – Perguntou ele olhando nos olhos azuis dela.

- Me contaram como se faz, mas não sei fazer. – Disse ela baixando o olhar.

- Bom, eu vou começar devagar, e vamos ver o que acontece está bem? – Disse Luís puxando o laço da camisola

dela.

O laço se desfez revelando o centro do busto de Elise, Luís deslizou as mãos sobre os ombros dela fazendo com que a camisola despencasse pelo corpo até tocar o chão. Ele deu a volta ficando atrás dela e desfez a trança que segurava seu cabelo. Devagar ele tocou o ombro de Elise com a ponta dos dedos e foi deslizando a mão lentamente em direção a dela.

- Sua pele é macia como imaginei. — Disse ele parando antes de tocar a mão dela e andando até parar a dois passos

de frente para ela. Ele a examinou dos pés à cabeça, observando sua nudez. — Você é exatamente como eu imaginei que seria.

Elise continuou parada olhando para ele, que por sua vez começou a se despir, tirando primeiro a camisa de linho branco, depois a calça marrom que estava justa ao corpo, e por último a roupa íntima, ficando nu na frente dela. Elise se lembrou de quando o viu pela primeira vez e imaginou que ele teria um corpo bonito por baixo das roupas que vestia, ela estava certa.

Ele tinha um corpo de tirar o fôlego e ela não conseguiu deixar de compara-lo a Nathan, eram belezas completamente diferentes, e ambos eram bonitos a sua maneira, os corpos deles pareciam ter sido desenhados e neste momento Elise quis agradecer aos pais deles por fazerem filhos tão bonitos para ela.

Luís tinha os gomos do abdômen ressaltados, os braços eram mais musculosos do que os de Nathan, as pernas eram grossas e peludas, tinha um pouco de pelo no centro do peito e mais um pouco perto do umbigo, mas nada

que chamasse muita atenção. Ela percebeu que ele tinha uma mancha rosada no canto direito do abdômen logo abaixo da costela, e uma cicatriz não muito grande no lado inferior direito, no quadril. Ela ia perguntar o que tinha acontecido ali, mas achou melhor deixar para uma outra hora.

Ele se aproximou dela, a rodeou analisando-a, por fim parando em sua frente. Luís levou uma das mãos em um dos peitos de Elise, apalpando-o.

- Deite-se. – Ordenou ele suspirando, e Elise o obedeceu já que parecia ser o

mais sensato a se fazer, sendo que ele era o único que sabia como consumir um casamento.

Elise deitou no meio da cama com a barriga para cima. Logo em seguida, Luís deitou em cima dela.

- Abra as pernas. – Disse ele olhando-a nos olhos. – Isso, agora fique parada. – Ordenou ele enquanto se arrumava em cima dela.

Elise assistiu ele enfiar os dedos na boca e levar até a virilha, e em seguida fazer o mesmo com a dela. Quando ele finalmente conseguiu se posicionar

como desejava, investiu de uma só vez entrando dentro dela, isso fez com que Elise gritasse e desse um tapa no rosto dele.

- Elise! – Exclamou ele confuso. – Não faça isso! – Falou segurando os pulsos dela contra a cama. – É normal doer, tente relaxar e vai passar. – Disse ele sem se mexer.

Ela respirou fundo, querendo dar outro tapa, mas acabou não fazendo nenhuma objeção, afinal ela já havia sido avisada sobre a dor antes. Então, Luís voltou a investir, e nas duas vezes seguintes Elise

cerrou o pulso e mordeu o lábio, respondendo a dor. Na terceira investida de Luís, ela percebeu que ficar nervosa não iria ajudar, então tentou respirar fundo, fechar os olhos e ir para um lugar bom, como Nathan havia sugerido. Deste modo, ela imaginou o dia em que viu Nathan pela primeira vez, lembrou-se do pêssego e do sorriso dele, de repente a dor foi parando e conforme Elise lembrava de como Nathan a fez se sentir naquele dia e em tantos outros, aquilo foi lentamente se tornando prazeroso.

- Elise! – Chamou Luís. – Fica comigo!

Olhe nos meus olhos! – Ordenou ele enquanto continuava suas investidas.

Elise o olhou e viu prazer em sua feição, aquilo a lembrou de quando Nathan tinha prazer com ela e ela com ele.

- Luís? – Chamou ela.

- Nossa você é tudo que eu imaginei. – Disse ele tornando suas investidas mais rápidas.

- Luís? – Tentou ela novamente. Mas ele não respondeu.

Alguns segundo depois, ele gemeu estremecendo sob o corpo dela. No

primeiro momento, Elise se sentiu confusa, mas logo depois entendeu o que havia se passado. Ele saiu de cima dela e se deitou ao seu lado.

- Pronto. Está consumado. – Declarou ele suspirando entre as almofadas.

- É isso? – Perguntou ela indignada olhando para o teto do quarto.

- Sim, você não gostou? – Perguntou ele virando a cabeça para olhá-la.

- Não! Doeu e eu não senti prazer! – Confessou ela cruzando os braços em frente ao corpo.

- Ah! Não se preocupe! – Disse ele

voltando os olhos para o teto. - Foi a sua primeira vez, agora que você já sabe como é, podemos explorar melhor o que é bom para você e para mim. – Ela não o respondeu apesar de ter achado a resposta dele razoável. – Boa noite, Elise.

Luís fechou os olhos e Elise se virou para o lado oposto ao dele puxando o lençol para cima de seu corpo. Em pouco tempo eles caíram no sono e Nathan foi a última imagem que veio à mente de Elise naquela noite.



Oitavo capítulo

Lua de mel

Na manhã seguinte, ela acordou se espreguiçando e perguntando para si onde estava, quando criou consciência sobre o local disse a si mesma que precisava se acostumar em não acordar mais em sua cama. Ela virou-se para o lado e não encontrou Luís lá, isso não a decepcionou já que nem mesmo havia criado esperanças para tal coisa.

Ao passar pelo corredor em direção a mesa de café da manhã, Elise percebeu

que duas das empregadas cochichavam entre si ao olhar para ela, de certo modo isso a incomodou, mas ela logo decidiu não dar muita atenção para aquilo. Ao se sentar para tomar o café, ela percebeu que Luís também não estava lá, perguntou sobre ele para uma empregada que lhe serviu um pedaço de bolo e a moça respondeu que ele havia saído cedo para cavalgar.

Elise passou o resto da manhã caminhando pelo jardim da frente, e foi assim que ela percebeu que não haviam pessegueiros por lá. Durante a tarde, ela

descobriu que na casa havia uma biblioteca e lá ficou até o anoitecer. No jantar, onde Luís também não estava, ela reparou que os cochichos continuavam. Elise foi se deitar com um aperto enorme no peito, ela sentia saudades de casa, da sua família e amigos, sentia saudades de Nathan, de Pintado e até mesmo do pessegueiro. Ela adormeceu segurando o pingente de pêssgo em sua mão enquanto lágrimas escorriam por suas bochechas.

Elise acordou na mesma posição que foi dormir, virada de lado com os

joelhos dobrados, segurando o colar em uma das mãos. Logo após abrir os olhos, ela ouviu uma respiração atrás de si, virou-se para olhar e encontrou Luís dormindo tranquilamente de barriga para cima ao seu lado, ela voltou rapidamente a sua posição inicial sem entender o que ele fazia na cama dela, por um momento ela pensou em se levantar, mas se assim o fizesse teria que se arrumar e sair do quarto, e ele poderia acordar neste meio tempo, então ela preferiu fingir que continuava a dormir até que ele acordasse e saísse.

Luís se mexeu na cama virando-se para o lado de Elise e a puxando pela cintura até encostar no corpo dele e o pescoço dela estar próximo o suficiente para sentir a respiração dele em sua nuca. Elise tomou um susto, mas o movimento foi tão rápido que ela não teve tempo de reagir. Ao perceber que ele continuava dormindo tranquilamente, ela voltou a fingir que também dormia, até que caiu no sono e quando acordou novamente Luís não estava lá.

- Bom dia, senhora! – Disse a dama de companhia ao entrar no quarto.

- Bom dia, Maria. – Respondeu Elise ainda confusa sobre o paradeiro de Luís.

– Você o viu sair?

- O senhor Luís? – Perguntou Maria enquanto tirava um vestido do armário.

- Sim. – Afirmou Elise se levantando da cama.

- Eu o vi tomando café agora pouco.

Elise se arrumou e desceu depressa, mas quando chegou na mesa de café da manhã não encontrou Luís por lá, e começou a achar que estava lidando com um fantasma. Ela bufou de frustração e após se alimentar decidiu ir para o

jardim caminhar.

- Você é bonita. – Disse uma mulher dos cabelos castanhos aparecendo subitamente ao lado de Elise, que tomou um pequeno susto.

- Ah, obrigado. – Respondeu ela colocando uma flor recém colhida no cesto que carregava em seu antebraço.

- Não há de quê! – Disse a mulher pegando uma das flores do cesto e levando ao nariz. – Eu adoro o cheiro das flores! – Falou ela suspirando.

- Eu também, por isso as estou colhendo, vou colocá-las em um lindo

vaso em meu quarto. – Disse Elise cortando outra flor.

- Você sabia que quando as tiras da terra você as está matando. Flores são para serem admiradas e não para serem enclausuradas em vasos até murcharem.

- Qual o seu nome? – Perguntou Elise parando para olhar a moça no rosto.

- Me chamo Joana, sou a cozinheira daqui. – Respondeu ela olhando para Elise.

- Bom, Joana, os seres humanos são egoístas! Nós nos rodeamos de coisas belas para satisfazer nosso próprio bem

estar, que afinal é tudo que nos importa, não interessa se o que nos cerca está vivo ou morto, afinal, estamos tão vidrados em nós mesmos que nem chegamos a perceber se uma flor está sufocando no vaso, desde que o perfume dela encha nossos narizes. – Disse Elise e se pôs a andar novamente.

- Eu não penso assim. – Respondeu a moça que a acompanhava.

- Ora, Joana, não é sobre pensar ou não, isto é um fato. Perceba.

- Acho que você está dizendo isso porque está triste. É por causa do Luís?

– Questionou Joana levando a flor até o nariz novamente. – Se for por conta da ausência dele, não se preocupe, ele irá te procurar quando quiser a sua presença.

- Não é por conta dele.

- Por que então?

- Por que uma desconhecida como você se importa tanto se estou infeliz? – Perguntou Elise cortando outra flor.

- Gosto que todos estejam felizes ao meu redor.

- Como eu disse, o egoísmo. As pessoas ao seu redor podem apenas

estar fingindo felicidade ao invés de estarem genuinamente felizes, por que sabem que se não parecerem felizes para você irá importuna-las se intrometendo na vida delas.

- Prefiro pensar que estão felizes de verdade.

- Ah sim, porque isto faz com que você se sinta bem consigo mesma.

- Por que você está infeliz, senhora? – Perguntou Joana.

- Sinto falta de casa. – Respondeu Elise colocando uma flor no cesto.

- O que você gostava de comer em

casa? – Joana perguntou fazendo com que Elise sorrisse ao se lembrar.

- Torta de maçã.

- Pois bem, hoje à noite a sobremesa será torta de maçã então. Vou até o pomar colher algumas.

- Mesmo? – Perguntou Elise parando para olhar a moça ao seu lado.

Joana era uma mulher bonita, devia ter entre 26-28 anos, era alta, tinha seios grandes assim como o quadril, tinha a pele morena e os cabelos castanhos cacheados, que iam presos a um coque no topo da cabeça.

- Sim! – Falou Joana. – Isso te deixaria feliz?

- Acho que sim! – Confessou Elise levando a mão a testa para afastar o sol de seus olhos.

- Bom, então até mais tarde, senhora. – Disse Joana saindo ao fazer uma reverência.

Elise continuou colhendo flores pelo jardim, ela escolhia as que eram brancas, amarelas e rosa, cortava-as e colocava em sua cesta. Os cabelos dela iam presos em um coque bagunçado sem fita alguma, e ela usava um vestido

verde claro de ombro a ombro, com babados no decote e espartilho na cintura. Um vestido que ela mesma havia encomendado com a costureira, sem sua mãe saber é claro. O sol estava alto e Elise começava a ficar com muito calor.

- Olá, donzela! – Disse Luís ao se aproximar por de trás de Elise, que virou o rosto para vê-lo.

- Olá. – Respondeu ela.

- O que você está fazendo neste sol ardente? – Perguntou ela andando ao lado dela.

- Colhendo flores. - Respondeu Elise e

um cachorro saiu correndo na sua frente quando Luís lançou algo há alguns metros. – Quem é esse?

- É o peludo! – Exclamou ele. – Um de meus cachorros.

- Mas ele tem o pelo ralo! – Disse ela confusa.

- Exatamente, é para ser engraçado. – Explicou ele e ela sorriu.

- Faz sentido.

- Você também tem cachorros, certo? Você estava com um no colo no dia em que nos vimos pela última vez antes do casamento.

- Um só, se chama Pintado.
- Por que deu este nome a ele?
- Porque ele tem o pelo todo preto com exceção a parte de baixo do focinho, que é branca com uma pinta preta no meio, parece que foi pintado por alguém.
- Entendo. Bom, eu vim te avisar que vamos tomar café da tarde juntos hoje, no coreto, as quatro horas.

Elise acenou concordando e Luís saiu de sua vista. No horário marcado, ela estava sentada no coreto, em sua frente uma mesa cheia de comida e uma cadeira vazia a faziam companhia.

- Sabe me dizer se ele está vindo? –
Perguntou Elise a uma empregada que estava em pé parada no canto do coreto.

- Não sei dizer, senhora. – Elise a reconheceu como uma das duas que viu cochichar anteriormente.

- Você está com fome?

- Perdão, senhora?

- Você está com fome? – Repetiu Elise e a moça a olhou confusa. – Seja sincera, está ou não?

- Sim, senhora. – Respondeu ela por fim olhando para os próprios pés.

- Eu também, e estou cansada de

esperar pela companhia dele, sente-se e me faça companhia.

- Senhora?

- Sente-se e coma comigo! Anda! Não me faça esperar também! – Disse Elise colocando o guardanapo sobre o colo.

- Sim, senhora. – Respondeu a moça sentando-se na cadeira.

- Sirva-se! – Ordenou Elise fazendo o mesmo. – Qual o seu nome?

- Me chamo Laura, senhora. – Respondeu ela colocando um pão em seu prato.

- Muito bem Laura, como você sugeri

que eu me divirta neste lugar tedioso? Já que estou de lua de mel e por isso não posso chamar minhas amigas e nem mesmo dar festas.

- Bom, a senhora pode ler e colher flores. – Respondeu ela.

- Já estou cansada disto Laura, você não está? Cansada de fazer suas tarefas todos os dias e nada emocionante acontecer?

- Agora que a senhora comentou, pensando bem, estou sim.

- Todos estão Laura, todos estão. – Respondeu Elise pensativa. – Tive uma

ideia! – Exclamou ela de boca cheia.

- E qual seria senhora?

- Podemos jogar!

- Jogar?

- Sim, um jogo que eu costumava jogar em casa. – Respondeu ela. – Ora, ora, você está atrasado e já foi substituído. – Anunciou Elise ao ver Luís se aproximar.

- Por uma empregada? Que ironia do destino, não? – Perguntou ele rindo ao se aproximar da mesa. – Se retire, Laura! – Ordenou ele acenando em direção a moça. - Não sabia que você

também gostava de passar o tempo livre com os empregados, esposa! – Comentou Luís.

- Fique, Laura! – Ordenou Elise fazendo com a moça sentasse novamente. – Há muito que você não sabe sobre mim, Luís.

- Não me desafiei, Elise. Retire-se, Laura! – Ordenou ele colocando a mão na cadeira em que a empregada estava.

- Não se preocupe, querido marido, nós já estamos de saída, você pode ficar e comer sozinho. – Respondeu Elise sorrindo ao se levantar. – Vamos, Maria.

– Disse ela estendendo a mão para a empregada, que a aceitou e ambas se dirigiram para fora do coreto.

- Onde você vai, Elise? – Perguntou ele enfurecido.

- Vou jogar!

- Jogar? Jogar o que?

- Venha descobrir! – Sugeriu ela ao olhar para ele por cima do ombro e sorrir, o fazendo ficar mais furioso do que já estava.

- Não me desafie, Elise!

- Vá para dentro e avise a todos para se esconderem e esperarem o seu senhor

os acharem. – Ordenou Elise para Laura que saiu correndo em direção a casa.

- Venha nos achar! – Gritou Elise para Luís que ainda estava em pé no coreto.

Ela entrou na casa correndo e se escondeu no quarto de hóspedes. Elise ficou parada dentro do armário por alguns minutos prestando atenção nos barulhos no corredor, alguns passos, cochichos e a porta se abriu fazendo com ela prenda-se a respiração.

- Elise, eu sei que você está aqui. Apareça!

Era a voz de Luís e ela tentou ficar o

mais imóvel possível naquele momento.

- Vamos, Elise! Chega dessa brincadeira de criança! – Falou ele andando pelo quarto.

Elise ouviu a porta do quarto abrir e fechar, e os passos dele se distanciarem, alguns segundos depois ela abriu a porta do armário e saiu tentando fazer o mínimo barulho possível, mas tomou um susto quando viu ele sentado na cama olhando para ela.

- Luís! – Exclamou ela. – Você me assustou!

- Achei que o objetivo era te achar, e

achei. – Respondeu ele.

- Você ganhou. – Respondeu ela dando de ombros. – Agora é a minha vez. – Disse indo em direção a porta do quarto.

- Venha aqui, Elise. – Ordenou ele fazendo com que ela se virasse antes de tocar a maçaneta.

- Para que?

- Venha logo. – Ela foi até ele se sentindo relutante. – Eu joguei o seu jogo, agora nós vamos jogar o meu. – Falou ele quando ela chegou perto.

- Está bem, como é o jogo?

- Não se preocupe, você já sabe jogar.

– Falou ele levantando, a pegando pela cintura e a jogando na cama em um movimento rápido.

- Não sei se quero jogar esse jogo, Luís. – Disse ela ao cair na cama.

- Você vai querer, Elise. – Falou ele tirando a camisa.

~~~~~  
Ela ficou sem fôlego por um momento ao ver ele tirando a roupa de repente e suas bochechas começaram a corar. Ele se deitou ao lado dela e começou a beijá-la, primeiro na bochecha, depois no pescoço, em seguida no colo, então ele virou o corpo ficando sobre o dela e

beijou-a na boca.

Naquele momento eu me senti como um sorvete deve se sentir em um dia de verão, o beijo foi bom e por isso eu não esperava, devo admitir, mas foi tão bom que eu quis abraça-lo, senti uma dor, que vinha do meio das minhas pernas como se algo estivesse se contraindo em reação a



aquele beijo.

Ela o abraçou aprofundando o beijo fazendo com que Luís gemesse de prazer.

- Me conte o que te dá prazer, Elise, e eu farei. – Sussurrou ele entre o beijo, mas ela não respondeu, apenas voltou a beijá-lo.

Ele se afastou deitando ao lado dela, fazendo com que o beijo parasse.

- O que foi? – Perguntou ela impaciente.

- Me fala como te satisfazer. – Pediu ele passando a mão pelo cabelo dela.

Elise ficou vermelha como um morango, ela até queria contar para ele, mas a vergonha silenciou todas as suas palavras.

- Anda, me conta! – Insistiu ele. – Te prometo que não é nada que eu ainda não tenha feito.

Aquilo a confortou, mas também a deixou incomodada ao imaginar ele tendo aquele tipo de intimidade com outras mulheres. Por fim, ela se lembrou do que Nathan a havia ensinado e que já que Luís era seu marido ele deveria saber tudo sobre como satisfaze-la afinal, então ela explicou para ele, e ele sorriu e se posicionou entre as pernas dela.

Em poucos segundos, os quadris de

Elise se moviam constantemente tentando acompanhar o ritmo da língua de Luís, mas não era tão bom como quando Nathan fazia, e ela não entendia o que estava fazendo de errado. Elise tentou pensar em Nathan e isso ajudou um pouco, mas o que Luís fazia tirava a concentração dela, e a estava deixando frustrada por não conseguir o que queria.

- Ainda vai demorar muito? – Perguntou ele levantando a cabeça. – Minha língua está cansada! – Exclamou ele ficando de pé.

Elise pegou um travesseiro e enfiou no rosto gritando frustrada com aquela situação.

- Vamos fazer do meu jeito. – Disse Luís posicionando-se entre as pernas dela e penetrando-a.

Elise não achou aquilo ruim e nem mesmo bom, ela estava tentando, e com o passar dos minutos estava mais para gostando do que para detestando, aos poucos conforme ele a beijava ela ia entrando no clima, até que ele chegou ao clímax.

- Nossa! – Disse ele com a respiração



acelerada saindo de cima dela. – Isso foi incrível!

Ela o olhou confusa, porque apesar de estar sendo bom estava muito longe de ser incrível. Luís deitou ao lado dela e passou a respirar fundo até que a respiração dele se normalizou.

- Eu te amo, Elise! – Disse ele virando o olhar para ela, que ficou mais confusa ainda. – Vamos! O jantar já deve estar para ser servido! – Exclamou ele saltando da cama.

~~~~~  
- Mas... – Foi tudo que saiu da boca dela em meio à confusão que estavam seus

pensamentos.

~~~~~  
Como assim ele está se levantando? Ele não vai continuar até que eu também esteja satisfeita? Como assim jantar? Agora eu não quero jantar! E o que foi isso de eu te amo? É certo que ele me ama, pois sou a esposa dele, mas é muito cedo pra isso! Talvez eu devesse me acalmar e dar tempo a ele, talvez na próxima vez que fizermos isso ele continue.

Houveram outras vezes naquele mês, é verdade, e nas primeiras ele realmente

tentou, assim como ela. Elise tentou novas posições, ele tentou usar as mãos e até mesmo a língua outras vezes, mas nunca era o suficiente e sempre que ele estava satisfeito o sexo acabava, e ela terminava frustrada.

Até que ele parou de tentar e mesmo ela querendo muito conseguir se satisfazer com ele, ela não se sentia encorajada já que nem ele mesmo se interessava mais em satisfaze-la. A relação sexual deles passou a durar apenas alguns minutos, em que ele terminava sorrindo e ela se virava para

tentar dormir com os olhos cheios de lágrimas.

Elise se sentia frustrada, decepcionada consigo mesma, se sentia muitas vezes reduzida a um objeto de prazer para ele.

Apesar das coisas não andarem boas na cama, o relacionamento dos dois ia bem. Luís era claramente apaixonado por ela e Elise passou a gostar de ter a atenção dele para si. Eles foram a diversos encontros juntos, conversaram e se conheceram a ponto de se tornarem bons amigos, o que não foi difícil já que eles dividiam opiniões bem parecidas

sobre quase tudo. Assim, a ausência dele foi se tornando cada vez mais rara. Quase todas as manhãs ele acordava na cama dela, a surpreendia com flores durante o dia, presenteava-a com diversos objetos diferentes, e prestava atenção em tudo que ela dizia. Assim, ela começou a gostar dele, e por isso o fato de ela não conseguir chegar ao clímax com ele a frustrava tanto.

- Cuidado! – Gritou Luís correndo na direção de Elise, atrás de Peludo, que corria com um galho na boca.

Elise se assustou virando-se na direção

deles, no meio do jardim, onde estava caminhando enquanto comia morangos. Peludo passou por ela e Luís colidiu com Elise abraçando-a.

- Calma, donzela! Eu vou te salvar deste monstro cheio de pelos! Não se preocupe! – Disse ele rapidamente a colocando-a sobre seu ombro direito.

- Mas o que? Luís! Me solta! – Gritou Elise entre o riso, enquanto batia nas costas dele.

- Donzela, por favor, fique parada, você está dificultando o salvamento. – Falou ele calmamente caminhando em

direção a casa.

Elise percebeu que bater seria inútil então passou a fazer cosquinhas nas costelas dele. Luís se contorceu rindo enquanto a soltava no chão. Ao pisar em terra firme Elise saiu correndo rindo de Luís.

~~~~~  
- Ora essa! Volte já aqui sua donzela fujona! – Gritou ele correndo atrás dela naquele dia ensolarado.

~~~~~  
E lá estava ele dormindo tranquilamente ao meu lado como se não tivesse um corpo que parecia ter sido esculpido no

mármore. E além de bonito é divertido, me trata bem, é tão doce e dono de um beijo maravilhoso. Oh céus! Será que eu estou me apaixonando de novo? E se eu estiver? Bom, pelo menos dessa vez é pelo meu marido! Mas e Nathan? Continuo sentindo saudades dele, é verdade, não o esqueci um só dia sequer, mas Luís não tem facilitado pro meu coração...

- Bom dia... – Disse ele resmungando ao perceber que Elise o encarava.

- Bom dia. – Respondeu ela levando a



mão até o cabelo dele.

- Não toque no meu cabelo, por favor, senhora! Você vai bagunça-lo... – Disse ele virando-se de costas para ela.

- Já está bagunçado, senhor! Estou tentando arruma-lo! – Falou ela subindo em cima dele e espalhando os fios entre as mãos.

- Elise! Não! Para! – Exclamou ele rindo e tentando segurar as mãos dela.

Ambos riram e aos poucos o silêncio se instalou entre eles.

- Vamos tentar de novo? – Perguntou ela encarando-o.

- A essa hora?

- Sim!

E ele concordou, mas sem muito esforço, poucos minutos depois Elise estava com uma feição irritada olhando para o teto, enquanto Luís se arrumava para tomar café da manhã.

Os dias passaram e os sentimentos de Elise prosseguiram oscilando entre paixão e frustração, ela se manteve tão empenhada em conseguir o que queria que passou a não perceber nada que se passava ao seu redor que não fosse resolver o problema dela.

Certo dia, Elise acordou e Luís não estava lá, ela se arrumou e se animou em procura-lo para passarem o último dia de lua de mel juntos, já que no dia seguinte eles iriam se mudar para sua própria casa, próximo à fazenda dos pais dele.

Quando ela chegou na mesa de café da manhã e não o achou por lá, perguntou a si mesma onde ele poderia estar, olhou na janela para ver se o achava no jardim, mas não o avistou.

- Onde ele está? – Perguntou ela para uma das empregadas que estavam ao

lado da mesa.

- Ele está em reunião, senhora. —

Respondeu a mulher.

- De novo? Com quem? Ele já tomou café? — Perguntou Elise.

- Sim, ele já tomou.

- Responda, Laura, ele está em reunião com quem? — Insistiu ela.

- Com Joana.

- E para que?

- Para discutirem o cardápio de hoje, já que vocês vão embora amanhã, e não faria sentido discutir o cardápio da semana como fazem toda segunda-feira,

desde que vocês chegaram, senhora.

- Eles têm uma reunião toda segunda-feira?

- Sim, senhora.

- Bom, então eu devo me juntar a eles, também quero discutir sobre o cardápio de hoje! Afinal, tenho algumas preferências que gostaria de pontuar e...

- Disse ela saindo da sala e se dirigindo ao escritório.

- Você não pode, senhora! – Falou Laura indo atrás dela.

- Como não? – Perguntou Elise sem parar de andar.

- O senhor gosta de ter as reuniões sozinho com os empregados.

- Bom, mas eu quero me juntar a eles.

- Não é uma boa ideia, senhora, por favor, espere! – Pediu Laura desesperadamente quando Elise tocou a maçaneta da porta.

- Ora, pare de bobagens, Laura! – Disse Elise olhando para a moça ao girar a maçaneta.

Para este momento querido(a) leitor(a) sugiro que coloque para tocar a música “I’m Not The Only One – Sam Smith”.

Ela parou subitamente ao adentrar o

escritório quando se deparou com seu marido em pé, olhando para o jornal que segurava em uma das mãos, enquanto a outra empurrava a cabeça de Joana em direção a sua virilha, a moça por sua vez estava ajoelhada com as mãos espalmadas sobre as coxas dele.

Elise ficou chocada, sentiu como se tivesse levado um soco na barriga, subitamente se fez um nó em sua garganta, o coração acelerou, ela virou-se dando meia volta e saiu correndo em direção ao seu quarto. Luís correu atrás dela e parou quando Elise bateu à porta

atrás de si, na pressa ela acabou esquecendo de trancar, então Luís abriu e entrou no cômodo.

- Elise. Calma. – Disse ele ao se deparar com ela sentada na cama.

- Fica longe de mim. – Falou ela com a voz embargada, e com as mãos trêmulas.

- Elise eu te amo! Isso não muda nada!  
– Falou ele tranquilamente.

- Como assim, Luís? – Perguntou ela esboçando um pequeno sorriso nervoso.

- Você me ama e estava se satisfazendo com outra?

- Os empregados são para isso,



querida, para nos satisfazer, para nos servir.

- Mas...- Falou Elise começando a chorar.

- Amor não tem nada a ver com sexo, Elise. Sexo é apenas para satisfazer uma necessidade carnal e para procriar prazer, tem a ver apenas com nossos órgãos reprodutores, e não com o coração! O amor é diferente, se trata de sentimentos, os quais eu tenho por você! E o fato de eu me satisfazer com as empregadas não muda isso! Assim como, se você se satisfizesse com os

funcionários não mudaria o que você sente por mim! – Explicou ele ajoelhado em frente a ela, que chorava compulsivamente.

- Mas porque você quer se satisfazer com outras quando pode fazer isso comigo? – Perguntou ela entre os soluços.

- Porque são coisas diferentes, querida, quando estou com você não se trata só de algo carnal, se trata de sentimentos também. Sinto um carinho imenso por você quando estamos nos relacionando, pelas empregadas não sinto nada, é

apenas físico, e eu nunca chego a penetra-las, como faço com você. —  
Explicou ele.

- Nunca?

- Nunca, desde que nos casamos. —  
Respondeu ele secando as lágrimas das bochechas dela. — Pare de chorar, isso não é motivo para choro, meu amor, é somente uma trivialidade.

- Isso é normal entre os outros casais?  
— Perguntou ela olhando-o nos olhos.

- Sim, completamente normal. —  
Respondeu ele.

- Mas então você continua me amando?

– Perguntou ela parando de chorar.

- Sim, cada dia mais! – Falou ele dando um beijo na bochecha dela.

- Eu quero ir embora daqui. – Disse ela por fim.

- Nós vamos! Amanhã cedo, no primeiro horário vamos embora! – Exclamou ele.

Elise passou o resto do dia na cama, sem fome, ela chorou diversas vezes e só parou quando adormeceu. Ela chorava porque queria que sua mãe estivesse lá para consola-la, queria suas irmãs por perto, queria Nathan, Lúcia e

Pintado ao seu lado, e a falta de todos eles doía muito. Ela se agarrou ao colar de pêssago que carregava no pescoço desde o dia que chegará naquela casa, e dormiu. Luís foi vê-la algumas vezes durante o dia e voltou a noite para dormir com ela.



## **Nono capítulo**

### *Uma nova fase*

No dia seguinte, Elise só saiu do quarto para entrar na carruagem, e foi embora sem se despedir de ninguém. No meio da tarde, eles chegaram a sua nova casa, na frente, Lúcia, Nathan e Pintado esperavam para recebê-los ao lado de outros empregados.

Elise saiu da carruagem e correu para abraçar Lúcia, tentou não fazer uma cena quando cumprimentou Nathan, que olhou para o colar no pescoço dela quando ela

o dirigiu a palavra. Elise entrou na casa com Pintado em seu colo, e foi direto para o seu novo quarto, onde contou para Lúcia tudo que havia acontecido no último mês, chorando ao contar os últimos fatos.

- Elise, mas isso é completamente normal na sociedade em que vivemos, não conheço um marido sequer que não frequente bordéis, por exemplo! Não há porque chorar, Elise! Você é a esposa dele e nada irá mudar isso, você é a mulher mais importante da vida dele, as outras são só...outras! – Disse Lúcia

acariciando os cabelos cacheados e loiros de Elise, que estava deitada no colo da amiga.

- Está bem, chega de chorar por isso! Eu me apaixonei por ele, é verdade, e eu não vou deixar meu casamento se resumir em infelicidade por conta disso que ele faz, afinal, eu tenho o Nathan.

- Exatamente, mas não é bom que Luís descubra sobre vocês.

- E porque não?

- Ele pode mandar te enforcar por adultério!

- Mas ele tem as outras!



- Sim, Elise, mas você é mulher! As coisas são diferentes! Você não pode ter um amante a não ser que ele diga que pode, e olhe lá, porque de um segundo para o outro ele pode mudar de ideia e o seu lindo pescoço estará enlaçado em uma corda no meio da praça! Assim como o de Nathan!

- Essa injustiça me deixa com muita raiva! – Disse ela se levantando da cama.

- O melhor é que você e Nathan se mantenham distantes, pelo menos nesses primeiros meses de casamento!

- Não queria concordar com você, mas tem razão, não quero colocar Nathan em perigo. – Disse ela voltando a se sentar frustrada na cama.

- Tive uma ideia! – Exclamou Lúcia se levantando e tomando a atenção de Elise. – Você precisa se distrair, se divertir, ver suas amigas e sua família, então que ideia melhor do que dar uma festa de casa nova?

- Sim! Uma festa! Seria perfeito! Agora eu posso dar minhas próprias festas na minha própria casa! Nessa casa! Eu tinha me esquecido deste detalhe

maravilhoso! – Exclamou ela animada.

- Vai ser incrível! Podemos decorar tudo e chamar todos!

- Sim, vamos fazer um... um baile de máscaras! – Exclamou Elise saltando da cama. – Sim! Um baile de máscaras! Isso vai ser perfeito!

Nos dias que se passaram, Elise esteve muito ocupada com os preparativos para o baile que aconteceria em duas semanas, Lúcia estava ajudando em cada detalhe, inclusive com o vestido. Neste meio tempo, sempre que Elise acabava ficando sozinha com Nathan em um

cômodo, ela saía e ia para um lugar que houvessem mais pessoas entre eles, o evitando sempre que possível, acabaram trocando poucas palavras e todas sendo bem formais.

Luís procurou por Elise na cama, algumas noites, e na maioria delas ela se esquivou, tendo se relacionado com ele somente uma vez nos últimos dias. Apesar das coisas entre eles estarem melhorando, ela se sentia na defensiva e ainda um pouco confusa sobre as atitudes dele. Nos últimos tempos, Luís se esforçou para que Elise se sentisse

confortável na nova casa com ele, de diversas formas ele tentou agradá-la, com presentes, elogios, dizendo sim a tudo que ela pedia e até mesmo havia voltado a tentar satisfaze-la na cama, apesar de continuar falhando.

~~~~~  
Quando eu estava em lua de mel, naquele mês, a falta de Nathan me atormentava, a todo instante eu via coisas, comia coisas, escutava coisas que eu queria compartilhar com ele e não podia. Minha mente vivia me lembrando que ele não estava por perto, em pequenos detalhes da falta, como a

falta do cheiro dele, do toque, do som dá risada.

Todos os dias o meu cérebro insistia em me lembrar de que ele não estava lá, e o meu coração insistia em doer quando meu cérebro fazia este tipo de sinapse. Conforme Luís foi ocupando espaços em mim, meus sentimentos ampliaram, e ele e Nathan passaram a fazer parte de mim, todos os dias. Nathan em sua falta e Luís em sua presença.

A falta de Nathan era dolorosa, mas hoje eu sei que não era nada em comparação a ter a presença dele e

sentir a agonia de não poder toca-lo, de não poder conversar com ele, de não o fazer sorrir, de não poder ser eu mesma com ele, de ter que ficar evitando-o. A dor é agonizante, e por conta dela muitas vezes eu quase me deixei cair na tentação, em diversos momentos eu me vi na ponta do precipício, a um passo de sentir o vento em meus cabelos e a deliciosa sensação de voar ao cair. Eu desejava pular, mas não podia, por ele eu fui forte, eu permaneci parada na ponta.

Luís fazia de tudo para me

reconquistar, dia após dia, os seus esforços me comoviam, a dor causada pelo ato dele já não existia mais, ele construiu uma casquinha no ferimento que ele mesmo abriu em mim, mas a ferida insistia em não se curar, e durante muito tempo eu me perguntei o porquê disto. Eu me esforçava tanto para que cicatrizasse, para que finalmente houvesse um ponto final dentro de mim em relação a isso.

Com o passar dos dias, eu o desculpei por ter me escondido o que fazia, por ter omitido seus atos. Eu passei a tentar

entende-lo, abri meu coração para ele entrar, voltei a me deparar encarando-o com desejo, com paixão, pois apesar de ele ter ferido meus sentimentos, ele continuava a ser bonito e a causar reações no meu corpo. Dia após dia, eu voltei a me apaixonar por ele, mas a ferida insistia em não cicatrizar.

Inocentemente eu me apaixonei por Nathan, ele foi e é o meu primeiro amor, quando me casei com Luís eu me propus a tentar, ao menos, e foi então que eu me apaixonei mais uma vez, de formas completamente diferentes eu cruzei com

o amor.

Assim, eu aprendi que o amor é mutável e variável, ele pode ser sentido de várias formas por seres diferentes, vivos e não vivos. Como por exemplo, podemos ter apego por um bem material de grande importância tanto que chegamos a ama-lo. Há o amor de mãe, que é totalmente diferente do amor que sentimos pelos amigos. Existe o amor pelos animais de estimação e aquele que sentimos pelas pessoas que também temos atração física.

O amor se mostra de diversas formas

dentro de nós, somos capazes de amar muitas pessoas de jeitos completamente diferentes e ao mesmo tempo. Assim, eu concluo que amo os dois de maneiras totalmente distintas, assim como minha relação com cada um deles é muito divergente, da mesma forma que é desigual com as outras pessoas presentes em minha vida, em meus sentimentos.

Por fim, aprendi que o amor é confuso, e que por isso não é feito para ser pensado e sim sentido.

~~~~~  
Deste modo, eu descobri que a ferida

que Luís abriu não cicatriza porque não consigo entender como ele consegue se relacionar intimamente com mulheres que ele não ama, já que os únicos homens por quem sinto desejo sexual são homens que amo. Talvez eu ainda tenha que aprender a separar amor de desejo carnal.





## **Décimo capítulo**

### *O baile de máscaras*

O dia da festa chegou, Elise estava se arrumando com Lúcia em seu quarto, o som do andar de baixo já estava ficando alto, as carruagens chegavam uma atrás da outra, e ela se sentia cada vez mais animada.

Elise andou pelo corredor com seu vestido em tons de branco e bege claro, com mangas de ombro a ombro, o modelo era justo até a cintura, onde havia um corset rendado bege claro

amarrado com fitas finas de cetim, depois era reto até o chão, tendo apenas uma camada de saia por baixo, diferente dos vestidos comuns daquela época, que levavam diversas camadas de saia, deixando o vestido armado. Elise insistiu para a costureira que queria apenas uma saia, e este foi um dos motivos pelos quais ela chamou atenção naquela noite, fazendo com que este tipo de vestido virasse moda no dia seguinte.

Em seu pescoço, ela carregava um colar justo de pérolas brutas, com o qual Luís a havia presenteado a dois dias



atrás, e o colar dourado de pêssego ia logo abaixo, pois era mais cumprido, formando um conjunto de pérolas e ouro. Nas orelhas ela levava um par de brincos de pérolas brutas que ganhou junto com o colar, e usava luvas curtas de tule branco nas mãos.

Uma máscara de porcelana e renda branca se unia ao rosto dela sustentada por uma fita de cetim que foi amarrada na parte de trás da cabeça com um laço. Lúcia fez um tipo de coque, onde os cachos ficavam para cima, e uma trança o contornava. Elise estava deslumbrante.

Luís a esperava apoiado no corrimão da ponta da escadaria, vestindo um terno azul marinho, com camisa branca, gravata borboleta e máscara do mesmo tom e tecido do terno, ele estava incrível.

Luís ouviu o salto batendo contra o mármore e virou-se para vê-la, e neste momento caro(a) leitor(a) eu te recomendo que ouça a música “Lovely (with Khalid) da Billie Eilish”. Os olhos deles se encontraram e ambos sorriram ao perceber que estavam tendo pensamentos impuros sobre o outro. Luís

estendeu a mão para ela e ela a segurou. Elise se posicionou ao lado dele, estavam prontos para descer as escadas.

- Você está linda como uma princesa. – Sussurrou ele no ouvido dela.

- Então você seria o príncipe? – Perguntou ela olhando para cima nos olhos dele.

- Ou a fera. – Respondeu ele virando o olhar para frente e dando o primeiro passo em direção a escada.

Eles desceram e ouviram seus nomes serem anunciados, todos aplaudiram, afinal eles eram os anfitriões da festa.

Luís soltou a mão de Elise e foi cumprimentar alguns convidados, ela fez o mesmo.

Elise ficou muito feliz em rever sua família, mas foi quando sua mãe perguntou se ela já estava grávida que Elise pegou a primeira taça da noite em suas mãos, depois deste momento muitas taças vieram a seguir.

Uma quando ouviu Catarina reclamar irritada que não aguentava mais esperar seu noivo voltar e que queria ter tido a sorte que Elise teve em se casar com alguém de sua idade e bonito.

Outra de uma só vez quando viu Nathan de terno. Mais uma quando suas amigas perguntaram sobre como tinha sido a noite de núpcias e se ela já estava esperando um bebê. Elise até chegou a pensar consigo mesma que deveria ter proibido o assunto “gravidez” durante a festa.

Chegou a hora de abrirem o salão de dança, ela e Luís começaram dançando sozinhos, e aos poucos outros casais foram se unindo a eles. Elise dançou só uma vez naquela noite, alegando estar muito tonta para dar rodopios.

Ela levou outra taça a boca quando viu uma das empregadas rir de algo que Luís disse. E carregava uma taça de espumante em sua mão quando adentrou o corredor da ala esquerda. Cantarolando ela ia andando até que ouviu chamarem por ela.

- Elise! Para! – Ela não precisou se virar para saber quem a chamava, ela reconheceria aquela voz em qualquer lugar.

- Parar? Ficar parada é tudo que eu tenho feito Nathan... – Disse ela rindo.

Ele correu e a alcançou segurando-a

pelo cotovelo, assim conseguindo fazê-la parar de andar.

- Nathan! – Exclamou ela rindo. – Isto não é apropriado! – Falou ela fazendo com que ele ficasse sério e a soltasse. – Você, em si, não é um homem muito apropriado, Nathan! – Falou ela encarando-o. – Sabia disso?

- Vamos voltar para a festa, Elise! – Disse ele virando o corpo para o outro lado do corredor.

- A festa? A festa é aqui Nathan! – Exclamou ela girando com os braços abertos, e quase caindo ao parar.

Nathan a segurou quando ela cambaleou e Elise o olhou com feição séria.

- Nathan, já tem sido difícil o bastante sem que você me tocasse e agora já fez isso duas vezes em menos de um minuto! – Exclamou ela rindo. – Assim não vou conseguir me conter.... e eu...eu não...não sou responsável... pelos meus atos...e... - Disse ela aproximando o rosto do dele.

Elise o beijou empurrando-o em direção a parede com as mãos espalmadas no peito dele, Nathan resistiu nos primeiros três segundos,



assim que as costas dele bateu contra a parede de pedras, ele a agarrou envolvendo-a em seus braços.

- Ah, como eu senti falta disso! – Disse ele entre o beijo.

- Você não tem noção! – Respondeu ela enlaçando os braços sob o pescoço dele aprofundando as sensações. – Eu quero você!

- Elise.... - Disse ele recobrando a realidade. – Não podemos.

- Eu quero você... – Resmungou ela.

Nathan suspirou a afastando delicadamente e saindo da frente dela.

- Vamos, Elise, vamos voltar para a festa. – Disse ele andando na direção oposta a que ela estava parada.

- Você é meu empregado! Devia fazer o que eu mando! – Gritou ela atrás dele.

- Primeiro, - Disse ele se virando e caminhando na direção dela, parando só quando já estava há alguns poucos centímetros de Elise. – Não ouse falar assim comigo, - Falou ele envolvendo o pescoço dela com uma das mãos e o apertando levemente. – Nunca mais. – Esbravejou encarando-a em seus olhos.

Elise o assistia com os olhos

arregalados, nunca o tinha visto agir daquele jeito com ela.

- Segundo, você acha mesmo que eu não queria rasgar esse vestidinho inteiro? - Perguntou ele apontando para a roupa dela com a outra mão. - Te fazer implorar e depois te devorar até você gemer tão alto que todos dessa festa iam desejar ser como a gente? – Perguntou ele puxando-a pela cintura para perto de si com sua mão livre, até o corpo dela colidir com o dele, sem tirar a mão do pescoço de Elise, ele se debruçou sobre ela virando a cabeça dela para o lado e

cheirando o seu pescoço. – Só o seu cheiro já me enlouquece, Elise. – Disse ele voltando a ficar reto.

- Terceiro, não posso fazer tudo isso que eu quero, porque senão eu e você vamos para a forca! E eu prefiro mil vezes viver sendo torturado na sua presença do que viver de novo a falta dela! – Falou ele soltando-a e suspirando frustrado.

Elise que estava com os olhos cheios de lágrimas, e excitada ao mesmo tempo, perante a última confissão dele, se recompôs fisicamente mesmo que

estivesse se sentindo mentalmente frustrada, cansada e ao mesmo tempo desesperada. Ela passou por Nathan, sem dizer nada, andando em direção ao baile, e ele a seguiu.

Quando a festa já estava quase acabando, a família e as amigas de Elise já haviam ido embora, os empregados começavam a arrumar as coisas, e Luís estava na sala de jogos com seus amigos, Elise foi dormir com a certeza de que ela amava os dois, Luís e Nathan. Ela posou a cabeça no travesseiro se sentindo preocupada, triste e impotente

em relação aos seus sentimentos, mas acabou adormecendo rapidamente por conta do efeito da bebida.

Duas horas depois....

- Esposa? – Chamou Luís ao adentrar o quarto, mas Elise não respondeu.

Luís usou o candelabro, que levava em sua mão, para acender algumas velas do quarto, quando concluiu que havia luz o suficiente para enxergar Elise deitada na cama, ele deixou o candelabro sobre a penteadeira e foi em direção a ela, subindo na cama de joelhos.

- Elise, acorda... – Sussurrou ele no

ouvido dela, que por sua vez resmungou se mexendo um pouco embaixo do lençol. – Vamos, acorda...- Insistiu ele começando a beijar o pescoço dela suavemente.

- O que foi? – Perguntou ela resmungando de olhos fechados.

- Eu quero você. – Respondeu ele entre os beijos, a fazendo tremer sob seus lábios.

Conforme ele descia depositando beijos sob o colo dela, ele puxava a camisola para baixo, que deslizava pelo corpo, dando mais espaço para os beijos

dele.

- Luísss.... - Gemeu ela quando ele envolveu um dos seios dela em seus lábios.

- Acorda, eu quero você. – Disse ele levando a boca ao outro peito, fazendo com ela mexesse os quadris por baixo do lençol.

Elise abriu os olhos devagar, levou as mãos a cabeça dele, passando os dedos entre os cabelos sedosos, e o puxou para si envolvendo-o em um beijo profundo. Ele retribuiu e a abraçou aprofundando o beijo, Elise começou a mexer os



quadris e passear com as mãos sobre o corpo dele que estava ao lado do seu. Ela mordeu o lábio inferior de Luís, fazendo-o arfar de prazer.

- Está noite eu quero te dar prazer, Elise. – Disse ele separando-se da boca dela e a olhando nos olhos.

- Está bem. – Respondeu ela sem saber o que dizer.

- Eu quero tentar algo novo, um jogo.

- Está bem.

Luís enfiou a mão no bolso tirando de lá uma fita grossa de cetim, ele levantou a fita encostando a ponta na barriga de

Elise e deslizando até o peito dela. Ele passou uma perna sobre o corpo dela, ficando de joelhos na cama em cima de Elise, e amarrando a fita ao redor da cabeça dela na altura dos olhos.

- Você consegue ver alguma coisa? –  
Perguntou ele próximo ao ouvido dela.

- Não.

Ele saiu de cima dela ficando de pé ao lado da cama. Luís puxou o lençol e o jogou ao lado da cama deixando-a descoberta, em seguida ele tirou a camisola que ela vestia, a desnudando.

- Agora abra as pernas, dobre seus

joelhos e estique os braços ao lado do corpo. – Ordenou ele e ela o obedeceu.

Luís tirou mais duas fitas de cetim do seu outro bolso e amarrou o pulso direito dela ao tornozelo direito, em seguida fez o mesmo com o lado esquerdo, imobilizando-a.

- Perfeito. – Concluiu ele se debruçando para dar um beijo nela.

O silêncio se instalou quando Luís saiu do quarto por alguns segundos, Elise ouviu a porta se abrir e se fechar, e depois de alguns momentos, isso se repetiu, fazendo-a se perguntar onde ele

teria ido e porque teria ido.

- Voltei! – Exclamou Luís, e ela respirou aliviada.

Elise o sentiu colocar as mãos quentes na parte interna de suas coxas e um arrepio correu pelo seu corpo, ele aproximou a respiração e ela sentiu o ar quente tocar seu íntimo a fazendo suspirar. Ele beijou o clitóris dela a fazendo gemer e se contorcer, ele parou por um segundo e ela se sentiu capaz de implorar para que continuasse, então ele começou a lambe-la e a beija-la levando-a a loucura.

Elise queria poder tocar na cabeça dele, na tentativa de ter mais daquilo, mas suas mãos estavam atadas as suas pernas, e aquilo a estava enlouquecendo. Ele levou as mãos aos quadris dela, que se mexiam fazendo círculos constantemente, o coração dela acelerava conforme ele aumentava o ritmo com que passeava com a língua.

Ele deslizou uma das mãos para baixo introduzindo um dedo dentro dela, Elise gemeu e passou a rebolar mais depressa. Quanto mais o tesão crescia mais ela achava que estava beirando a loucura.

Alguns segundos depois de introduzir e tirar o dedo algumas vezes, ele parou, levando a mão de volta ao quadril dela e começando a chupa-la com maior ferocidade.

As bochechas de Elise queimavam, o calor tomou conta do corpo dela, que se sentia ardendo em chamas de tanta excitação. Ele continuou investindo de todas as formas, sem piedade, não a dando trégua um segundo sequer, ele a devorava. Elise respirava com dificuldade entre os gemidos, seus quadris se remexiam sem parar, o peito

dela subia e descia, e ela se sentia a ponto de explodir, quando alguém tocou o seu cabelo.

- Goza, querida, goza. – Disse ele acariciando os cabelos dela.

Elise se sentiu confusa ao reconhecer a voz de Luís perto do seu ouvido, mas já estava chegando ao clímax e não pode impedir o que estava prestes a acontecer. Ela gritou gemendo de prazer, o corpo inteiro tremeu, as pernas ficaram moles caindo para o lado, e ela se sentiu extasiada por alguns segundos. A respiração estava afobada, as

bochechas vermelhas, a testa suada e a virilha inteira latejando. Há muito tempo aquilo não acontecia e ela se sentiu completa, satisfeita, feliz. E então foi tomada por confusão, caos, preocupação e medo.

- Luís? – Chamou ela se sentindo perdida.

Luís puxou para cima a fita que a estava vendando. Elise o encarou confusa por ele estar sentado ao lado dela na cama, em seguida ela dirigiu o olhar para o meio de suas pernas, se deparando com Nathan se levantando.



- Nathan? – Perguntou ela confusa, voltando a olhar para Luís e depois para Nathan novamente.

- Sim, chamei ele para te chupar, já que eu não gosto muito de fazer essa parte. E deu certo! Assim, eu não preciso me esforçar, você fica satisfeita, e eu fico com a parte que mais gosto! Todo mundo fica feliz! – Disse ele acariciando os cabelos loiros dela. – Obrigado, Nathan, você já pode ir.

Nathan olhou para Elise, que o encarou confusa, ele se virou andando até a porta e depois saiu do quarto sumindo da

visão de Elise.

- Você enlouqueceu? – Perguntou ela encarando Luís, que se levantou da cama e estava andando até a frente dela neste momento.

- Para com isso! Eu sei que você gostou do presente, querida, os empregados são pra isso, para nos satisfazer. Você está satisfeita, certo? – Perguntou ele se posicionando entre as pernas dela.

- Sim, mas...- Começou ela, mas Luís a interrompeu penetrando-a.

- Querida. Agora. Não. É. Hora. De.

Conversar. – Disse ele investindo nela a cada palavra que dizia. – Só aproveita.

Luís começou a aumentar a força e a velocidade com que investia, e apesar de o corpo de Elise gostar do que ele fazia, ainda mais porque ela estava molhada e latejando, ela se manteve em silêncio e de olhos fechados, até que alguns minutos depois ele acabou e se deitou ao lado dela.

- Ah, que noite perfeita! – Exclamou ele se aconchegando em meio aos travesseiros.

- Luís? Por que você fez isso? –

Indagou ela olhando confusa para ele.

- O que? – Respondeu ele fechando os olhos.

- Isso, com o Nathan, por que ele?

- Porque ele é seu empregado a mais tempo, achei que você se sentiria mais confortável com ele. Dá próxima vez quer que eu peça para outro empregado?

- Não! É só que...

- Não se preocupe, querida, descanse, a noite foi longa e nós dois estamos satisfeitos, não há com o que se preocupar. – Falou ele virando-se para o lado dela e a puxando para perto de si

pela barriga.

Ela se virou de costas para ele e ele a abraçou caindo em sono profundo. Elise permaneceu acordada por alguns minutos tentando digerir tudo que acabará de acontecer, mas por fim ela adormeceu tendo um sono tranquilo.





# **Décimo primeiro capítulo**

## *O começo do fim*

Depois daquele dia, aquela cena se repetiu muitas vezes, quando Luís queria se relacionar com Elise, ele chamava Nathan para satisfazê-la primeiro e depois entrava em cena, ele acreditava que assim tanto Elise quanto ele sairiam satisfeitos e assim o relacionamento deles seria perfeito.

Bom, perfeito eu não sei, mas Elise estava feliz, se sentia bem e satisfeita, e ela gostava de ter o melhor dos dois



mundos, Nathan e Luís, ao mesmo tempo. Na verdade, quando aconteceu pela terceira vez, ela já se sentia mais confortável com aquilo e conseguiu aproveitar bem mais.

No dia depois da noite do baile, ela chamou Nathan para conversar no jardim, onde puderam ter certa privacidade, lá eles discutiram sobre o que havia acontecido, e Nathan disse que apesar de não gostar de não a ter inteiramente para ele, pelo menos ficava feliz em satisfaze-la e poder tê-la para si, mesmo que em uma pequena fração, e

que aquilo com certeza era melhor do que nada.

Elise concordou com ele, e nas vezes seguintes ela conseguiu se sentir melhor em relação a isso, sentindo-se até bem confortável com os dois no mesmo ambiente. Apesar, de que, quando Nathan acabava, ele saia, e depois disso ele voltava a ser somente seu segurança e ela a esposa de Luís.

Certo dia, na sala de música, Luís estava sentado na poltrona, com uma xícara de café em uma mão e na outra segurava o jornal. Ele estava com uma

calça bege e uma camisa branca, a barba estava cerrada, e o cabelo não estava impecável, mas também não estava bagunçado.

Elise estava sentada em frente ao piano, com um vestido azul e cabelo solto. Ela tocava uma de suas músicas preferidas quando Luís começou a observá-la sob o jornal.

- Você está muito desejável de cabelos soltos, querida esposa. – Disse ele.

- Desejável? – Indagou ele divertida ao olhar para ele sobre o ombro.

- Ah sim, muito desejável! – Disse ele

sorrindo e voltando os olhos para o jornal.

Alguns minutos depois...

- Tive uma ideia! – Exclamou ele. –  
Um desafio para você! – Falou ele  
através do jornal.

- E qual seria este desafio, querido  
marido? – Perguntou ela sem tirar os  
olhos das teclas do piano.

- Você acha que consegue tocar tão bem  
assim mesmo se estiver fazendo outra  
coisa ao mesmo tempo? – Perguntou ele.

- Se para fazer está outra coisa que  
você diz, eu não precisar usar as mãos,

então sim, posso tocar perfeitamente, meu foco é muito bom quando se trata do piano. – Respondeu ela continuando a tocar.

- Veremos... – Disse ele baixando o jornal em seu colo. – Nathan! Entre, por favor! – Gritou ele.

- Ah, não! – Exclamou ela parando de tocar e olhando para ele que sorria maliciosamente. - Mas isto é tortura! É um martírio! – Exclamou ela divertida sorrindo ao falar.

Nathan adentrou a sala e fechou a porta atrás de si.

- Sim, senhor?

- Satisfaça a Elise. – Ordenou Luís encarando Nathan.

- Agora?

Elise estava chocada, mudando o olhar de Luís para Nathan, e depois de Nathan para Luís conforme eles conversavam entre si.

- Sim, agora. – Respondeu Luís seriamente. – Eu a desafiei a continuar tocando piano perfeitamente enquanto você tenta satisfazê-la. Portanto, passe por baixo do piano e se posicione entre as pernas dela. – Ordenou ele

seriamente.

Elise estava chocada, com a boca entre aberta, olhando para Luís quando Nathan começou a se mover na direção do piano.

- Vamos, Elise, levante a saia do vestido, tire a roupa de baixo e abra as pernas. – Disse ele olhando para ela.

Elise o obedeceu levantando a saia do vestido na altura do quadril e se levantando brevemente para tirar a roupa de baixo, quando se livrou da peça, ela abriu as pernas e posicionou os dedos sobre as teclas do piano.

Nathan foi para a frente dela e a dirigiu um olhar malicioso. Ele estava sedento por ela já faziam alguns dias. Em seguida, se ajoelhou e se posicionou entre as pernas dela por baixo do instrumento musical, espalmando as mãos na parte exterior das coxas dela, segurando-as.

- Nathan, antes de você começar, para deixar mais interessante este desafio, se você a conseguir fazer errar uma nota sequer, eu irei te dar um cavalo para chamar de seu. – Falou Luís levantando o jornal para continuar a lê-lo.



- E Elise, querida, se você conseguir não errar uma nota se quer, então teremos torta de maçã para o jantar. – Disse Luís fazendo Elise sorrir e arrumar a postura no piano.

E para esta cena eu recomendo que você ouça a música “Crazy in love – Sofia Karlberg”

Nathan a lambeu no mesmo momento que Elise apertou a primeira tecla do piano. Ela começou a tocar a música enquanto ele a fazia dançar, como uma bailarina que pressiona a ponta do pé contra o palco, ela se pressionava contra

a boca macia dele. Os lábios carnudos dele se moviam fechando-se e abrindo-se sobre ela, como um beijo longo e profundo. Os dedos dela deslizavam sobre as teclas de forma leve e natural, mas conforme o ritmo da música foi aumentando, ficando mais intenso, indo em direção ao refrão, ela passou a tocar o piano com mais peso em suas mãos.

A música foi tomando conta dela, o corpo tremia tocando e dançando, ela criava arte em si. Nathan a conduzia, mas ela era a bailarina principal, dançando com emoção ela colidia sob o

palco rodopiando e flutuando sobre o ar que foi se tornando cada vez mais espesso. O ritmo ia crescendo e Elise deixou de ser tão delicada com o piano, os seus movimentos deixaram de serem calculados e passaram a ser uma resposta natural de seu corpo, ela já não tocava mais a música, mas sim a música era quem a tocava, ela só permitia que seu corpo dançasse freneticamente sobre o palco.

Nathan continuava ferozmente a acompanhando conforme o ritmo aumentava e ela dançava sobre ele. O

corpo de Elise tremia e ela continuava rodopiando e fluindo entre a música, até que ele a envolveu e a chupou mais freneticamente, fazendo com que ela gemesse se desmanchando de prazer em cima do palco, afundando todos os dedos nas teclas, afogando-se na sua própria música. Elise estremeceu deixando que a arte esvaecesse sobre ela, arfando de prazer, se debruçando para trás.

- Você perdeu o desafio, querida. — Disse Luís em pé atrás dela, baixando a cabeça para olhá-la.

Elise que estava com a cabeça tombada para trás, olhou-o e fechou os olhos sorrindo. Nathan saiu de baixo do piano e ficou de pé diante dos dois limpando o rosto na camisa. Luís pegou Elise em seu colo e a sentou no piano, ela o encarava quando ele rasgou a frente de seu vestido, revelando os seios dela. Os cachos loiros caíam sob os ombros de Elise, que o encarava com seus olhos claros e penetrantes.

- Olhe para você! Uma perfeita obra de arte, até os mamilos são coloridos com um perfeito tom rosado! – Exclamou ele

abrindo os braços. – Não concorda, Nathan? – Perguntou Luís virando-se brevemente para olhar a feição do homem que estava atrás de si do lado esquerdo.

- Sim, senhor. – Respondeu ele olhando para ela, que o encarou e depois desceu os olhos até uma parte que estava criando certo volume na calça dele, ela mordeu o lábio o fazendo estremecer.

- Perfeita! – Exclamou Luís levantando a cabeça após desabotoar sua calça. – Pode sair, Nathan. – Disse ele fazendo com que o outro homem deixasse a sala.

Ele se aproximou de Elise que o recebeu abraçando-o com as pernas e enlaçando os braços ao redor do pescoço dele.

Naquela noite, Elise deixou a cama onde Luís dormia tranquilamente, e nas pontas dos pés ela saiu do quarto fechando a porta atrás de si. Quando chegou ao final do corredor, virou à direita, parou em frente a porta segurando o candelabro em sua mão, bateu duas vezes seguidas e esperou.

- Elise? – Indagou Nathan coçando o olho ao abrir a porta.

- Venha! – Disse ela puxando-o pelo pulso.

Nathan deixou-a leva-lo até o andar de baixo, parando somente em frente a porta principal.

- Onde vamos? – Perguntou ele quando ela soltou o seu pulso.

- Segura! – Ordenou Elise lhe entregando o candelabro.

Elise sumiu por alguns segundos, mas logo voltou com um cobertor em seus braços.

- Vai! – Disse ela empurrando-o em direção a porta.



Eles saíram descalços na grama, Nathan apagou o candelabro deixando-o na varanda, e Elise passou a correr pelo jardim, contornando a casa até o jardim de trás. Ela ria enquanto corria e ele a seguia fazendo o mesmo.

- Elise! – Chamou ele. – Me espera!

- Você é muito devagar! – Retrucou ela fazendo-o rir.

Alguns segundos depois ele a passou correndo pelo seu lado direito.

- O que você disse? – Perguntou ele fazendo-a rir.

- E competitivo! – Disse ela parando

de correr. – Chegamos! Vamos me ajude.

Nathan a ajudou a estender o cobertor na grama e ambos se deitaram de barriga para cima.

- Fecha os olhos. – Disse ela, e ele a obedeceu. – Eu vou contar até dez, e então abrimos juntos. – Falou ela entrelaçando a mão na dele.

No dez, eles abriram os olhos e todas as estrelas surgiram diante deles, elas dançavam os entretendo em seu show particular.

- Nossa! – Exclamou ele.

- Gosto de imaginar que elas são como

as flores no jardim, cada uma brilhando do seu jeito natural de ser.

- São naturalmente lindas.

- Assim como eu! – Falou Elise sorrindo.

- Você? Com esse rosto feio? – Disse ele virando-se de lado na direção dela.

- Sim, eu mesma! – Respondeu ela fazendo o mesmo.

- Não é possível! Olha só esse nariz horroroso! – Falou ele tocando o nariz dela com a ponta do dedo. - E esses lábios exageradamente bem desenhados? Nunca vi nada mais feio! – Concluiu ele

sorrindo, fazendo-a rir.

- Olha quem fala! Com esses olhos escuros demais e essas sobrancelhas grosseiras! – Falou ela sorrindo e subindo em cima dele.

Elise posicionou as mãos no cobertor, ao lado das orelhas de Nathan, que agora estava com a barriga pra cima novamente. Os cachos loiros caíram como uma cascata ao redor do rosto dele, fazendo Elise sorrir.

- O que foi? – Perguntou ele enlaçando a cintura dela.

- Formaram cortinas. – Respondeu ela

se referindo ao cabelo. – Agora temos nossa suíte privativa.

- Ah, sim! – Exclamou ele sorrindo.

Elise sorriu e o beijou, Nathan aprofundou o beijo, e eles passaram a se tocar. Ela começou a ficar ofegante quando ele puxou a saia da camisola para cima, mostrando as nádegas de Elise para o céu estrelado.

Ela começou a beijar o pescoço dele quando ele puxou a bunda dela contra seu quadril. Elise sorriu, pois sabia o que estava prestes a acontecer. Poucos segundos depois eles se amavam,

completamente nus, sob o brilho das estrelas, dançando com elas uma linda valsa lenta.

A noite escura caía ao redor deles quando Elise se sentou espalmando as mãos no peito de Nathan. O quadril dela se movia involuntariamente no instante em que ele se sentou e ela cruzou as pernas atrás dele. Nathan a abraçou segurando sua nuca, Elise arfou para trás quando eles sincronizaram o ritmo. Abrindo os olhos, ela mordeu o lábio desejando gritar para as estrelas.

Algum tempo depois eles estavam

deitados de lado, vestidos, se entreolhando.

- Eu podia me perder nos seus olhos. – Disse ela enquanto ele acariciava seu cabelo.

- Eu estou perdido nos seus há muito tempo. – Respondeu ele.

- Eu te amo, Nathan. – Disse ela seriamente.

- E eu nunca deixarei de te amar, Elise. – Respondeu ele sorrindo.

- É sobre isso, Nathan, é sobre isso que as estrelas conversam! Sobre amor! – Constatou ela virando-se de barriga para

cima, rindo ele fez o mesmo.

- Claro que sim, sobre o que mais elas falariam?

E assim, os meses foram passando, o tempo parecia voar. Elise passava seus dias cavalgando, se banhando em um lago, plantando flores na estufa que Luís mandou construir para ela, tocando piano, lendo livros, dando festas, comparecendo em eventos, recebendo amigas em casa e visitando sua família no mínimo uma vez por semana. Nathan a acompanhava em praticamente todas estas atividades. E Luís estava com ela



em diversos destes momentos. O casamento já não lhe parecia tão ruim assim, na verdade era muito melhor do que ela imaginará. Na casa dela ela era livre, não havia ninguém lhe dizendo o que fazer, quando fazer, como se vestir e como se comportar.

No primeiro Natal casados, Elise e Luís estavam na sala principal, juntos de suas famílias, quando ele a presenteou com uma caixa grande e vermelha. Pintado, que já estava enorme, começou a farejar a caixa no chão ao lado de Elise. Ela abriu o presente animada, e

uma bolinha branca e peluda foi o que ela achou. Lá estava um filhote canino dormindo pacificamente, uma criatura pequenina envolta por pelos brancos como a neve, encolhida com um laço vermelho no pescoço, deitada no fundo da caixa. Elise sorriu e a pegou no colo com cuidado.

- Olhem que coisa mais fofa! –  
Exclamou ela se levantando.

- O nome dela é “Pérola” – Disse Luís se sentindo orgulhoso de si mesmo.

- Pérola... – repetiu Elise olhando para a criatura sonolenta em seus braços. –

Por que pérola? – Perguntou ela confusa.

- Por que você é como uma pérola para mim, preciosa e rara. – Concluiu ele se aproximando dela.

- Ah, que gentil! Obrigado! – Disse Elise beijando-o.

- De nada. – Falou ele envolvendo a cintura dela. - E também porque ela é pequena e branca, como uma pérola.

- Verdade! Eu amei!

Mais tarde, Elise colocava pérola em uma pequena cama improvisada ao lado da sua, quando Luís adentrou o quarto.

- Fico feliz que tenha gostado do seu

presente. – Disse ele se aproximando. Mas espero que você não a ame mais do que a mim!

- Mas é claro que não! Como eu poderia? – Falou ela rindo e voltando-se para ele, passando os braços sobre o pescoço de Luís e o beijando.

Alguns momentos depois, Elise estava quase dormindo quando Luís a enlaçou pela cintura, se posicionando atrás dela, e a abraçou fortemente.

- Tudo que eu quero é que você me ame, como minha mãe ama meu pai. – Sussurrou ele.

- Eu te amo. – Falou ela levando a mão para trás, fazendo carinho no cabelo dele.

- O suficiente para me escolher sempre? Antes de qualquer um? – Perguntou ele fazendo Elise hesitar por um momento.

- Sim. – Respondeu ela parando o carinho e posicionando a mão em cima da dele em sua barriga.

Elise sabia que estava mentindo, mas era uma mentira necessária para que outros amores não fossem prejudicados. Ela sabia que a escolha dependeria de

quais opções tivesse e em qual situação fosse. Sabia que o amor que ela sentia por Nathan estava no mesmo patamar do que o que ela sentia por Luís, e por isso não poderia escolher entre os dois. Também sabia que escolheria a si mesma antes de qualquer pessoa, é instintivo, e isso é melhor aceitar do que negar.

- Até mesmo da sua família? – Indagou ele fazendo-a refletir.

- Por quê está me fazendo essas perguntas? – Perguntou ela mudando de assunto e virando o corpo para ele.

Como já foi dito, Elise era uma péssima mentirosa, mas era ótima na arte da distração.

- O que houve?

- Não é nada...é só que minha mãe ama tanto o meu pai que...eu queria que minha esposa também me amasse assim, queria sentir esse amor.

- Como você sabe que ela o ama acima de todos? – Perguntou Elise olhando-o nos olhos.

- Uma vez, quando eu tinha cinco anos, tive um pesadelo e fui até o quarto dos meus pais, quando entrei, digamos que

eles estavam em um momento íntimo...meu pai me empurrou para fora e fechou a porta, fiquei lá até abrirem novamente. Naquela noite meu pai me bateu por ter interrompido, foi a primeira vez de muitas.

- Nossa, isso é horrível! Você só estava com medo... – Disse ela passando a mão sobre os cabelos escuros dele.

- Em todas as vezes que ele me bateu, minha mãe nunca o parou, nunca sequer o pediu para parar, ela ficava em silêncio, e aquele silêncio doía bem mais do que cada tapa. – Contou ele com



dificuldade.

- Sinto muito, querido.

- Quando fiquei mais velho, um pouco antes de te conhecer, ele veio me bater, me deu um soco no rosto na mesa de jantar, eu decidi dar um basta e me levantei puxando o braço para trás com o punho fechado, estava pronto para soca-lo quando ouvi minha mãe gritar se levantando, “Não! Por favor! Não o machuque! Não faça isso!”, naquele momento eu entendi que ela amava mais ele do que seus próprios filhos, ela o ama acima de tudo e de todos. Confesso

que senti inveja dele, de ter esse amor incondicional para si. Disse para mim mesmo que quando me casasse seria com alguém que me amasse assim, incondicionalmente. Mas tudo aconteceu como aconteceu e nos casamos antes mesmo de amar.

- É verdade, mas sinceramente eu acho esse amor que sua mãe tem por seu pai um tanto doentio, o amor é um sentimento livre, e a única pessoa a qual ele deve se prender é a nós mesmos, pois se não nos amarmos em primeiro lugar não teremos como amar os outros.

- Mas eu te amo, Elise, você é a única que eu amo! Você é o meu universo, meu mundo! Todos os dias quando acontece algo eu quero correr para te contar, desde de a hora que saio da cama conto os segundos para me deitar com você de novo, seu sorriso ilumina meu dia, te ver feliz é o que me faz feliz.

- Eu também te amo, meu amor, mas o que quero que você entenda é que somos capazes de amar de vários modos e que a maneira como sua mãe ama seu pai não é a mais saudável. Eu não assistiria uma pessoa que eu amo bater em outra

que também amo sem reagir, sem tentar impedir. Jamais, deixaria que batessem em meus filhos, por exemplo. – Concluiu ela acariciando o cabelo dele.

- Mas se não for para viver um amor assim, que rompe qualquer barreira, que é acima de tudo e de todos, então para que amar? – Indagou ele.

- A questão não é para que, o amor não é assunto da cabeça, é assunto do coração. – Falou ela tocando o espaço entre os peitos dele. - É para ser sentido e não questionado.

- E eu sinto, Elise! Eu sinto um amor

imensurável por você! – Falou ele abraçando-a. – Me diz que você sente o mesmo... – Sussurrou ele.

- Eu sinto, meu amor, eu sinto. – Disse Elise se sentindo culpada quando sua consciência a lembrou que seu coração também pertencia a outro.



# **Décimo segundo capítulo**

## *Um meio para o fim*

Conforme o tempo corria, Elise sentia cada vez mais apaixonada por Luís, e por Nathan também, tanto que os momentos em que ela e Nathan ficavam sozinhos começaram a ser mais frequentes.

Eles sumiam, e no início era só por alguns segundos, mas logo virou minutos que viraram horas. Depois de meses, ficaram bons nas desculpas, nos esconderijos, e nos passeios longe da

propriedade. Como dizem: “A prática leva a perfeição”, mas com isso eles foram ficando confortáveis de mais com o segredo que carregavam.

Luís que era um homem muito detalhista e observador, começou a reparar na forma que Elise e Nathan se olhavam, como sumiam e todas as vezes ninguém sabia onde eles estavam. Ele se sentia desconfiado de que Elise não estava apenas usando Nathan para satisfazer-se antes de estar com ele, mas sim que ela estava se apaixonando pelo empregado, e quem sabe até vivendo um



romance com ele.

Esta possibilidade deixava Luís atordado só de pensar, a sua amada não poderia estar amando outro, isso era inadmissível, e ele queria comprovar para si mesmo que estava errado e que Elise só tinha olhos para ele. Para que assim, sua mente o deixasse em paz novamente.

Certo dia, por volta das onze horas da noite, Luís seguia olhando para o teto, atordado ele virava o olhar para Elise a cada cinco minutos dizendo para si mesmo que estava paranoico, sem

conseguir dormir ele decidiu se levantar.

- Chame o Nathan. – Pediu ele para o guarda da noite que estava sentado no corredor.

Luís fechou a porta adentrando o quarto novamente, o guarda andou até o final do corredor, virou à direita, bateu três vezes na porta até que foi atendido e passou a mensagem que lhe foi dada. Em pouco minutos, Nathan adentrou o quarto e avistou Luís sentado na beirada da cama.

- Feche a porta. – Ordenou Luís se levantando. – Venha, vamos acordá-la. –

Falou ele puxando o lençol para fora da cama.

Assim, revelando o corpo de Elise, que dormia tranquilamente, vestindo sua camisola branca de algodão, com o cabelo preso em uma trança.

- Vamos! – Exclamou Luís sussurrando e levantando a camisola dela, fazendo-a resmungar sonolenta.

Em seguida, ele tirou a roupa íntima de Elise com a ajuda de Nathan que estava de joelhos sobre a cama.

- Pronto, comece! – Ordenou Luís se deitando ao lado de Elise.

Nathan se posicionou entre as pernas dela e começou a circular o ponto íntimo com a língua, após alguns segundos, Elise começou a mexer os quadris devagar, alguns instantes depois ela soltou um gemido e abriu os olhos devagar, sonolenta ela demorou a entender o que se passava, quando viu Luís deitado ao seu lado, ela passou o braço pelo pescoço dele o puxando para beijá-lo, ele retribuiu o beijo e ela mordeu o lábio dele, em resposta a isso, ele começou a massagear um dos seios dela.

Então, Luís lembrou-se do seu objetivo e se desvencilhou delicadamente de Elise, levantou-se e se ajoelhou ao lado das pernas dela. Enquanto isso, Nathan segurava as nádegas de Elise com as mãos espalmadas, e a devorava lentamente.

- Pare de lambe-la! Enfie o dedo nela e a encare. — Ordenou Luís sussurrando friamente.

Nathan parou, e o encarou confuso por um momento, em seguida se ajoelhou, e Elise olhou para Luís sem entender nada, então se comunicando com Nathan

pelo olhar ela perguntava pra ele o que estava acontecendo. Nathan fez o que lhe foi pedido e a feição dela foi de confusão para prazer em segundos.

- Fala para ela gozar pra você. – Ordenou Luís olhando para Elise.

- Goza pra mim, Elise. – Disse Nathan encarando-a, Elise revirou os olhos ficando mais ofegante. – Vamos, Elise, assim. – Falou ele investindo mais rápido.

Elise passou a rebolar depressa sem tirar os olhos dos de Nathan, até que ela se estremeceu suspirando ao deitar a

cabeça no travesseiro novamente. Nathan se levantou e começou a andar em direção a porta.

- Onde você vai? – Perguntou Luís. – Não mandei você sair. – Disse ele fazendo Nathan parar e voltar ficando ao lado da cama. – Não saia a não ser que eu mande. – Disse Luís se posicionando entre as pernas de Elise.

Luís a penetrou e ela arfou mordendo o lábio, ele a segurou pela cintura e investiu algumas vezes.

- Olha, Nathan! – Ordenou ele ao perceber que Nathan mirava o chão. –

Eu quero que você veja como ela é minha! Que você veja como eu a possuo!

Ele investiu mais forte fazendo ela gemer alto e enlaçar as pernas na cintura dele.

- Quero que você assista como ela me recebe, como ela gosta disso! – Disse Luís olhando para Elise que estava com as bochechas vermelhas e ofegante. – Você está vendo, Nathan? – Perguntou Luís segurando o rosto de Elise e virando-o para o empregado parado ao lado da cama, que permaneceu em silêncio. – Me responde! – Esbravejou



Luís.

- Sim, senhor.

- Ela é minha! – Disse Luís soltando o rosto de Elise e voltando a segurar ela pela cintura enquanto continuava a investir. – E eu posso fazer o que eu quiser com ela, Nathan, o que eu desejar! Certo?

- Sim, senhor. – Respondeu ele.

- Eu posso fazer com mais força! – Disse Luís investindo ferozmente. – Mais rápido! – Falou ele aumentando a velocidade. – Posso penetra-la em qualquer posição que eu quiser! – Disse

ele virando-a de bruços. – Posso bater nela! – Falou ele dando palmadas nas nádegas de Elise. – Veja como ela gosta! Olhe! – Ordenou Luís.

- Estou olhando, senhor. – Falou Nathan cerrando os pulsos ao lado do corpo.

- Ela adora que eu puxe o cabelo dela, assim! – Falou Luís puxando a trança de Elise, sem parar de penetra-la. – Eu posso até mesmo...- Disse ele virando-a de barriga para cima como na posição anterior. – Enforca-la, se assim eu desejar! – Falou ele envolvendo o

pescoço dela com uma das mãos passando a investir mais forte. – E ela adora isso!

Luís começou a penetra-la com mais força, fazendo Elise gemer, sem tirar a mão do pescoço dela, ele a beijou. Luís saiu de dentro de Elise e a virou de bruços novamente, ajoelhado ele a puxou pela cintura.

- Fique naquela posição que eu te ensinei. – Ordenou ele para Elise. – Isso! - Falou ele entrando nela novamente. – Eu posso inclusive penetra-la do jeito que eu quiser. –

Disse ele. – Olhe, Nathan, como ela fica gostosa nessa posição!

- Estou vendo. – Respondeu Nathan apertando os punhos com mais força.

- Ah sim, e sabe o que eu gosto de fazer nessa posição? Bater na bunda dela até ficar vermelha como as bochechas! – Falou Luís.

Ele começou a dar palmadas nas nádegas de Elise, cada tapa era um grito que ela soltava e Nathan piscava forte os olhos toda vez que ouvia o estalo, até que a área foi sendo pintada de carmim. Luís passou a investir mais rápido e os

tapas seguiram o ritmo, Elise gritou mais alto quando a pele começou a arder. Ela levou as palmas das mãos aos glúteos, colocando os braços para trás e apoiando a bochecha no colchão, tentando proteger a área. Luís parou com os tapas e voltou a segurar o cabelo dela, fazendo Elise relaxar as mãos ao lado do corpo, e voltar a gemer.

Nathan foi ficando enfurecido, enquanto Luís carregava uma feição cheia de prazer. Até que Nathan explodiu dando um soco de direita no rosto de Luís fazendo-o cuspir sangue e

cair na cama desmaiado. Elise olhou para Nathan horrorizada, enquanto ele encarava Luís com ódio estampado no rosto. Elise sentou-se na cama puxando a camisola para si, sem tirar os olhos de Nathan, ela passou a camisola pela cabeça, e confusa se aproximou de Luís. O outro continuava com o punho cerrado e ofegante quando ela entrou no campo de visão dele.

- O que você fez? – Gritou ela olhando para ele ao segurar a cabeça de Luís.

- Se afasta dele. – Falou Nathan entre os dentes.

- Mas o que foi isso? - Perguntou Luís atordado passando a mão pelo lábio inferior e olhando para o sangue.

- Se afasta dele Elise! – Esbravejou Nathan.

Luís recobrou a consciência se lembrando do que acabará de acontecer, ele se sentou na cama passando o braço pela frente de Elise, colocando-a atrás de si, e se levantou ficando de frente para Nathan.

- Eu vou acabar com você, seu idiota!  
– Esbravejou Luís. – Você não tem noção da merda que acabou de fazer!

Primeiro você vai apanhar por ter me batido, depois por ter assustado Elise, e por último por ter feito ela se apaixonar por você! Quando eu acabar, você vai estar morto! — Falou Luís tranquilamente.

- O que? — Perguntou Elise confusa por Luís ter dito que ela estava apaixonada por Nathan, ele não deveria saber disso.

- Fica quieta antes que a minha raiva se estenda até você! — Esbravejou Luís sem olhar para ela.

- Não ouse tocar nela! — Falou Nathan com os dentes cerrados.



- Eu faço o que eu quiser com ela! Ela é minha! – Gritou Luís acertando Nathan com um soco na costela.

Nathan cambaleou e Luís socou o rosto dele, na segunda vez, Nathan desviou e acertou Luís em cheio. Elise saiu da cama se afastou dos dois sem saber o que fazer, ela pensou em lançar alguma coisa neles para que a briga parasse, mas não queria machucar nenhum dos dois, e foi aí que ela começou a chorar de nervosismo.

- Parem, por favor! Parem com isso! – Gritou ela entre as lágrimas.

Luís chutou Nathan fazendo com que ele caísse no chão com um baque estrondoso, aproveitando o momento Luís subiu sobre Nathan e começou a socá-lo no rosto repetidas vezes.

- Pare! Por favor! Você vai matá-lo! – Gritou Elise correndo na direção deles. – Por favor! Eu o amo! Por favor! – Implorou ela segurando o braço de Luís com toda sua força.

- Você o que? – Perguntou ele dirigindo o olhar para ela.

Neste momento, te recomendo que ouça a música “Birdy – Skinny Love”.

Elise engoliu em seco, Luís saiu de cima de Nathan que estava desmaiado no chão, e ficou de pé na frente dela.

- Você o que? – Esbravejou ele pegando-a pelo pescoço.

- Eu o amo. – Disse ela entre as lágrimas.

- Como você ousa, Elise? – Esbravejou ele jogando-a no chão bruscamente.

Chorando, desesperada, ela tentava pensar em um jeito para acalmar Luís. Os olhos dela passavam de Nathan desmaiado sobre o tapete, para Luís que andava de um lado para o outro bufando.

- Luís, por favor, se acalme, eu também te amo! – Exclamou ela.

- Isso não existe, Elise! – Berrou ele. – Você só pode amar um homem na sua vida, de preferência o seu marido! Com certeza você ama mais um dos dois e só de pensar que pode ser ele...- Esbravejou ele apontando para Nathan.

- Luís, por favor! Isso não precisa acabar mal! Por favor, olha pra mim! – Pediu ela chorando, tentando acalmar a si mesma.

- Cala boca! – Gritou ele com as mãos na cabeça.

Luís andou até a porta do quarto e a abriu com brutalidade, ele saiu do cômodo pisando forte pela casa. Quando Elise o ouviu descer as escadas, ela engatinhou até Nathan, segurando o rosto ensanguentado entre suas mãos tentando acordá-lo.

- Vamos, Nathan, por favor, volte pra mim! – Implorava ela entre as lágrimas com o pingente de pêssigo balançando sobre seu busto conforme tremia. – Por favor, Nathan, por favou! – Sussurrou ela encostando a testa na dele.

- Elise? – Resmungou ele. – Você está

bem? – Perguntou envolvendo a cabeça dela com as mãos, manchando os cachos loiros de vermelho.

- Sim, sim! – Exclamou ela quando uma lágrima escorreu até o ponta do nariz.

- Temos que fugir! Onde ele está? – Perguntou Nathan com os olhos arregalados.

- Não sei...ele...ele saiu.... desceu! – Falou ela com a voz embargada.

- Temos que ir! Vamos! – Exclamou Nathan se levantando e puxando-a com ele.

- Vocês não vão a lugar algum! –

Exclamou Luís na porta do quarto apontando uma arma para eles.

Elise se assustou e apertou forte a mão de Nathan, que foi para a frente dela sem soltá-la.

- Vocês não se amam? Não querem passar a eternidade juntos? Pois, eu irei realizar o sonho de vocês! Aqui e agora!

– Disse Luís dando dois passos na direção deles.

- Luís, por favor, se acalme. – Pediu Elise saindo detrás de Nathan.

- Elise! Volta! – Ordenou Nathan entre os dentes.

- Isso, Elise, faça o que ele manda!  
Fica mais fácil para acertar os dois!

- Luís olha pra mim, sou eu, sua Elise, abaixa a arma. – Pediu ela com as mãos espalmadas para cima se aproximando lentamente dele, ficando entre ele e Nathan. – Por favor, eu te amo! Para com isso, por favor! Por mim!

Ele mantinha a arma apontada para frente, com Elise em sua mira, os olhos iam grudados aos dela conforme ela se aproximava dele. Quando Elise finalmente chegou perto, ela colocou as mãos sobre as dele na arma.



- Eu te amo. – Sussurrou ela entre as lágrimas que corriam silenciosamente sobre o seu rosto, enquanto empurrava a arma para baixo.

Luís balançou a cabeça de um lado para outro em negação, quando a mira estava apontada para o chão, Elise suspirou aliviada, e Luís em um ato único envolveu o pescoço dela com sua mão livre, jogando-a contra o batente da porta, fazendo o corpo colidir com a madeira sem tirar a mão do pescoço dela. Elise fechou os olhos com força ao sentir a dor do baque. Ele se aproximou

dela levando o bico da arma até a têmpora de Elise, apertando o pescoço entre seus dedos foi para perto de rosto dela, fazendo-a levar as mãos sobre a dele, tentando se livrar daquela angustia.

- Luís...você...está me machucando. – Disse ela tentando puxar a mão dele para baixo.

- Acredite, Elise, você está me machucando muito mais! – Sussurrou ele perto o bastante para que ela sentisse sua respiração. – Você me enganou, mentiu pra mim... Você me fez de idiota! – Esbravejou Luís gritando contra o

rosto dela.

Elise passou a chorar incessantemente, e Luís fechou os olhos por alguns segundos quando as lágrimas escorreram tocando a mão dele.

- Eu não acredito que você fez isso comigo! Eu te amava tanto, Elise, tanto! – Lamentou ele com os olhos fechados, a testa encostada na dela, enquanto lágrimas começaram a escorrer pelo rosto dele.

- Eu te am...- Ela tentou dizer, mas ele apertou o pescoço dela com mais força.

- Não ouse mentir pra mim! – Gritou

ele. – Já chega! – Esbravejou. - Adeus, Elise. – Falou ele apertando o cano da arma contra a cabeça dela.

- Não! – Gritou Nathan.

- Eu...eu....estou...- Falou Elise com dificuldade chamando a atenção de Luís. – Grávida! – Exclamou ela, fazendo-o ficar confuso. – É....seu – Confessou ela finalmente.

Luís encarou-a por alguns segundos, até que ele a soltou bruscamente, Elise caiu no chão puxando o ar com força para dentro de seus pulmões. Ele começou a andar de um lado para o

outro desesperado, batendo em sua própria cabeça com ambas as mãos, sendo que em uma delas segurava a pistola.

Elise o seguia com o olhar enquanto tentava recuperar o fôlego, ela viu Nathan tentar se aproximar dela e balançou a cabeça em negação, mostrando para ele que não era uma boa ideia, suplicou com o olhar para que ele ficasse onde estava. Luís caiu de joelhos no chão chorando compulsivamente com a cabeça abaixada. Até que ele levantou o olhar para Elise e enfiou o cano da

arma na boca, posicionando o dedo no gatilho. Ela por sua vez levantou-se, no mesmo instante, correndo até ele, se ajoelhando na frente dele, ela envolveu o rosto de Luís com as mãos espalmadas.

- Meu amor, não faça isso, vai ficar tudo bem, nós vamos ficar bem! – Disse ela com a voz embargada olhando nos olhos dele.

Luís chorou balançando a cabeça de um lado pro outro olhando para o chão.

- Vai sim, juntos nós vamos conseguir! – Disse Elise entre o choro.

- Deixe-o, Elise. Vamos embora! –  
Falou Nathan calmamente se aproximando deles, mas Elise não tirou os olhos dos de Luís. – Elise! – Chamou Nathan puxando-a pelo braço.

- Não! – Esbravejou ela se desvencilhando dele. – Eu não posso deixá-lo assim! – Disse Elise encarando Nathan ao seu lado. - Não vou abandoná-lo! Assim como não faria o mesmo com você! – Exclamou voltando o olhar para Luís que chorava desesperadamente com a arma em sua boca.

- Vamos, Elise! A gente dá um jeito nessa criança, e depois vamos viver felizes longe daqui! – Disse Nathan tentando convencê-la a soltar Luís, mas ela o ignorou.

- Luís, por favor, fique comigo, não faça isso, nós vamos ser felizes juntos, vamos construir uma família! – Falou Elise fazendo com que Luís finalmente levantasse o olhar, encontrando com o dela. – É verdade, meu amor, nós vamos ter um filho, ele vai ser a coisa mais linda desse mundo, e nós vamos ser muito felizes juntos. – Disse ela. –



Juntos! – Repetiu.

Elise envolveu a arma com as duas mãos e a tirou da boca de Luís lentamente enquanto falava do futuro para ele, tentando o convencer, por fim ele soltou os braços ao lado do corpo e abaixou a cabeça cansado. Em um impulso ela o envolveu em um abraço, ele respondeu abraçando-a de volta. Nathan se sentiu decepcionado e magoado com aquela cena, lágrimas escorreram pelos olhos dele, molhando suas bochechas.

- Como você quiser... – Disse Nathan

para Elise, dando as costas para eles e se afastando em direção a porta.

- Deixe-o ir. Por favor. É só isso que eu te peço. – Sussurrou Elise no ombro de Luís enquanto as lágrimas rolavam silenciosamente pelo rosto dela.

- Nunca. – Respondeu ele levantando a mão em posse da arma, mirando em Nathan, e atirando em sua cabeça antes que ele cruzasse a porta.

Neste momento, eu aconselho que você ouça a música “Breath me” da Sia.

~~~~~  
Elise estremeceu dos pés à cabeça com o estrondo da bala sendo expulsa do

cano da pistola.

Piiiiiiiiiii. Um zumbido estridente soou em meu ouvido e o horror tomou conta do meu corpo, foi como se minha alma se esvaziasse. Senti medo como nunca havia sentido antes, minha consciência gritava me pedindo para reagir, mas nos primeiros segundos eu me esqueci até mesmo de respirar, preendi o fôlego sem perceber. Eu queria me mexer, mas não conseguia. Eu queria gritar, mas voz alguma saía. As lágrimas salgadas pararam de rolar, por que eu me esqueci de chorar. O mundo parecia ter sido

congelado por alguns instantes, até que, foi como se eu tivesse tomado um choque.

Me desvencilhei de Luís e me virei com pavor do que poderia ver, quando o encontrei minhas pernas enfraqueceram, eu queria correr, mas não conseguia ficar de pé, como não havia outro jeito eu engatinhei até ele o mais rápido que pude, o encontrei no chão, o corpo mole, o sangue manchando o tapete, criando uma poça cada vez maior. Eu levantei a cabeça dele apoiando-a sob meu colo e chamei por ele, na primeira tentativa

minha voz saiu tão baixa quanto um sussurro por mais que eu desejasse gritar. Chamei por ele, mas ele não me respondia, nem mesmo se mexia.

O desespero tomou conta de mim. Passei a sacudi-lo, mas de nada adiantou. Eu gritei, gritei para que todos os deuses me ouvissem, para que fizessem algo, para que o devolvessem para mim, eu implorei para eles, mas não obtive respostas. Chorando eu o beijei, e senti a morte levá-lo para longe de mim. Eu tentei segurá-lo, mas ela era mais forte que eu. Eu o agarrei em meus

braços pedindo para que o tempo me ouvisse, que regredisse, que me desse uma segunda chance. E a morte me respondeu dizendo que dos dois, um amor eu perderia hoje, e que a minha escolha foi a arma para este crime. Eu gritei com ela, mas ela me ignorou,  levando-o para longe de mim em sua carruagem de neblina.

- Você é um monstro! – Esbravejou Elise olhando para Luís, que estava ajoelhado no mesmo lugar vendo a cena que acontecia em sua frente. – Sai daqui!

– Gritou ela furiosa, mas ele não se mexeu.

Lúcia, que estava a cinco minutos lutando contra o guarda para que ele a deixasse passar, adentrou o quarto desesperada procurando por Elise, ao se deparar com aquela cena ela correu até a amiga e se ajoelhou ao seu lado.

- O que aconteceu? – Perguntou ela sussurrando incrédula quando as lágrimas começaram a rolar pelo seu rosto.

Elise chorava incontrolavelmente sobre o peito de Nathan, abraçando-o.

Lúcia colocou a mão nas costas de sua amiga na tentativa de fazê-la perceber sua presença.

- O que aconteceu? – Repetiu Lúcia mais alto.

- Ele...ele o matou! – Falou Elise entre os soluços.

Lúcia virou a cabeça para ver Luís, que continuava imóvel. Em seguida, ela olhou para Nathan tentando digerir tudo aquilo, chocada e profundamente triste ela entendeu que naquele momento ela não podia se deixar abater pela morte de seu amigo, mas sim que precisava ser o

suporte de Elise, que precisava segurá-la antes que ela caísse.

- Elise, – Começou ela baixinho. – Vamos, nós precisamos sair daqui. – Falou Lúcia acariciando as costas de sua amiga, mas Elise a ignorou.

-Venha, Elise, vamos. – Tentou ela novamente, puxando o braço da amiga.

Elise se levantou se desvencilhando de Lúcia, ela respirou fundo, andou até Luís e pegou a arma apontando-a para ele.

- Seu monstro! – Esbravejou ela. – Como você pode? Seu covarde! – Gritou ela com as lágrimas escorrendo pelas

bochechas.

- Eu não podia deixá-lo ir sabendo que um dia ele voltaria para te buscar. – Disse Luís calmamente.

- Você é doente! Isso não é amor, Luís, isso é doentio! – Exclamou ela.

- Chame do que quiser, Elise. – Falou ele se levantando.

- Você é monstro nojento! – Esbravejou ela.

- E o que você vai fazer? Atirar? Então atira, Elise! Atira! – Gritou ele abrindo os braços.

Elise foi tomada por um silêncio

mórbido, ela olhou para trás por cima do ombro, por alguns segundos, olhando para Nathan ensanguentado no chão. Fechando os olhos com força, ela tentou apagar aquela imagem de sua mente, e Nathan sorrindo naquele dia ensolarado com um pêssigo na mão, veio a sua memória. Elise abriu os olhos voltando-se para Luís, e passando o braço sobre a ponta do nariz enxugando-o.

- Apertar este gatilho...- Começou ela. — é o meu maior desejo agora, mas isto não vai trazê-lo de volta para os meus braços. Só vai me afastar mais de mim

mesma. – Concluiu ela. – Vá embora Luís!

- Mas esta é a minha casa! – Exclamou ele.

- Cala a boca! – Gritou ela. – Vá embora antes que eu comece a atirar em cada membro seu! Posso não te matar, mas com certeza vou te torturar! – Esbravejou ela. – Vai embora agora! E nunca mais volte!

- Mas e o nosso filho? – Perguntou ele se aproximando dela.

- Ele não precisa de um monstro como pai! Se você der mais um passo eu vou

atirar no seu pé! Vai embora antes que eu me arrependa de não te matar!

- Elise, isso vai passar... nós vamos passar por isso juntos e...

- Você não me ouviu? Vai embora! Não quero olhar pra você! Eu tenho nojo de você! – Gritou ela.

- Não, você não tem... – Disse ele dando mais um passo. – Nem mesmo tem coragem de atirar.

Elise apertou o gatilho mirando em um vaso que estava à esquerda de Luís, logo atrás dele, fazendo-o pular de susto e olha-la com os olhos arregalados.

- Vai embora! – Esbravejou Elise.

Luís andou até a porta em silêncio, e ela o seguiu mirando a pistola na direção dele conforme ele se movia.

- Eu vou, mas voltarei para você, Elise. – Disse ele ao cruzar a porta e olha-la pela última vez naquela noite.

~~~~~  
Ao perdê-lo de vista, Elise despencou no chão se desvencilhando da arma. Arrasada, ela levou as mãos ao rosto chorando inconsolavelmente, Lúcia correu até ela envolvendo-a em um abraço terno.

Os momentos que se seguiram ao meu

redor foram como se estivesse em uma bolha, os sons estavam afastados e abafados, o abraço de Lúcia era a única coisa que me mantinha na Terra, que me impedia de desaparecer. Eu me agarrava a ela como se dependesse disso para respirar, para viver. Meus olhos estavam embaçados por causa das lágrimas, mas por cima do ombro de Lúcia eu vi os empregados carregarem o corpo mole de Nathan para fora do quarto, apertei as costas de Lúcia mais forte, quando eles o afastaram de mim, eu queria lutar, correr atrás dele, mas de que adiantaria?

Ele já não estava mais ali, ou aqui, ou em qualquer lugar. E isso me fez chorar mais ainda.

Uma das moças limpava o sangue dele espalhado pelo chão quando Pintado adentrou o cômodo correndo em minha direção com suas orelhas ao vento. Ao vê-lo, lembrei do dia em que Nathan o nomeou e senti meu coração ficando minúsculo. Um vazio enorme tomou conta de mim, meu peito estava tão deserto que parecia ter uma corrente de ar dentro dele. Chorar não adiantava de nada, e nem mesmo iria trazê-lo de



volta, e isso me fazia chorar cada vez mais. Nada o traria de volta.

E assim eu me tornei inconsolável, me perdendo dentro de mim mesma, eu estava afogando, gole após gole, caindo lentamente até o fundo do oceano, fui perdendo o ar, o fôlego, a vontade de viver, de andar, de comer, de ver o dia acontecer.

Viver em um mundo em que eu não fosse ver aquele sorriso aparecer entre seus lábios cheios, seus olhos brilharem quando falava de algo que o animasse, o prazer em seu rosto ao morder uma boa

torta de maçã, nunca mais sentir o seu abraço quente, ou o seu beijo macio. Não poder chamar por seu nome e vê-lo se virar, não poder te contar os meus segredos, nem mesmo respirar o mesmo ar que você. Nunca mais sentir o seu amor.

De nada me valia viver neste mundo, sem você.





# Décimo terceiro capítulo

## *O fim*

Nos dias seguintes, Elise mudou de quarto, ocupando um cômodo da ala oposta. Ela não saiu da cama, não trocou de roupa, nem mesmo tomou banho, até o dia do enterro, no qual foi de camisola alegando que sua roupa não importava.

Enquanto o enterravam, Elise chorava silenciosamente nos braços de Lúcia, quando acabou ela ordenou que não mexessem nas coisas dele, que deixassem o quarto dele trancado.



Na semana que se seguiu, Elise continuou sem sair da cama, Pintado e pérola ficavam com ela o tempo todo, enquanto Lúcia a visitava diversas vezes ao dia.

~~~~~  
Tudo me lembrava dele e eu já não me sentia mais sufocada porque até mesmo lutar para respirar parou de fazer sentido. A luz do Sol já não brilhava mais tão forte como antes, as cortinas estavam sempre fechadas e eu me deixava inundar pela escuridão que me cercava.

Três meses se passaram e Elise continuava sem sair de seu quarto. Até que certo dia, Lúcia entrou com uma escada e a colocou do lado da janela. Após terminar, o cômodo foi invadido pela luz do Sol, que iluminou cada canto daquele espaço, chegando até o rosto de Elise.

- Bom dia, senhorita Elise!

- Bom dia, Lúcia - Resmungou virando para o outro lado e escondendo o rosto do sol.

Lúcia soltou um sorriso ao se lembrar de como aquela cena era corriqueira há

um bom tempo atrás.

- Vamos, Elise! O seu banho está pronto! – Disse Lúcia jogando as cortinas ao chão.

Elise finalmente se deu conta do que se passava saindo do seu estado de sonolência.

- Lúcia! – Exclamou ela se sentando na cama. – O que você está fazendo? Já te disse que as cortinas devem ficar fechadas! Sempre fechadas!

- Ah sinto muito, senhora, mas é que as cortinas quebraram.

- Quebraram? Como assim? – Indagou Elise incrédula.

- Queimaram, foram roídas por traças, pararam de funcionar, tanto faz, a questão é que, não temos mais cortinas! E também estão em falta no mercado então infelizmente não poderemos comprar outras.

- Lúcia! Para de graça! – Exclamou Elise voltando a se deitar. - Coloca as cortinas no lugar e deixa-as fechadas!

- Sinto muito, senhora, estão sujas de lama! – Falou Lúcia jogando as cortinas da varanda, fazendo-as cair na grama.

Elise resmungou cobrindo a cabeça com o lençol. Pintado e Pérola se animaram e começaram a pular na cama.

- Vamos! – Exclamou Lúcia puxando-a pelo pé para fora da cama, mas parando antes que ela caísse no chão.

Elise se sentou na beirada tirando o cabelo do rosto.

- Porque você está tão empenhada em me torturar nesta manhã, Lúcia? – Reclamou ela.

- Está bem, eu ia te fazer tomar banho, se trocar e te levar até lá, mas acho que

se você ver primeiro, as outras tarefas serão mais fáceis. – Confessou Lúcia na frente da amiga.

- Ver o que Lúcia? – Resmungou Elise impaciente.

- Venha! – Exclamou Lúcia a puxando pelo pulso.

Elise se levantou da cama relutante e deixou-se levar por Lúcia, convencida de que assim ela a deixaria em paz.

- Feche os olhos! – Exclamou Lúcia quando se aproximaram da varanda.

Elise a obedeceu mesmo sem entender

como a amiga queria anima-la levando-a para a parte externa do quarto, sendo que de lá dava para ver onde Nathan havia sido enterrado. Ela pediu para enterrarem ele no jardim dos fundos para que assim ela pudesse vê-lo de seu quarto, mas agora acabou percebendo o quanto mórbido aquilo parecia.

- Vem! – Disse Lúcia puxando-a para frente. – Pronto, agora, para! – Ordenou ela. – Muito bem! Agora, abre os olhos.

Elise obedeceu. No primeiro momento ela olhou para o que estava bem a sua frente, em cima de onde Nathan estava

enterrado, a mais ou menos, oitenta metros a sua frente, e se perguntou o que era aquilo. Mas em instantes ela percebeu que reconheceria aquilo em qualquer lugar do mundo.

- É um pessegueiro? – Indagou ela sem tirar os olhos da árvore.

- Sim, um pequeno pessegueiro! – Exclamou Lúcia animada.

- Como....como você? – Perguntou Elise confusa.

- Eu e os outros empregados da casa nos juntamos para comprá-lo, em

homenagem a ele, para você. – Respondeu Lúcia passando o braço pelo ombro da amiga.

Por alguns minutos, Elise permaneceu em silêncio. Até que uma lágrima rolou por sua bochecha e ela virou o rosto para ver Lúcia que também olhava para frente e fez o mesmo.

- Obrigado. – Disse Elise por fim olhando para a amiga com os olhos cheios de lágrimas.

Lúcia sorriu com os lábios fechados, dizendo mentalmente para a amiga que não foi nada, e que ela entendia a sua

dor, se emocionando Lúcia deixou uma lágrima cair por sua bochecha.

- Chega de lágrimas, Lúcia. – Disse Elise enxugando a bochecha dela com as costas da mão e retribuindo o sorriso.

- Chega de lágrimas. – Concordou Lúcia.

- Venha, meu banho me espera! – Exclamou Elise puxando Lúcia pelo pulso. – Quero colocar um vestido bem bonito com uma fita branca no cabelo!

Depois daquele dia, Elise voltou a se banhar, a se trocar e a usar fitas em seus

cabelos cacheados. Depois do café da manhã, ela caminhava até o pequeno pessegueiro, o regava e sentava-se ao seu lado, lia livros para ele e contava seus sonhos mais loucos.

Ela voltou a visitar sua família e a receber visitas, voltou a passear pela cidade, a dar festas e ir em eventos. Voltou a viver sua vida, a nadar no lago e cultivar flores.

O tempo passou depressa levando a dor consigo, devolvendo a Elise a alegria de viver, dando a ela uma nova vida, um novo propósito. Ela viu Luís

algumas vezes neste meio tempo, ele estava lá quando o menino que Elise carregava em seu ventre nasceu, ele aparecia e se mantinha distante, olhando-os de longe, sempre com uma feição séria no rosto. Ele se mudou para outra de suas propriedades e os visitava cerca de uma vez ao mês. Elise não o odiava, já havia aprendido a perdoá-lo, mas ele não parecia ter perdoado a si mesmo.

- Venha, meu amor, hoje vamos ler um livro de herói! – Falou Elise para o menino que segurava o seu dedo com

toda sua mão, cambaleando ao lado dela.

Pintado e Pérola, os seguiam em direção ao pessegueiro rodeado de crianças que viviam ali perto e sempre chegavam a tempo da hora da história. Sentaram-se todos em baixo da grande árvore que havia crescido depressa dentro daqueles dois anos e já estava enorme. Elise sentou-se cruzando as pernas, colocando o filho em seu colo, e abrindo o livro a sua frente.

- Todos prontos?

Pintado e Pérola se aconchegaram no

colo dos pequenos, e quando todos já estavam sentados sobre a sombra da árvore, as crianças balançaram a cabeça insinuando que estavam que sim.

- Vamos lá! Preste atenção, pequeno pêssego! – Disse Elise acariciando o cabelo loiro e cacheado do filho.

Ela olhou para as crianças a sua frente, que a miravam ansiosas e se preparou para contar a história.

– Era uma vez...



E então? Gostou?

Estou ansiosa para saber o que você achou da história de Elise! Me conta tudo nas redes sociais, tenho uma página só para dividir minhas histórias com o mundo!

Essa aqui @ashistoriasdegss

Obrigado por ler uma de minhas histórias, agora o meu primeiro livro publicado também faz parte de você, e é um prazer compartilhá-lo contigo!

~~~~~  
Obrigado por fazer parte da minha história, sou muito grata a você!



Sobre a autora:

Gabriela de Souza Santos, tem vinte dois anos e escreveu seu primeiro livro com catorze anos, uma ficção infantojuvenil, que não publicou na época, apesar de ter sido aceita por algumas editoras.

Graduada em Design de Moda, e é

fascinada por essa área, mas as histórias nunca pararam de surgir. Gabriela, que se alto intitula uma romântica incurável, depois de muitos anos decidiu voltar a escrever e prosseguir com sua carreira literária, pois um de seus maiores sonhos é ter pessoas que leem as suas histórias.

Brasileira, nascida e criada na capital de São Paulo, ela segue morando com seus pais e seu irmão mais novo. Adora ler, desenhar, fazer yoga, estudar e contar histórias, como esta que você acabou de ler.

